

UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU
Coordenadoria de Pós-Graduação Stricto Sensu em Filosofia

INTERPRETANDO RELAÇÕES:
UMA LEITURA DA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA EM FOUCAULT

Luís Sérgio O. P. Lico

São Paulo - 2008

UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU
Coordenadoria de Pós-Graduação Stricto Sensu em Filosofia

INTERPRETANDO RELAÇÕES:
UMA LEITURA DA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA EM FOUCAULT

Dissertação apresentada à Coordenadoria de Pós-Graduação da Universidade São Judas Tadeu como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Orientadora: Profa. Dra. Yolanda Glória Gamboa Muñoz

Luís Sérgio O. P. Lico
São Paulo - 2008

Ficha Catalográfica

Lico, Luís Sérgio Oliveira de Paula

Interpretando Relações: uma Leitura da Análise Arqueológica em Foucault /
Luís Sérgio Oliveira de Paula Lico - São Paulo, 2008.

135 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2008.

Orientador: Profa. Dra. Yolanda Glória Gamboa Muñoz.

1. Relações - Foucault. 2. Arqueologia das Ciências Humanas. 3. Instrumentos.

I. Título

CDD – 121.68

Dedicado a:
Emília Lopes de Oliveira, por 97 anos de amor incondicional e a
Márcia Cristina Vasconcelos, por ter me amparado até aqui.

Agradecimentos

Ao redigir estes agradecimentos, além dos amigos, tenho em mente a Universidade São Judas Tadeu por oferecer a oportunidade de estudar Filosofia e ao Programa de Bolsas da CAPES, através do qual houve a possibilidade de realizar esta pesquisa. Ao agradecer as instituições, dirijo-me também à memória do Prof. Alberto Mesquita, cuja disposição testamentária permite até hoje um programa de bolsas para esta disciplina; sem esta grata benesse, não poderia ter seguido adiante. Da mesma maneira, recordo o corpo docente, empenhado no estímulo ao conhecimento, além dos departamentos de Graduação e Pós-Graduação. Lembro também da Prof^a. Neusa Perez Cardim que efetuou a revisão gramatical e contribuiu com suas sugestões para uma maior objetividade no texto da dissertação.

De maneira especial, agradeço ao carinho, paciência, conhecimento e dedicação de minha orientadora Prof^a. Dra. Yolanda Glória Gamboa Muñoz, cuja generosidade em muito contribuiu para que nossa investigação não se detivesse apenas na mera citação ou paráfrase de comentadores. E sim, buscasse olhares transversais e perspectivas que pudessem evitar as zonas de conforto, os acomodamentos acadêmicos ou qualquer sufocamento de viés apático e normativo. A ela devo mais que apenas a orientação e tutoria. Dificilmente teria chegado até aqui, se não tivesse durante a graduação e a pós-graduação, seu exemplo de docente e pesquisadora, beneficiando-me de seu amplo domínio dos mais diversos saberes.

Se hoje concluo esta pesquisa, vencidas tantas etapas é porque, muitas mãos se estenderam ao meu encontro. Reconhecer a importância deste amparo recebido, não pode se esgotar num mero ato enunciativo, apenas num dizer. Assim, além do imperativo ético, do coração emerge um forte sentimento intuitivo, pedindo que sejam depositadas sobre todos os que representaram a bonança e a bonomia - durante o árduo trajeto -, uma miríade de graças.

Neste momento, um torvelinho de imagens privilegiadas inunda-me por dentro, quase todas se referem àqueles que ainda estão na transição da matéria, podendo ser nomeados e os profundos afetos que saudosamente habitam a imortalidade da memória.

Deus os Abençoe!

Luís Sérgio Oliveira de Paula Lico

Resumo

Esta dissertação retoma aspectos da discussão sobre a mobilidade das *epistémês*, sugerida desde o prefácio de *As Palavras e as Coisas*, e se concentra nas críticas sobre o “positivismo radical” de Michel Foucault, à época de sua publicação. Refletindo transversalmente sobre a metodologia arqueológica, buscaremos aclarar como Foucault, em sua proposta de uma arqueologia das ciências humanas, recusa a interpretação do conhecimento como construído e sedimentado por movimentos dialéticos, progressivos e em busca de sua formação definitiva. Os cortes, mobilidade, história, limiares epistêmicos em suas configurações de saberes, instrumentos arqueológicos de análise e as contradições apontadas pela crítica e círculos de epistemologia a este modo de investigação são nossos objetos fragmentados de pesquisa. Neste trajeto apontaremos como é problematizada a leitura sobre as *epistémês* em relação às suas transformações e como Foucault responde a seus interlocutores, em especial sobre os textos que se encontram reunidos na coletânea *Análisis de Michel Foucault*.

Palavras-Chave: Foucault – *Epistémês* – Mobilidade - Positivismo

Abstract

This essay retakes aspects of the quarrel about *epistémês* mobility, suggested since the preface of *The Order of Things* and concentrates itself on the critical reception about Michel Foucault's "radical positivism" at time of its publication. Reflecting transversally on the archaeological methodology we will try to enlighten as Foucault, in its proposal to build such archaeology of human sciences, refuses the interpretation of the knowledge as like constructed and regimented by dialectics, or gradual movements searching its definitive formatting. The cuts, mobility, history, epistemic thresholds in its knowledge configurations, archaeological instruments of analysis and the contradictions pointed by critics and circles of epistemology, against this way of inquiry, are our fragmented objects of research. In this passage we will point the problematic reading concerning the *epistémês* in relation to its transformations and overall how Foucault answers to its interlocutors, especially regarding the texts we found congregated in the compilation *Análisis de Michel Foucault*.

Keywords: Foucault – *Epistémês* – Mobility - Positivism

Sumário

Considerações Iniciais.....	10
Parte A – Primeira Leitura: O Falar sobre Palavras e Coisas	
Introdução.....	19
1 – Espaços de Ordenamentos.....	21
1.1 – Verdade e a Tradição do Pensar.....	26
1.2 – Experiências com a História.....	31
1.3 – Espaços para Deslocamentos?.....	36
1.4 – Aspectos de Multiplicidades.....	40
1.5 – Instrumentais.....	44
1.6 – Além da Análise e Síntese?.....	46
1.7 – <i>Las Meninas</i> : Quadros e Invisibilidades.....	53
1.8 – O Privilégio dos Espaços.....	57
Parte B – Segunda Leitura: O Desvanecer da Antiga Prosa do Mundo	
Introdução.....	62
2 – Códigos de Similitudes.....	63
2.1 – Mobilidades em Inconclusos Limiares.....	75
2.2 – Críticas a um Positivismo Desesperado.....	80
2.3 – Um Especialista de Generalidades.....	93
2.4 – Transversais do Falar e Pensar.....	100
2.5 – Respostas ao Círculo de Epistemologia.....	102
2.6 – Leituras Epistêmicas.....	110
2.7 – Camadas, Percursos e Rupturas.....	116
2.8 – Alguns Possíveis Encerramentos.....	120
Considerações Finais.....	127
Referências Bibliográficas.....	133

Em última análise, o problema que se formula é o das relações do pensamento com a cultura: como sucede que um pensamento tenha um lugar no espaço do mundo, que aí encontre como que uma origem, e que não cesse, aqui e ali, de começar sempre de novo?

Michel Foucault

As Palavras e as Coisas (1995:65)

Considerações Iniciais:

Este estudo busca rever aspectos do “positivismo radical” em Foucault, conforme alguns comentadores¹ debateram a questão acerca da dificuldade em entender a “mobilidade” entre campos epistemológicos: “perspectiva” inovadora, anunciada no prefácio de *As Palavras e as Coisas – Uma Arqueologia das Ciências Humanas*². Nosso foco é apresentar este debate, e sua atualidade para a compreensão da arqueologia foucaultiana, além de pontuarmos as posições assumidas no debate, pelas partes, à época.

Neste texto desafiador, Michel Foucault disponibiliza um instrumento de investigação e anuncia um método diversificado para análise das ciências humanas. Ao mesmo tempo, disserta sobre os espaços de ordenamentos que implicariam na constituição – não do conhecimento – mas, dos saberes³, informando serem estes, relações em séries, a desenhar intrincadas redes e características relacionais em que se constituem. Foucault irá partir de um relato que privilegia diagnósticos históricos e epistêmicos, para tentar trazer à luz os limiares do pensamento ocidental. Segundo sua proposta arqueológica, isto quer dizer os locais onde, em seu movimento, emergem na cultura suas novas possibilidades. Foucault analisará deste modo, problemáticas de configurações subjacentes ao pensamento e a história, que chamará de um *profundo desnível em nossa cultura*⁴.

¹ Referimos-nos aos artigos reunidos na coletânea *Análisis de Michel Foucault*, cujo escopo se dedica a analisar criticamente *As Palavras e as Coisas*, e será o contraponto à missão arqueológica proposta por Foucault.

² Foucault delimita este tema de maneiras diversas, uma das quais será entender que “A arqueologia dirigindo-se ao espaço geral do saber, a suas configurações e ao modo de ser das coisas que aí aparecem, define sistemas de simultaneidade, assim como a série de mutações necessárias e suficientes para circunscrever o limiar de uma positividade nova”. FOUCAULT, 1995:12.

³ Para Foucault, saber não é uma “soma” de conhecimentos, nem está em ordem cronológica com uma ciência, ou sequer se lhe constitui como alternativa. Esta definição não se encontra em *As Palavras e as Coisas*, mas, será grafada posteriormente em *A Arqueologia do Saber*: “A este conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva e que são indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar, pode-se chamar saber”. FOUCAULT, 1972:222.

⁴ Esta citação parece ordenar todo o trajeto: “Tentando trazer à luz esse profundo desnível da cultura ocidental é a nosso solo silencioso e ingenuamente imóvel que restituímos suas rupturas, sua instabilidade, suas falhas; e é ele que se inquieta novamente sob nossos passos”. FOUCAULT, 1995:14.

O que Foucault aponta neste prefácio, parece ser mais que um simples orientador da leitura de *As Palavras e as Coisas*, mas, a metáfora indicativa de todo o *projeto* arqueológico. Haveria uma suposta ingenuidade em considerar imóveis os fundamentos dos saberes: estes *solos epistêmicos* e seus limiares, quer dizer, quais são estas *configurações possíveis* da cultura e conhecimento, encontradas ou produzidas por uma determinada época? Esta topografia onde emergem os saberes se apresentaria como uma *região mediana* entre o já codificado pela linguagem e o conhecimento reflexivo; lugar da liberação destes ordenamentos, olhares, fazeres e dizeres que, segundo Foucault, constitui o mundo ocidental: *Um espaço geral de saberes*. Na base construída – ou mapeada por Foucault - os aspectos internos e singularidades relativas a esta metodologia, encontram-se longe de critérios de valor racional, no entanto, sendo parte de sua condição de possibilidade, situação que diferencia a abordagem foucaultiana de outros modelos do pensar, pois os objetos não estão dados, mas se formam.

Os conhecimentos chegam talvez a se engendrar, as idéias a se transformar e a agir uma sobre as outras (mas como? Até o presente os historiadores não no-lo disseram); uma coisa, em todo o caso é certa: a arqueologia, dirigindo-se ao espaço geral do saber, a suas configurações e ao modo de ser das coisas que aí aparecem, define sistemas de simultaneidade, assim como a série de mutações necessárias e suficientes para circunscrever o limiar de uma positividade nova. (FOUCAULT, 1995:12)

Dissertar sobre estes solos – denominados por Foucault *epistémês*⁵ – explicitando aspectos desta experiência de descobrimento e ordenação, significa apontar algo do que se encontra naquela região, manifestando os modos de ser da *ordem*; acessível em sua “configuração íntima” através de uma reflexão metódica e original denominada *arqueologia dos saberes*. E

⁵ Segundo Foucault, a *epistémê* define o campo de análise de uma arqueologia. Trata-se de descrever as relações que existiram em determinada época entre os diferentes domínios do saber, analisar a homogeneidade no modo de formação dos discursos. Deste modo, se pode pensar, além de outras descrições, que na *epistémê* se trataria de um olhar horizontal entre os saberes. Todas as citações – exceto quando indicado expressamente - referem-se à edição: FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, São Paulo, Trad. Salma Tannus Muchail, Ed. Martins Fontes, 7ª edição, 1995. Inclusive manteremos no texto a grafia *epistémê*, aceita na tradução efetuada pela comentadora.

eis aqui a justificativa para contrastar o pensamento de Foucault, com a análise crítica dos comentadores escolhidos: o que nos oferecem estes efeitos e quais as séries de problemas que implicam neste pensar dito *arqueológico*? Um discurso a respeito de instabilidades parece significar uma recuperação do que é secundário - lateral e diacrônico; formações inequívocas dentro da perspectiva foucaultiana. Aspectos que poderíamos, talvez, associar ao âmbito da resistência e da rejeição ao estabelecido no estatuto epistemológico das propostas à época. De qualquer modo, oferece oportunidade para uma reflexão sobre a atualidade destas problemáticas.

A princípio, podemos afirmar que não é fácil interpretar esta *torção (dobra) metodológica*, de modo a satisfazer integralmente as expectativas do leitor. Nosso objetivo, portanto será o de compreender como Foucault apresenta esta condição peculiar, e quais conseqüências podem ser extraídas. Assim, não buscaremos respostas definitivas ou posições conclusivas, mas, descrever o encontrado, tentando aclarar seus pontos de apoio. Faremos isto, contrastando a recepção crítica à época da publicação de *As Palavras e as Coisas* (1966), tendo como base de pesquisa a coletânea, intitulada: *Análisis de Michel Foucault*⁶ (1970).

O Imaginário e os Ordenamentos

Em *As Palavras e as Coisas*, Foucault anuncia que irá iniciar um percurso, em que pela disposição adequada das análises, seria possível retomar e “desvelar” a ordem das coisas e as condições de possibilidade, apontando onde configurações do real podem emergir e de que relações são constituídas. Se este posicionamento nos lembra algo do campo transcendental kantiano, Foucault não deixará de operar um distanciamento, ou melhor, um deslocamento

⁶ TIEMPO (org), *Análisis de Michel Foucault*, 1970, (coletânea), Ed. Tiempo Contemporáneo, Buenos Aires. Referiremos a esta coletânea, nas citações e indicações do texto com a abreviatura: *Análisis*.

que pretende, em sua denúncia, esvaziar algumas categorias consideradas essenciais para o exercício do pensamento, como consciência, tempo, essência, sujeito, projeto ou autor. Um destes aspectos será a mobilidade das configurações que nos propõe a arqueologia, o olhar clínico e transversal que denuncia estes apagamentos categoriais, não como ausência, mas em uma instância positiva: figuras recentes da cultura, configuráveis numa racionalidade, e que trazem consigo seus limites, na forma de sua provável desaparecimento.

Querer apontar estes processos *microfísicos*, inerentes à forma como foram trabalhados, pode trazer a nosso horizonte, um outro identificar de suspeitas. Haveria, em Foucault uma postura de recusa, entendida como ação metódica de afastamento dos modelos filosóficos lastreados num elemento central unificador ou consciência? Talvez, este alcance, seja pensável ou, ao menos, esteja, de forma negativa, apresentado nos vazios e inconclusões dos discursos arqueológicos. Presumimos de todo modo, que estas e outras possíveis indicações podem emergir do texto foucaultiano, uma vez contrastado⁷ com o que foi recolhido no debate. E, assim, nos excertos confrontados, seja possível explicitar algo destes saberes, influências filosóficas, campos, presenças e deslocamentos, que Foucault nos apresenta.

Foucault nos aparece perspectivamente um pensador múltiplo em suas posições filosóficas. Segundo ele indica, estas posições podem ser resumidamente descritas como configuração de uma delimitação dinâmica de jogos de verdade, nos quais o sujeito seria constituído, como objeto para um saber reconhecido. Um mesmo fio melódico que atravessa diversos andamentos. Segundo esta leitura, não se trataria mais de interpretar os conhecimentos ocultos pelos signos, mas a realidade das *práticas* que configurariam objetos e se encontram

⁷ Procuraremos apresentar as análises foucaultianas e as críticas recebidas ao método de uma *arqueologia das ciências humanas*, conforme vista por círculos epistemológicos e alguns acadêmicos franceses à época. Estas discussões incluem, entre outros aspectos, leituras sobre uma mobilidade das *epistémês* e quais as condições de possibilidade da emersão dos saberes. A recepção é controversa e exige que Foucault pontue esclarecimentos.

presentes no discurso⁸. Assim, nossa questão se organiza em torno destes distanciamentos da “tradição do pensar” e a maneira pela qual, num período específico, foram trabalhadas as problemáticas da formação e condições de possibilidade das *epistémês*, mapeando-as⁹, sem a menor pretensão de esgotar o assunto. Isto se explica, uma vez que a discussão sobre os diagnósticos foucaultianos, suas afirmações e “escavações” efetuadas sobre as redes relacionais que constituem os objetos, tanto quanto os prós e contras de sua discursografia, tem sido freqüentes em várias publicações. Por isso, embora destaque-se o apreço foucaultiano pelas metódicas ordenações e ressaltando a nossa tentativa de respeitá-las neste estudo, eventualmente, nos colocaremos sob uma condição perspectiva, assíncrona, fragmentária e recortada como forma adequada de investigação.

Uma vez explicitado o fio condutor e objetos deste trabalho, cabe-nos delimitar a estrutura dos capítulos. Este trajeto nos conduzirá a problematizar a questão arqueológica, apontando os aspectos relacionais encontrados na formação das configurações dos saberes. Embora, limitada em seu objeto, aos excertos que selecionamos, nossa divisão temática buscará explicitar como Foucault apresenta estas escolhas e os fundamentos inerentes ao método arqueológico. Do mesmo modo, indicaremos como ele defende a configuração dos saberes, a mobilidade entre os limiares das *epistémês* e o enfrentamento, admitido por Foucault, para certas noções, conceitos, procedimentos e categorias. Em outras palavras, a filosofia e a história devem, necessariamente, estar despidas de qualquer “natureza” ou “essencialidade” constitutiva. O arqueólogo, segundo Foucault lê em textos *várias vezes reescritos*.

⁸ FOUCAULT, 1995:317 e *Análisis*, 1970, 232-235 e 1995, 233. Uma descrição pura dos feitos do discurso.

⁹ O conceito de mapear não se encontra aqui, disposto em sentido estrito. Um mapeamento completo deveria ser uma cartografia da exata escala do mundo, das relações e dos fenômenos, o que nos parece impossível de concretizar. O “mapear”, contudo, pode ser entendido como a “indicação”, a “descrição resumida”, o “roteiro”, o “rascunho”, os “traços e linhas” que sugerem trajetos, cruzamentos, intersecções e apontam direções.

Leituras Complementares

Em nossa divisão, optamos por ordenar o estudo em dois blocos. Na Parte A, *primeira leitura*, esclareceremos o modo de nos aproximarmos dos contextos pesquisados, por intermédio de uma aproximação contextual e geral, onde indicaremos o recuo histórico pelo qual Foucault diz atingir os pontos de descontinuidade entre as configurações discursivas, dentro dos limiares que separam os ordenamentos históricos e seu distanciamento. Apontaremos, assim que Foucault analisará condições de possibilidade de existência dos saberes, instância que caracterizaria certos aspectos do pensamento moderno ocidental.¹⁰ De forma a estabelecer as bases deste percurso, que talvez demande alguma paciência ao leitor, inicialmente localizaremos aspectos da entrecortada topografia onde se inscreve a proposta arqueológica de Foucault, desde o distanciamento dos conceitos tradicionais herdados dos gregos, até os limiares que se rompem na passagem entre as *epistémês*.

Isto significa reler as formas pelas quais poderia se inscrever a proposta arqueológica, discutindo se a mesma possui relação com figuras tradicionais de análise e síntese, uma vez que existe a opção foucaultiana pelo espaço e a retomada do pensamento transcendental Kant. Por esta influência, sugeriremos que Foucault apresentará novas possibilidades de interlocução com a tradição filosófica e, oferecerá também, dificuldades em compreender os fundamentos de sua construção teórica, ou arqueológica. Recuperaremos, então, alguns excertos fundamentais de *As Palavras e as Coisas*, para compreendermos a importância, para Foucault, de superar o discurso metafísico e delimitar o desvanecimento representativo. Estas passagens nos informarão sobre os espaços onde se movem palavras e significados,

¹⁰ DREYFUS e RABINOW, 1995, 87-99 e 253-264. Este ambiente histórico, retratado no percurso filosófico, foucaultiano, oferece a sugestão da recusa a certos modelos de pensamento, identificados, por exemplo, nas filosofias de Hegel, Descartes e Bergson. Em contrapartida, Foucault se mostrará tributário, em muitas ocasiões, às reflexões da epistemologia de Canguilhem, da genealogia de Nietzsche, da crítica ontológica de Heidegger, talvez Husserl e, de modo mais intenso, com a filosofia transcendental de Kant.

descrevem ou rejeitam estes limiares e, com isso aclaram ou colocam sob suspeita as investigações empreendidas por Foucault, à época.

Seguindo nosso trajeto, indicaremos aspectos das *epistémês*, focalizando o exemplo da palavra e representação, cujos fundamentos vão se desvanecendo, conforme a palavra perde seu potencial de portar os *signos das coisas*, como deixaremos mais explícito no segundo bloco. Com isto, procuraremos observar quais os argumentos pelos quais Foucault insere o desvanecimento das similitudes e analogias, face ao aparecimento – ou emersão – de novas configurações históricas que possibilitam novas ciências e pensamentos, ao mesmo tempo em que delimitam os limiares das *epistémês*, ou seja, sua modificação. Com este relato, buscaremos apontar que as modificações sugeridas por Foucault, desenham formas e movimentos de transposição entre os chamados solos epistemológicos, de forma que, mesmo transversalmente, possamos indicar que esta *mobilidade das epistémês*, se apresenta como *sucessão de configurações*.

Na Parte B, *segunda leitura*, recuperaremos e reforçaremos aspectos do projeto arqueológico relativos às questões anteriores, analisando mais detalhadamente passagens de *As Palavras e as Coisas*, referentes à metáfora foucaultiana sobre a *prosa do mundo*, bem como observando a forte recepção crítica sobre a formação do saberes e das ordenações unívocas dadas nas *epistémês*. Estes posicionamentos, recolhidos da coletânea *Análisis*, parecem contrários - não somente a uma “arqueologia das ciências humanas” -, mas, a toda possível determinação dada pelo ordenamento das *epistémês*. Observaremos estes relatos e questionamentos: Como elas, se transformam? *Epistémês*: O que poderemos saber sobre as mesmas? O que são saberes? De onde falamos? A morte do homem significa o fim da razão? A “positividade” argumentativa radical de Foucault traz à tona *séries* de questionamentos,

que constituem importantes inquirições para compreensão do alcance da arqueologia e esclarecem as origens das dificuldades de se compreender esta nova metodologia.

Na seqüência dos argumentos, mostraremos as respostas oferecidas por Foucault aos questionamentos dos círculos epistemológicos e filosóficos, pontuando a questão do método arqueológico. Reveremos aspectos de *As Palavras e as Coisas*, como explicitados na perspectiva dos comentadores, onde Foucault diz analisar o espaço de onde fala, dissociando suas coordenadas visíveis, lineares e *sacudindo sua imobilidade superficial*¹¹. Mostraremos as avaliações alinhadas com a defesa da proposta arqueológica e quais as possibilidades de apresentar o saber como uma instância que não se analisa *em termos de conhecimento*. Ao final, entre estes pontos coletados, deslocamentos, aproximações e rupturas; índices e pré-diagnósticos do trajeto efetuado, reuniremos nossas considerações, nos encaminhando a uma reflexão, ou a alguns possíveis encerramentos, como instância conclusiva mínima.

A título de considerações finais, relatamos que Foucault, ocupa-se em manter uma integridade metodológica em sua pesquisa, não obstante a heterogeneidade de sua produção. Não pela via da argumentação irrefutável, mas, operando por meio de novas disposições é que a arqueologia aponta relações, que podem ser interpretadas com a razão e a configuração encontrada. São aspectos complementares sobre o debate analisado e reforçam o que indicamos a título de conclusão, ou seja, novas séries de questionamentos. A arqueologia ao pretender abarcar os limiares da cultura, se configuraria, além de análise filosófica, como uma abordagem da gestão relacional entre o pensável e a positividade histórica? A análise arqueológica se constitui como um tipo de *instrumento filosófico* para interpretar relações já configuradas ou se trata de outros espaços e possibilidades?

¹¹ FOUCAULT in *Análisis*, 1970:238.

Neste horizonte de investigação se encontram estas redes, formações, estratos, topografias e ordens discursivas, identificáveis em nossa cultura, às quais, segundo Foucault, estamos todos nós submetidos. As *dobras arqueológicas* não oferecem termos explícitos e, isso nos parece ser o atrativo maior das questões foucaultianas: não um responder, um determinar ou explicar. Mas, um modo de indicar, na cultura, o que ainda continua brilhando ao sol, refletido intensamente a partir de seus fragmentos.¹² O ato simples que é apontado.

¹² A manifestação de uma existência abrupta: “Endereça-se a si como subjetividade escriturante [...] onde não pode ter nem sonoridade, nem interlocutor, onde nada mais tem a dizer senão a si própria, nada mais a fazer senão cintilar no esplendor de seu ser.” FOUCAULT, 1995:317.

Parte A

Primeira Leitura: O Falar sobre Palavras e Coisas

Introdução:

Se recortarmos uma faixa do pensamento francês contemporâneo, especialmente os textos e debates que emergiram a partir da segunda metade do século XX, problematizando o papel da Epistemologia, História e Filosofia, notaremos que algumas destas construções teóricas, complexas e desafiadoras, ainda mantêm seu vigor e atualidade. Dentre estes excertos, nossa leitura localiza o prefácio de *As Palavras e as Coisas – Uma Arqueologia das Ciências Humanas*, onde Michel Foucault (1926–1984), iniciando um outro trajeto filosófico, alerta a respeito de um possível *desnível em nossa cultura*¹³, cujos desconhecidos mecanismos demandariam investigação. Para tratar do tema, que é nosso objeto de estudo, devemos estar dispostos a vir ao encontro de um pensador que sugere em seus textos, inconformidades e tensões, expressas de peculiar maneira, através de menções geológicas, topográficas e outras metáforas remissivas.

Assim, nesta apresentação, estaremos sempre nos deparando com séries de conceitos interligados a estes discursos peculiares da reflexão foucaultiana, tais como, movimentos e trincaduras sobre o piso da História¹⁴, tornadas invisíveis por uma maneira linear de pensar as relações com o mundo. Em Foucault, esta situação estaria representada pela crença, já estabelecida, de considerar como imóveis e cristalizados, os chamados “solos epistêmicos”:

¹³ Foucault parece sugerir que este “desnível”, onde os “passos” do arqueólogo inquietam os solos históricos, indique como pensar os seres humanos, e, de tão metodologicamente profundo, talvez se trate de uma *fratura*.

¹⁴ No panorama de *As Palavras e as Coisas*, a menção maiúscula à História se refere à região mais erudita e informada, plano onde se ganha existência e vislumbre. No entanto, Foucault trabalha-a como “minúscula”, relacionada, de certa maneira, apenas com os acontecimentos em suas disposições manifestas, sem a menor intenção de uma disciplina “global”. Manteremos a distinção entre a “história” foucaultiana e a História formal.

os espaços de ordem sobre os quais se assentariam as nossas idéias, conhecimentos, opiniões e saberes sobre as coisas, sua realidade e seus nomes, conforme suas configurações possíveis¹⁵. Esta afirmação, em tom de denúncia, nesta época da produção foucaultiana¹⁶, quer significar que o alcance metodológico da filosofia não consideraria (segundo o curioso vocabulário de Foucault), os desníveis no relevo de uma topografia de conhecimentos – quer dizer, que o conhecimento, para efeito geral, era tido metaforicamente, como *superfícies sem acidentes*. É a estas moldagens em camadas, que uma vez justapostas se tornariam definitivas, cristalizadas, que Foucault diz pretender “devolver” suas linhas de expressão. A esta *superfície plana*, devem retornar suas originárias rupturas, falhas e irregularidades, pois ali, desde o prefácio se aponta esta ingenuidade de considerar estes solos históricos, estáveis, silenciosos e seguros em seus estatutos ontológicos¹⁷: não sujeitos à mobilidade ou transformação. Histórias feitas para durar. Tal panorama não se pode abarcar de todo, seja no mapeamento das formas arqueológicas ou na análise das posições contrárias ao projeto foucaultiano para as ciências humanas. Assim, iremos apenas pontuar, transversalmente, as ocupações relacionadas ao modo arqueológico – descrito por Foucault, enquanto instância positivadora e historicizada dos saberes auferidos pelas chamadas ciências humanas.

¹⁵ “A história da ordem das coisas seria a história do *Mesmo* – daquilo que, para uma cultura, é ao mesmo tempo disperso e aparentado, a ser, portanto distinguido por marcas e recolhido em identidades [...] Da experiência-limite do *Outro* às formas constitutivas do saber médico e, destas, à ordem das coisas e ao pensamento do *Mesmo*, o que se oferece à análise arqueológica é todo o saber clássico, ou melhor, esse limiar que nos separa do pensamento clássico e constitui nossa modernidade [...]” FOUCAULT, 1995:14

¹⁶ Foucault, em nossa leitura nos aparece múltiplo. Esta é uma das conclusões a que nos encaminharemos. Assim com sua arqueologia não é uma só metodologia, mas uma preocupação com a positividade do levantamento. A Filosofia é entendida de forma diferente segundo as épocas, assim como o conhecimento e a própria história. No dizer de Veyne: “O método consiste, então, para Foucault, em compreender que as coisas não passam das objetivações de práticas determinadas, cujas determinações devem ser expostas à luz, já que a consciência não as concebe [...]. Longe de nos convidar a julgar as coisas a partir das palavras, Foucault mostra, pelo contrário, que elas nos enganam que nos fazem acreditar na existência de coisas, de objetos naturais, como “governados” ou “Estado”, enquanto estas coisas não passam de correlato das práticas correspondentes, pois a semântica é a encarnação da ilusão idealista”. VEYNE, 1982:252.

¹⁷ “Durante dois séculos, o discurso ocidental foi o lugar da ontologia. Quando ele nomeava o ser de toda a representação em geral, era filosofia: teoria do conhecimento e análise das idéias. Quando atribuía a cada coisa representada o nome que convinha e, sobre todo o campo da representação, dispunha a rede de uma língua bem-feita, era ciência – nomenclatura e taxionomia.” FOUCAULT, 1995:137.

1 – Espaços de Ordenamentos

Em *As Palavras e as Coisas*, Foucault trabalha a hipótese de existirem espaços de ordenamentos, modalidades de pensamento e configurações de positivities, entendidas como articuladas e encadeadas em um “solo de possibilidades”, um chamado *a priori histórico*. O conceito designa segundo Foucault, as condições de possibilidade do que é pensável e dizível em uma época. O espaço da ordem informa as bases de qual positividade puderam aparecer idéias, constituírem-se ciências, refletirem-se experiências em filosofias, formar racionalidades, embora, talvez, para se desarticularem e logo desvanecerem.

Ao utilizar tal expressão, Foucault abre mão, de termos como "fato", "intuição" e "conceito", pois opera com as condições de possibilidade dos saberes e não sobre as condições e causas que tradicionalmente os constituem. Portanto, oferece ao *a priori histórico* um estatuto distinto do definido por Kant, para as condições de toda a experiência possível, em outras palavras, o espaço e o tempo. O princípio do solo epistemológico, a *experiência da ordem* é uma *positividade*, uma vez que se reconhece dotada de uma propriedade que a possibilita ser estudada *em seus próprios termos*, que dizer, de forma autônoma e liberta da causalidade: um novo espaço e um novo campo de investigação é o que nos propõe Foucault, através da análise arqueológica das ciências humanas.

Não se trata, entretanto, de um “roteiro evolutivo”, onde os variados tipos de idéias e experiências venham a ser reconhecidos como ciência, ou melhor: não se trata de conhecimentos descritos na trajetória de seu progresso em direção a uma objetividade na qual a nossa ciência, hoje, possa reconhecê-los ou ser reconhecida. O que se busca é trazer à luz os campos e espaços, onde os conhecimentos “encarados fora de qualquer critério

referente ao seu valor racional, enraízam sua positividade e manifestam uma história”.¹⁸ Neste relato, o que importa destacar são quais as configurações que possibilitam o surgimento das diversas formas de conhecimento empírico, e não seus porquês.

Em razão disso, Foucault irá distinguir sua abordagem, daquela metodologia mais comum da história, opondo a este último conceito - tradicionalmente mais focado no levantamento do fato, na novidade que se apresenta e quais personagens obtém esta primazia de originalidade, sucesso ou fracasso -, de outras possibilidades. A arqueologia, por sua vez, não nos informa sobre aquilo que se encontra assentado, mas suas discontinuidades, e intenta resgatar não o fato, senão aquilo que o tornou possível. Esta distinção entre história e arqueologia já se encontra indicada no prefácio do livro, uma vez que neste relato pretendido, pelas instâncias dos saberes produzidos pelas ciências humanas, o que deve aparecer, nestes espaços indicados, são as configurações que deram lugar às formas diversas do conhecimento empírico. O que esta investigação de configurações, especialmente em *As Palavras e as Coisas* apresenta, indica (ou descobre) são duas grandes discontinuidades na *epistémê* da cultura ocidental, tido como este olhar horizontal entre os saberes.

Ora, esta investigação arqueológica mostrou duas grandes discontinuidades na *epistémê* da cultura ocidental: aquela que inaugura a idade clássica (por volta de meados do século XVII) e aquela que, no início do século XIX, marca o limiar de nossa modernidade. A ordem, sobre cujos fundamentos pensamos, não tem o mesmo modo de ser que a dos clássicos. (FOUCAULT, 1995: 12).

Foucault não nega o progresso da razão ou da ciência, mas aponta que o *modo de ser* das coisas e da ordem subjacente, em seu movimento constitutivo, é que foi profundamente alterado. A arqueologia, dirigindo-se ao espaço geral do saber, analisando suas interligações, ramificações e, atenta ao modo de ser das coisas que aí aparecem, procura definir “sistemas

¹⁸ FOUCAULT, 1995:11

de simultaneidade”. Não somente isto, mas intenta de forma estruturada e ordenada, embora por vezes assíncrona, definir e identificar as séries de mutações necessárias e bastantes para delimitar o domínio de uma *positividade nova*.¹⁹

Para isso, a premissa mais evidente para a arqueologia, é aquela que diz serem os conhecimentos uma construção. Longe de apresentarem-se como originados no esforço individual ou sistemático de pensamento, eles são, ao contrário, engendrados somente de acordo com as suas possibilidades de configuração. Esta menção, recorrente em Foucault (e, por extensão em nossa pesquisa) atravessa toda a linha constitutiva do texto, desde o prefácio até os capítulos finais de *As Palavras e as Coisas*. Deste modo, a arqueologia indica um imenso campo de entrecruzamentos, onde as disparidades entre a produção científica e filosófica, em realidade estão apenas se referindo a estas condições de emersão e objetivação, em um diálogo insuspeitado entre suas bases constitutivas.

Se a história natural de Tournefort, de Lineu e de Buffon tem relação com alguma coisa que não ela mesma, não é com a biologia, a anatomia comparada de Cuvier, ou o evolucionismo de Darwin, mas com a gramática geral de Bauzée, com a análise da moeda e da riqueza tal como a encontramos em Law, em Véron de Fortbonnais ou em Turgot. [...] Assim, a análise (arqueológica) pode mostrar a coerência que existiu, durante toda a idade clássica, entre a teoria da representação e as da linguagem, das ordens naturais, da riqueza e do valor. É esta configuração que, a partir do século XIX, muda inteiramente; a teoria da representação desaparece como fundamento geral de todas as ordens possíveis. (FOUCAULT, 1995:12)

Um dos porquês é que estas sistematizações citadas acabariam excluindo, por extensão, os acontecimentos marginais ou secundários que fazem uma história e os enunciados circunstanciais que os acompanham. Estas “dimensões secundárias” da história que se encontram configuradas na urdidura dos conhecimentos possíveis foram identificadas por Foucault como as ranhuras e instabilidades dos solos. São estas as rugosidades anunciadas

¹⁹ FOUCAULT, 1995:12

no prefácio de *As Palavras e as Coisas* e que Foucault tentará devolver à história, por meio da possibilidade de *escrevê-la de outra maneira*. O “instrumento” arqueológico busca ser o fundamento desta possibilidade e a condição metodológica do alcance pretendido.

Segundo Foucault ²⁰, o limiar destas abordagens trata de um tipo específico de história, uma história da semelhança e diferença, o que implica dizer: sob quais possibilidades e condições o chamado pensamento clássico pôde refletir entre as coisas e suas relações admitidas em nível fundamental. Dito de outro modo, e conforme os comentadores consultados, se trata de perguntar: o que se oferece ao conhecimento desde o saber clássico e quais as diferenças que delimitam nossa modernidade? Como ela se torna possível? É a este “solo” que se inquieta aos passos do arqueólogo, em sua pesquisa sobre os espaços próprios das ciências humanas e suas repercussões nas críticas presentes nos círculos de epistemologia, que nos detivemos ²¹. Deste modo, estamos lidando com multiplicidades, configurações e *histórias*. Estas configurações, discursos e saberes, não se vêm refletidos pelo espelho ou tendo que sair ou reentrar na caverna, mas devem ser entendidas perspectivamente²². Inicia-se, desta forma, com uma *suspeita*, o que antes se originava pela *dúvida* ou pelo *espanto*.

Colocado sob perspectiva, dissemos, trata-se de ler em domínios diversos, que não comportam uma totalização. Foucault apresenta em *As Palavras e as Coisas*, uma espécie de

²⁰ FOUCAULT, 1995:12-14.

²¹ Além de Foucault (1995:15), Temos a avaliação de Ternes: “Especial atenção merecem as respostas ao “Cercle d’Épistémologie”. Duas perguntas, apenas: a) Que *histórias* estão na mira do discurso foucaultiano? Diversas: a dos historiadores *civis*, continuístas e universalizantes; a dos epistemólogos franceses, finalizadas, normativas; mas, principalmente, aquela, fiscalista, da *Krisis* de Husserl. b) Em que se pode reconhecer a originalidade das análises de Foucault? Trata-se de uma *arqueologia do saber*. Duas palavras bastante antigas, que, juntas, numa única expressão, inauguram um novo caminho. O problema parece, justamente, residir aí, na incompreensão da novidade, do caráter verdadeiramente inaugural da arqueologia”. TERNES, 2000:54-55.

²² Assim, como se trata de Foucault, talvez possamos nos apropriar de uma citação nietzscheana, (1987:49) e dizer que, se tivermos que rejeitar uma tese, *não buscaremos adotar a antítese*. Mas, distinguir o que poderia nos ilustrar e trazer aproveitamento, atendo-nos ao encontrado ou sugerido nos excertos analisados.

crítica da ordem do mesmo,²³ via uma metodologia diacrônica e desenvolve uma análise situacional que “funda” uma forma própria de investigação. Isso não quer dizer, que lemos Foucault como alinhado estruturalmente com vertentes, cuja estratégia metodológica busca um acerrar lateral ou transversal, de forma a evitar qualquer essencialidade, tida como enganosa - não reflexiva ou dependente de algum aparato “ideológico”.²⁴ Observamos apenas que a abordagem aplicada aparece como sombra da *desconfiança* e do que está oculto por trás da questão dos saberes e sua origem, que *ipso facto*, deveriam ter outro tratamento.

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente, em vez de se legitimar o que se sabe? (FOUCAULT, 1984:13)

Deste modo, as questões gerais do tema em estudo, podem ser resumidas como a explicitação de aspectos do método arqueológico, especialmente enquanto expressão de uma forma autárquica de investigação da cultura e dos saberes. Com quais concepções a arqueologia rompe? Com quais se afina? Estas questões somente podem ser respondidas se levarmos em conta a maneira própria com que recupera a história, conforme tentaremos indicar durante nossa exposição. O acontecimento arqueológico, contrastado com as problemáticas levantadas, de alguma maneira, poderia contribuir para entendermos outros aspectos sobre Foucault e sua relação com a filosofia.

²³ FOUCAULT, 1995:14

²⁴ “A noção de ideologia me parece dificilmente utilizável por três razões. A primeira é que, queira-se ou não, ela está sempre em oposição virtual a alguma coisa que seria a verdade. Ora, creio que o problema não é de se fazer a partilha entre o que num discurso releva da cientificidade e da verdade e o que relevaria de outra coisa; mas de ver historicamente como se produzem efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos. Segundo inconveniente: refere-se necessariamente a alguma coisa como o sujeito. Enfim, a ideologia está em posição secundária com relação a alguma coisa que deve funcionar para ela como infra-estrutura ou determinação econômica, material, etc. Por estas três razões creio que é uma noção que não deve ser utilizada sem precauções”. FOUCAULT, 2005:6.

1.1 – Verdade e a Tradição do Pensar

A pergunta pela verdade, pelo “que é” e, por qual caminho a ela se poderia chegar, encontra-se na raiz da filosofia. Historicamente, podemos encontrar a busca deste “elemento primordial”, seja na investigação da *physys*, seja na distinção entre opinião e filosofia, lugar onde a tradição cunhou um sentido próprio para a palavra *epistémê*. Esta se dirigia a algo específico, um *saber* aprofundado da complexa estrutura do real; o saber verdadeiro, cuja marca distintiva da razão fundamentada ultrapassaria a mera suposição, a qual tem valor momentâneo. A *epistémê*, para os gregos antigos, conforme alguns especialistas²⁵ é um tipo de saber que tem seu suporte no conhecimento especializado e preciso capaz de ordenar o caos opinativo. Está qualitativamente acima e além da opinião e do contingente da *doxa*²⁶, conforme Platão deixa claro em algumas passagens de *A República*.

Somos ensinados a considerar a *epistémê* como este verdadeiro conhecimento, diferente do opinativo (típico do conhecimento acerca do contingente), diferente das chamadas ciências empíricas e dividido em uma tríade conceitual: *práxis*, *technè*, e *theoria*. Em Aristóteles²⁷, encontraremos o “verdadeiro” conhecimento científico, definido como um conhecimento acerca das causas, que são necessariamente verdadeiras. A *epistémê* é conhecimento demonstrativo, silogístico, e o conhecimento dos sentidos é sua condição necessária. E, neste ponto de vista, de viés ontológico, presente em Platão, Aristóteles e em todo um percurso

²⁵ FRANKLIN, 2004:373.

²⁶ A afirmação mais ampla que encontramos sobre a disposição *epistémê* e *doxa* é dada na *República* (476a-480a): “Portanto dos que percebem muitas coisas belas, mas não vêm o belo em si não podendo seguir a outro que a este os conduza e assim mesmo, vêm muitas coisas justas, mas não o justo em si e, de igual maneira a todos os demais, diremos, pois, que opinam sobre tudo, mas não conhecem nada daquilo sobre o que opinam. E, não afirmaremos que estes abraçam e amam aquilo que têm conhecimento e os outros, aquilo de que têm opinião? [...] E, não haveríamos de chamar filósofos aos amantes do saber e não aos outros, amantes da opinião?” Outras disposições são ilustradas no *Diagrama da Linha* (509 d-511e) e também no cenário da *Alegoria da Caverna* (514a-521b).

²⁷ *Metafísica* 993b-995a, 1010a, 1013b-1025a

filosófico que desemboca no Renascimento²⁸. Foucault irá indicar uma correlação entre os signos que estabelecem as nomeações e articulações mesmas do real: para os antigos, como pontuamos, a *epistémê* é o modelo do que é aceitável como conhecimento verdadeiro - amiúde confundida com o verdadeiro em si. A demonstração de sua relação com a “essência” a ser nomeada fundar-se-ia no estabelecido pelas marcas visíveis e enumeráveis, presentes nas palavras - objeto de todo o conhecimento -, e que deveriam ser interpretadas e definidas segundo um ordenamento estabelecido.²⁹

Foucault estará desligado destas divisões tradicionais. *Epistémê* não significa ou sequer se relaciona com o debate tradicional, neste nível. No prefácio de *As Palavras e as Coisas*, Foucault supõe a determinação deste já mencionado *espaço da ordem*³⁰ regulador do percurso a ser conduzido. A arqueologia seria o empreendimento que tentaria libertar, do fundamento dos saberes; a configuração secreta e impensada que ordenaria sua constituição.

Assim, entre o olhar já codificado e o conhecimento reflexivo, há uma região mediana que libera a ordem no seu ser mesmo: é aí que ela aparece, segundo as culturas e segundo as épocas, contínuas e graduadas ou fracionadas e descontínuas, ligadas ao espaço ou constituídas a cada instante pelo impulso do tempo, semelhante a um quadro de variáveis [...]. Assim, em toda cultura entre o uso do que se poderia chamar os códigos ordenadores e as reflexões sobre a ordem, há uma experiência nua da ordem e de seus modos de ser. No presente estudo, é essa experiência que se pretende analisar (FOUCAULT, 1995:10-11)

São redes de ordens, ocultas pela profundidade; sistematizadoras das regras de construção dos objetos, sujeitos e conceitos que Foucault sugere operar dentro das *epistémês*. Configurações que em seu movimento dentro do campo de suas possibilidades, vêm a existir e a ser tidas como a *verdade do acontecimento*. Designam um princípio de ordenamento histórico dos saberes humanos, anterior a qualquer enunciado científico: a instância

²⁸ FOUCAULT, 1995: 36-41.

²⁹ “Não é possível, tampouco que haja um termo médio entre duas proposições contrárias; é da necessidade afirmar ou negar uma coisa de outra [...] O meio de convencer a uns e outros é partir de uma definição e, necessariamente haverá uma definição, se dão um sentido a suas palavras: a noção de que são as palavras a expressão é a definição da própria coisa de que se fala”. ARISTÓTELES, *Metafísica*, 1003a-1012b.

³⁰ FOUCAULT, 1995:9

subterrânea que permite e autoriza a disposição ou configuração assumida pelo discurso em uma dada época, o que confere legitimidade e positividade³¹. Foucault observa que se trata de um esforço por encontrar o que se constitui saber, isto é: idéias, técnicas, ciências, filosofias e em seu conjunto, modos de vida. Estas formas, que foram constituídas segundo estes espaços de ordem, movimentam-se, desarticulam-se e desvanecem-se a partir de uma transformação no modo de ser desse mesmo ordenamento.

[...] o que se quer trazer à luz é o campo epistemológico, a *epistémê* onde os conhecimentos, encarados fora de qualquer critério referente o seu valor racional ou as suas formas objetivas, enraízam sua positividade e manifestam assim uma história que não é a de sua perfeição crescente, mas, antes, a de suas condições de possibilidade; neste relato, o que deve aparecer, são, no espaço do saber, as configurações que deram lugar às formas diversas do conhecimento empírico. Mais do que uma história no sentido tradicional da palavra, trata-se de uma “arqueologia.” (FOUCAULT, 1995:12)

Há um nível de positivismo situado nessa preocupação com a ordem interna constitutiva dos saberes (visto que seria a *epistémê* de determinada época que possibilitaria a configuração “única” e assumida pelo saber). Uma história das *epistémês* não equivale a uma história das idéias. Mas, numa história das *condições de possibilidade* das mesmas e que focaliza o solo originário, do qual o conhecimento se torna possível. O *a priori* histórico, que permite ou veda determinadas configurações do saber, materialmente configuradas. A *epistémê* também pode ser considerada como uma espécie de ordenação histórica dos saberes que, situada em um nível anterior ao da ordenação desses mesmos saberes em discursos, confere a sua positividade, correspondendo à configuração ou à disposição que os mesmos assumem³²

³¹ Este solo silencioso e aparentemente imóvel dos saberes confunde-se com uma superfície histórica determinada ou encontrada. Foucault usa terminologias onde predominam as conotações espaciais, geológicas. A positividade dos conhecimentos, enraizada agora na *epistémê* que a fundamenta e referencia, desloca-se conceitualmente de um ideal regulador do conhecimento científico, para transformar-se em uma *necessidade-função* que condiciona e delimitar o espaço próprio aos demais conhecimentos.

³² “*Epistémê* não é sinônimo de saber; significa a existência necessária de uma ordem, de um princípio de ordenação histórica dos saberes anterior à ordenação do discurso estabelecida pelos critérios de cientificidade e dela independente. A *epistémê* é a ordem específica do saber; a configuração, a disposição que o saber assume em determinada época e que lhe confere uma positividade enquanto saber”. MACHADO, 1982:148-149.

Por isso é que, na indicação do método de investigação que pretende empreender em *As Palavras e as Coisas*, Foucault pergunta acerca do *solo* a partir do qual se pode estabelecer uma classificação refletida, isto é, uma ordem entre as coisas. Conforme Foucault ressalta em seu prefácio³³, toda cultura dispõe de certos códigos que, ao informar a sua leitura da realidade, fixam uma ordem empírica sobre a qual se inclina a atitude reflexiva de cientistas e filósofos. Entre esses códigos ordenadores e as reflexões, existe o que está designado na *experiência*³⁴ e de seus modos de ser, como dissemos, constituindo uma espécie de ordem invisível, que, situada num nível anterior ao das ordenações visíveis, possibilita a existência das mesmas e de outras ordenações possíveis.

Segue-se ao disposto ao que Foucault se pergunta, uma importante nota de rodapé: “*os problemas de método suscitados por tal ‘arqueologia’, serão examinados em uma próxima obra*”. Refere-se à *Arqueologia do Saber*, originariamente o prefácio de *As Palavras e as Coisas*³⁵. A preocupação com a ordem interna constitutiva do saber, a *epistémê* de determinada época, possibilita a descrição da configuração assumida pelo saber nessa mesma época. Logo, uma história das *epistémês*, não equivale a uma história das idéias, mas das *condições de possibilidade dessas idéias*. O *solo* originário, a partir do qual o conhecimento se torna possível: O *solo* do *a priori histórico* condição para as configurações do saber. A ordenação histórico-metódica dos saberes, situada anteriormente a sua constituição em discursos. Seria a chancela da positividade, correspondendo à configuração possível ou à disposição inevitável que os mesmos saberes assumem.

³³ FOUCAULT, 1995:11 e seguintes.

³⁴ Idem, p.10

³⁵ A *Arqueologia do Saber*, originariamente deveria ser o prefácio de *As Palavras e as Coisas*, o que denota a magnitude desta publicação. Foucault foi convencido por Canguilhem e Jean Hippolite a desenvolvê-la em separado. A estratégia pode, de um lado ter ampliado o escopo da pesquisa arqueológica, mas de outro, contribuído para que não houvesse o devido entendimento da proposta arqueológica.

Segundo Foucault ³⁶, os códigos, que regem a linguagem, os esquemas perceptivos, as trocas, as técnicas, os valores e as práticas de uma cultura estabelecem as ordens empíricas, nas quais os homens já se encontram. Enquanto a ciência e a filosofia refletem sobre os motivos, as leis e os princípios que justificam a existência de uma determinada ordem. Foucault esclarece que, entre esses códigos fundamentais de uma cultura e essas reflexões sobre a ordem, existe um domínio difícil de ser analisado, no qual uma cultura se distancia das ordens empíricas prescritas por seus códigos fundamentais o suficiente para constatar que estas nem sempre existiram: não são as únicas possíveis e nem as melhores.

Nesse domínio, a ordem seria liberada no seu *ser mesmo*, porque ao instaurar essa “primeira distância” em relação a suas ordens empíricas primárias - se afastando de seus “grilhões lingüísticos, perceptivos, práticos”, tal cultura lhe aplicaria sucessivamente outro grilhão. Grilhão este, que a um tempo exclui as ordens e lhe dão visibilidade, de modo que deixa perceber, sob ordenações espontâneas, “o ser bruto da ordem”, quer dizer: *a existência de coisas que são, em si, ordenáveis*. A partir desta experiência mesma da ordem, não apenas se formulam teorias e interpretações das possíveis ordenações das coisas, como também se criticam os códigos lingüísticos, perceptivos e práticos. Esclarecendo o intuito de analisar tal experiência na cultura ocidental, por meio de uma investigação acerca da maneira que essa *ordem* informou, desde o século XVI, diferentes modelos cognitivos. Foucault aponta estas complexidades:

[...] essa “região mediana”, na medida em que manifesta os modos de ser da ordem, pode apresentar-se como a mais fundamental: anterior às palavras, às percepções, aos gestos, incumbidos então de traduzi-la [...] (razão pela qual essa experiência da ordem, em seu ser maciço e primeiro, desempenha sempre um papel crítico); mais sólida, mais arcaica, menos duvidosa, sempre mais “verdadeira” que as teorias que lhes tentam dar uma forma explícita, uma explicação exaustiva, ou um fundamento filosófico. (FOUCAULT, 1995:11)

³⁶ Ibidem, p. 10.

Assim, Foucault esclarece o seu intento. Trata-se, em determinado período da história, quando se *pensa* a realidade, fazê-lo a partir de certos pressupostos, de modo que, enquanto tal venha a ser o que o pressuposto determina. Mas há um espaço de ambigüidade, pois se trata também de uma leitura diagnóstica que desnuda a experiência da ordem e mapeia suas configurações possíveis. A fim de realizar uma arqueologia dos modelos de pensamento que predominaram na cultura ocidental nos últimos cinco séculos, Foucault se ocupará com o que os saberes formam. A partir destes, a ciência, a pintura, a literatura ou a filosofia, por exemplo, podem constituir-se como alguns dos discursos possíveis. Ao tentar traçar uma história arqueológica do pensamento ocidental, para dar conta da constituição do conjunto de discursos denominado ciências humanas, na disposição do saber referente à modernidade, Foucault apreende o espaço de entrecruzamentos de uma série de estruturas capazes de sustentar uma leitura da “realidade”. O objetivo se concretizará sempre pela positividade e experiência modal, sendo este o ponto focal, a nervura das análises críticas que lhe serão endereçadas.

1.2– Experiências com a História

Uma história descontínua, modificável segundo aspectos secundários e com foco na organização dos solos possíveis ao conhecimento, como a desenvolvida em *As Palavras e as Coisas*, inventa seu próprio percurso. Na medida em que as *epistémês* possibilitam a formação dos códigos fundamentais de uma cultura, esta nova experiência investiga as mutações entre a maneira como determinados conhecimentos ou discursos se apresentam e os sistemas que os legitimam enquanto conhecimentos. Segundo Foucault, quando se está no limite do próprio pensamento é que se pressente a possibilidade de outras formas de pensar. Ao apontar para estes limites, na descrição que faz das duas grandes discontinuidades que em *As Palavras e as Coisas*, inauguram a *epistémê* clássica e a moderna, Foucault acaba por

questionar todo elemento usado na história da filosofia como princípios metafísicos a partir dos quais o “real” foi pensado. E, dentre eles a noção de *verdade* como adequação entre a ordem das palavras e das coisas. Para pontuar estas descontinuidades, enquanto movimentos entre limiares, comentadores como Ternes, irão indicar que o trajeto arqueológico incorpora uma nova disposição epistêmica.

A partir do final do século XVIII e começo do século passado a episteme ocidental se reorganiza. Configura-se uma disposição do saber radicalmente nova. Já não nos contentamos com analisar representações. A verdade não mais habita o universo transparente das idéias. Precisamos arrancá-la à espessura das coisas. Dá-se no interior da história. Os esforços de alguns filósofos, como Husserl, para encontrar um novo caminho seguro para a Razão fracassam inexoravelmente. Na verdade, eles não perceberam que não é mais possível voltar a Descartes. Todo o solo que sustenta nossa maneira de pensar é outro. A nova disposição epistêmica incorpora à historicidade, o condicionado, a finitude. Ou seja, desde o fim do século XVIII, perdemos a ilusão do fundamento absoluto do conhecimento. Foucault vai além: mostra a ausência de todo fundamento. (TERNES, 1995:45/52)

Em adendo a esta disposição, recolhemos também, nos textos de Judith Revel e Francisco Gros³⁷, que a primeira contribuição de Foucault seria a de ter rompido³⁸ com um modelo de filosofia, que era, até cerca de 1950, hegemônico na França e de modo geral, na Europa. Segundo Revel, este modelo era alocado num pensamento fenomenológico que enraizava suas análises numa filosofia do sujeito de tradição cartesiana, por um lado, e, de outro, influenciado pela temática bergsoniana do tempo/consciência, cujos métodos e pressupostos

³⁷ REVEL, J. *Foucault: Conceitos Essenciais*, 2005, (Universidade de Paris, Panteon-Sorbonne) e GROS, F. (org.) *Foucault: a coragem da verdade*. Também excertos de entrevistas e comunicações: *Scolies de Michel Foucault : de la transgression littéraire à la pratique politique* – Multitudes Magazine, Paris, Mai/2003 e *Individus, Citoyens, Singularités : une Analytique de la Subjectivité*, Lisboa, 2005.

³⁸ “Foucault, em sua discursografia e análises sobre a filosofia, história e literatura, privilegiaria as rupturas. É um ato que enfrenta a ordem constituída do mundo, porque passa do outro lado do espelho, porque se inventa outra lógica, à prova do sistema: é um puro momento de constituição de diversidade selvagem, é este momento constituinte, mas à solidificação do discurso constituído; é este pólo de produção de uma subjetividade liberada, este levantamento da linguagem que não tem necessidade a ser povoada de monstros para ser monstruosa, que não tem necessidade de ser excêntrica para ser descentrada, que é um discurso em falhas, uma palavra provisoriamente não assinalável, inominável, incompreensível, que joga a linguagem contra ela mesma. Em certa medida, Foucault opõe à quimera de Descartes a Enciclopédia chinesa de Borges: o estranho contra o estrangeiro, o patológico contra a passagem para o limite, interior contra a parte externa, o reconhecimento do significante contra a resistência do signo”. REVEL, 2003:2.

Foucault, em nossa interpretação, recusa ao enfatizar o primado do uso e do espaço. Assim, estes temas eram aqueles ligados ao postulado da centralidade da consciência soberana (em todas as suas formulações). O método recusado era o de uma filosofia concebida como sistema fechado e estável e erigido em construção a-histórica – mesmo quando ela pretendia ser uma filosofia da história. Os pressupostos consistiam em afirmar que toda pesquisa da verdade não pode fazer a economia de uma referência a um fundo, a uma transcendência – ou ao caráter transcendental de seus *a priori* epistemológicos; e que a verdade em “si mesma” não pode ser submetida ao mesmo tipo de investigação que se aplica aos objetos do mundo. Pretendia-se, então, que a verdade fosse pura, atemporal, absoluta e estável.

Contrário ao estabelecido nas proposições acima, e de maneira análoga com que se distancia das convenções platônico-aristotélicas, Foucault empreende outro percurso: historicizando as diferentes representações do sujeito – e do mundo no qual vive -, historicizando a noção de história e os paradigmas historiográficos os quais esta deu lugar. Recusando mesmo toda transcendência (o que não significa mergulhar no relativismo, mas, redefinir ao mesmo tempo nossa relação com a verdade e a consistência que damos a esta última), ele refletiu não *sobre* a história, mas *do interior e ao interior* da história. O resultado, desta “fase”,³⁹ consiste no esforço metodológico para fundamentar as *epistémês*. Discursividades puras.

³⁹ Segundo a interpretação de MACHADO, em *Ciência e Saber* (1982), seria possível mapear, em Foucault, cinco fases e dez possibilidades: a) Um jovem Foucault, referindo-se ao período anterior aos escritos que o consagraram nos anos sessenta (cobrindo os anos de 1953 a 1960). b) Um arqueólogo da percepção, referindo-se ao período próximo à publicação de *A História da Loucura* (cobrindo os anos de 1961 a 1962). c) Um arqueólogo da visão, referindo-se ao período próximo à publicação de *O Nascimento da Clínica*. (cobrindo os anos de 1963 a 1965). d) Um arqueólogo dos saberes, referindo-se ao período próximo à publicação de *As Palavras e as Coisas* (cobrindo os anos de 1966 a 1967). e) Um arqueólogo dos discursos, referindo-se ao período próximo à publicação de *A Arqueologia do Saber* (cobrindo os anos de 1968 a 1970). f) Um genealogista das formas jurídicas, referindo-se ao período anterior à publicação de *Vigiar e Punir* (cobrindo os anos de 1971 a 1973). g) Um genealogista do poder disciplinar, referindo-se ao período próximo à publicação de *Vigiar e Punir* (cobrindo os anos de 1974 a 1975). h) Um genealogista do biopoder, referindo-se ao período próximo à publicação de *A Vontade de Saber* (cobrindo os anos de 1976 a 1977). i) Um genealogista do poder pastoral, referindo-se ao período após à publicação de *Vigiar e Punir* (cobrindo os anos de 1978 a 1980). j) Um

À margem das ordenações interpretativas, podemos adiantar que em *As Palavras e as Coisas* Foucault traça uma história arqueológica das ciências humanas, analisando-as como o resultado de uma inter-relação de saberes, num solo móvel e evolutivo. Investigam-se, ao longo do texto, as condições de possibilidade da constituição histórica dos saberes sobre o homem. Ao realizar uma arqueologia das ciências humanas, Foucault opera um recuo histórico pelo qual atinge o ponto de descontinuidade entre as configurações discursivas do que denomina saberes clássico e moderno. Através desta metodologia, torna-se possível apontar estes limiares onde as configurações dos saberes emergem diferenciadas.

Os últimos anos do século XVIII são rompidos por uma descontinuidade simétrica àquela que, no começo do século XVII, cindira o pensamento do Renascimento; então, as grandes figuras circulares onde se encerrava a similitude tinham-se deslocado e aberto para que o quadro das identidades pudesse desdobrar-se; e esse quadro agora vai por sua vez desfazer-se, alojando-se o saber num espaço novo. (FOUCAULT, 1995:231)

Iremos encontrar estes quadros de identidade, mas, queremos agora nos referir ao ponto de vista de Ternes⁴⁰, nesta citação, para quem Foucault teria esboçado toda a história do pensamento ocidental do século XVI em diante. Três configurações que se sucedem, definindo quais são as *epistémês* analisadas em *As Palavras e as Coisas*⁴¹. Efetivamente, Foucault irá analisar de forma ostensiva o saber clássico e moderno e seus pontos de ruptura, seus limiares. Nesse caso, os limiares, ou *mobilidades* são apenas dois: O que abre espaço para a era clássica e o que permite emergir a modernidade. A *terceira epistémê* é a renascentista, a qual Foucault se refere sempre de forma transversal ou para evidenciar trajetos. Ternes ainda considera que Foucault descreve somente duas *epistémês*, contudo é

historiador das formas de subjetivação ou de cuidado de si, referindo-se ao período da publicação de *Os Usos dos Prazeres* e *O Cuidado de Si* (cobrindo 1981 a 1984).

⁴⁰ TERNES, 2000:54-57

⁴¹ Efetivamente, Foucault irá analisar de forma ostensiva o saber clássico e moderno e seus pontos de ruptura, seus limiares. Nesse caso, os limiares, ou *mobilidades* são apenas dois: O que abre espaço para a era clássica e o que permite emergir a modernidade. A *terceira epistémê* é a Renascentista, a qual Foucault se refere sempre de forma transversal ou para evidenciar trajetos. Ternes considera que Foucault descreve somente duas *epistémês*, contudo é claro ao falar em três configurações, estes limiares analisados contemplariam as bases onde emergem e se esvaziam as *epistémês* em seu movimento.

claro ao falar em três configurações, estes limiares analisados contemplariam as bases onde emergem e se esvaziam as *epistémês* em seu movimento. Isto tem uma razão de ser. Quando se olha para largos períodos históricos, parece haver uma continuidade entre tais disposições, parecem *lógicas e necessárias* as suas disposições, mas o mesmo não ocorre quando se analisam as positivities dentro de suas “singularidades”. São camadas, espaços epistemológicos, essencialmente diferentes entre si, e cuja origem, ou *explicação*, parece escapar às reais possibilidades de uma determinação. O que se pode fazer, talvez seja expor ou contrapor essas configurações: mostrar a novidade essencial que cada uma significa face à anterior.

Segundo nossa leitura, importaria a um pensador como Foucault, explicitar algo deste “espaço novo” em que o saber moderno se aloja, e qual o alcance desse acontecimento. Foucault, em *As Palavras e as Coisas*, passa a diagnosticar as condições de possibilidade de existência do saber, instância que caracterizaria o pensamento moderno ocidental, cuja configuração teria sido determinada por uma transformação no pensamento representativo clássico e que marca o aparecimento de uma nova positividade no espaço do saber. Analisasse, a constituição das ciências humanas como algo fundamentado nas transformações verificadas no âmbito do saber, onde se descobre que o homem aparece como uma *dupla novidade*, ao mesmo tempo empírica e transcendental. Uma, entre as diversas figuras recentes do pensar, à qual será segundo Foucault, atribuída uma totalidade centralizadora.

O levantamento arqueológico informará também, a impossibilidade de um *corpus* das ciências humanas funcionalmente constituídas, anterior à modernidade. Foucault descreverá que tais saberes são as chamadas “ciências empíricas”: a biologia, a economia política e a filologia. Em Foucault, a filosofia moderna, conforme vista a partir da configuração crítica

de Kant será considerada um saber constitutivo das ciências humanas, fundamentando a tese da relevância, para a constituição histórica destas ciências, da articulação das mesmas com a filosofia e as ciências empíricas modernas. Foucault afirma que estes saberes definiram a sua configuração no final do século XVIII, com o fim da positividade do saber clássico, que analisava e classificava os seres vivos, as riquezas e as palavras. Estes objetos, então não mais analisados no nível da representação, mas, através de uma ordenação por meio de signos, transformam-se em objetos dotados de uma profundidade específica, de uma materialidade referente. E doravante serão conhecidos empiricamente via sínteses objetivas, enquanto vida, trabalho e linguagem.

Trata esta análise, de árdua tarefa intelectual, em outras palavras, ao propor uma arqueologia do pensamento, está se lidando com um nomear e inaugurar de concepções. Não somente dificuldade em nomear o método ou os limiares das transformações, como também de operar no espaço estrito que concerne ao saber, entendido não como um estado geral da razão, mas, como uma relação complexa de *deslocamentos* sucessivos⁴². Neste ponto podemos apontar a influência da epistemologia histórica francesa, que ofereceu a possibilidade de Foucault se distanciar do modo como se fazia história, até então. Distanciamento e deslocamento da metodologia de acumulação dos eventos passados.

1.3– Espaços para Deslocamentos?

Foucault irá nos apresentar novas possibilidades, ao propor uma abordagem do espaço, como horizonte de ocupações, entre desvanecimentos, levantamentos e deslocamentos. Em relação a um estes aspectos, sabemos que por *deslocamento* não apenas devemos entender transposição de sentido ou alteração de uma perspectiva filosófica tradicionalmente adotada.

⁴² TERNES, 2000:57. Vide também a pág. 97, onde Canguilhem nos diz sobre a dificuldade destas nomeações.

Não se opera filosoficamente somente em vista de outra abordagem metodológica mais funcional. Como instância operativa, deslocar não é só um movimento desta tendência “natural” do pensamento, de superar as matrizes teóricas da época anterior. Mas há também, *inventários de diferenças*, que são uma entre as abordagens possíveis, e se estes aspectos forem considerados, a dinâmica do conhecer pode ser alterada, oferecendo novos panoramas, a partir de outra abordagem metodológica.

Este tipo de pensamento parece abrigar a idéia de não haver verdadeira desconstrução ou destruição dos modelos repensados, frente à suas novas estruturas, mas, absorção e adequação de sua *valentior pars*, sendo todo o restante descontinuado. Em nossa leitura, para Foucault, as coisas não passam desta ou daquela maneira, *necessariamente*, e nem tampouco *naturalmente*. Uma vez questionados os pressupostos essencialistas, há uma espécie de formação em ambiente de rede, para utilizarmos um termo atual, que remanesce. Assim, a rede estaria longe dos critérios de causalidade,⁴³ no entanto, ao *trabalhar com* as configurações se estabelece uma peculiaridade no percurso. Uma vez abdicados pela arqueologia os formatos gerais para privilegiar problemáticas específicas e objetos de referência, o que resta seria a análise das singularidades. Foucault parece estar ciente que se perde muito neste novo tipo de relações, porque elas não constituem simples relações de

⁴³ Isto estaria mais presente na respostas de Foucault às críticas recebidas. De acordo com nota de MUÑOZ in *Filosofias Relacionais* (USJT, 2005): Trata-se de uma complexa problemática que encontramos esboçadas em *A Arqueologia do Saber*, na qual Foucault esclarece que se trata de "*rappports*" e *relações* de condições ("*relations de conditions*"), de tal maneira que haveria estruturas de poder às quais ligam-se formas de saber diferentes. Essas relações não seriam de causa/efeito, nem *a fortiori* de identidade. Assim, por exemplo, haveria estruturas de poder e formas institucionais bastante vizinhas (psiquiatria, hospitalização) às quais estariam ligadas formas de saber diferentes, mas entre as quais poderiam ser estabelecidas relações no primeiro sentido. No entanto, subsiste um problema categorial pois para Kant há a categoria de *comunidade* ou de *ação recíproca* como relação não-causal e cujo predicável seria precisamente a *resistência* (neste sentido Foucault seria um neo-kantiano para Deleuze, mostrando que se trata de "condições de possibilidade", mas que não seriam as de toda experiência possível como em Kant, mas as condições "reais" da experiência. *Foucault*, p.67.) Praticamente temos o exemplo foucaultiano de *trabalhar com* [...] como uma mudança no *tipo de relações* que vão se estabelecendo, nesse caso não estaríamos a favor nem contra, não haveria sujeição nem aceitação global, mas um trabalhar com e, ao mesmo tempo, ter distância. ("*Est-il donc important penser?*", Entretien, *Libération*, 1981.)

vizinhança. Poderíamos usar palavras mais eruditas e dizer que são *informacionais*, no sentido que os termos em relação modificam-se uns aos outros. Em todo caso há um mover-se entre positivities e desvanecimentos, que caracterizaria um dos aspectos secundários dos deslocamentos e, da abordagem arqueológica.

Para Foucault, o acúmulo progressivo dos saberes, em determinado momento, veio a ser alvo de problematizações e questionamentos efetuados pelo pensamento filosófico. Isto teria ocorrido desde o primeiro movimento da transição epistêmica que, em *As Palavras e as Coisas*, se inicia no século XVI, se transformado na ciência do século XIX e vêm dar forma ao século XX. Na análise deste trajeto, encontram-se também, novas maneiras pela qual se passa a pensar a moral, tempo, modo, conhecimento, diagnóstico e as relações de poder. Se aplicarmos aqui, uma dobra a Foucault, veremos que o saber emerge a partir de uma configuração *sui generis*, ou, talvez, adentra um campo de abrangência metodológico que se afasta progressivamente do que é estático, moral, contínuo, extenso e homogêneo, onde os panoramas de pesquisa e do próprio pensar sofrem alterações. Transformando-se os solos epistêmicos, constroem-se novas coesões e configuram-se outros instrumentos para avaliar, questionar e perceber a multiplicidade das relações de que eles são constituídos. Alteram-se as trajetórias do pensamento, algumas em função do impacto gerado pela demanda da precisão ou da crítica da origem. Em consequência, outras posições teóricas pleitearão um novo estatuto das interpretações e até o desvanecimento do sujeito na esteira de suas relações e construção de poderes. Há deslocamentos. Emergem novos ritmos e caminhos onde se constata a fratura inicial anunciada; diríamos relacional, ocasionada pelo jogo de movimentos e resistências entre o evento e sua reconstituição representativa.

Mas, se há ruptura, ela irrompe em que nível? O que podemos conhecer? Embora o conhecimento possa ser considerado, habitualmente, como uma relação⁴⁴ entre seus termos e sujeitos, cabe perguntar: Como interpretar as novas relações? Quais as forças que se impõem nesta interpretação de configurações? O pressuposto é que o conhecimento não pode estar na relação em si, nem na determinação do sujeito pelo objeto, entre o conhecido e o cognoscente, mas *na maneira em que se interpreta a relação*. O tipo de relação seria o que determina o tipo de conhecimento e a maneira pela qual se dispõe o mecanismo da interpretação é determinante. Se interpretar relações, de algum modo, significa interpretar conhecimentos, a constituição da cultura seria um efeito na superfície do longo prazo, algo que abarcamos em nossas ilusões retrospectivas. Conhecer algo significaria não mais remissão à causa, ou aos limites, mas à “origem”. O homem se reconheceria, conforme Foucault, nos limites de suas impossibilidades.

Esta configuração,⁴⁵ decifraria uma paisagem paradoxalmente desconhecida, mas com a qual nos relacionamos. A interpretação, como ferramenta do conhecer, quer enfatizar o movimento que não busca mais encontrar o conhecimento, nem sua origem e substância. Considera-o como fruto de uma intersecção de práticas gerando conhecimentos no caudal de signos e conceitos que aguardam ou não, ser reconhecidos⁴⁶, sem possuírem um referente essencial. O conhecimento, entendido como progresso e verificabilidade, por definição não poderia pretender chegar a um conceito último ou se transformaria em metafísica. Deste modo, seria condicionado em seus próprios termos a uma incompletude, embora, paradoxalmente, proponha a generalidade. O conhecimento seria um instrumento para agir e

⁴⁴Tradicionalmente considerado como relação de causalidade, identidade, alteridade. O que não é dado à primeira mão é justamente a questão acerca de “quais” redes de relações e interpretações constituem os saberes.

⁴⁵ “*O problema de Foucault, na descontinuidade, se parece na realidade, ao que devemos enfrentar na leitura de suas pesquisas: a descontinuidade exclui apesar de tudo, a unidade? Ou, para ser mais exata: que tipo de unidade a diversidade – quando plenamente assumida – é capaz de produzir?*” REVEL, 2004:74

⁴⁶ O local originário torna-se suspeita e não-convenção: *locus suspectus*.

refletir, e não o fim do processo de conhecer. Esta radicalidade da perspectiva foucaultiana, que *desloca* o conceito de razão para uma função participativa e não mais diretiva, solicita como fundamento da posição filosófica a imersão diagnóstica no espaço da história como o instrumento e objeto privilegiado do saber.

1.4 – Aspectos de Multiplicidades

Considerar perspectivamente os conteúdos arqueológicos significa considerá-los, além de deslocamento, em termos de mudança e movimento. Pensar nestes termos seria como estar inserido num estatuto desafiador, conforme observava Judith Revel⁴⁷, onde a própria postura opõe-se, em vários momentos, seja a uma abordagem metafísica, antropológica, seja a uma redução material ao analítico, de viés científico. Nesta instauração, a proposta filosófica tenta identificar algo além dos fatos observáveis, ou da análise da linguagem, como possibilidades do conhecimento, mas dificilmente dobra-se sobre si. Para Foucault, esta linha de raciocínio foi estabelecida em seu determinado momento, incluindo seus saltos e descontinuidades. Observa-se, contudo que novos direcionamentos epistemológicos estavam sendo gestados no bojo destas elucubrações e de certo modo situam-se na raiz das interrogações que emergirão no último século⁴⁸. Configura-se, assim, para Foucault, um mosaico de acontecimentos que foram encadeados sob uma *razão histórica*, incluindo a busca de outras chaves interpretativas e o colapso de conceitos que sustentavam doutrinas. Em relação à problemática de situar a instauração arqueológica num panorama perspectivo, a análise das condições em que o debate se forma, no percurso abrangido em *As Palavras e as Coisas*, do século XVI ao XIX é ilustrativa:

⁴⁷ REVEL, 2003:3-5.

⁴⁸ “É possível pensar que há dois ou três séculos, a filosofia ocidental estava às voltas com o postulado – implícito ou explícito – do sujeito como fundamento, núcleo central de todo o conhecimento, como aquilo que e a partir da liberdade se revelava”. FOUCAULT, 1999:10.

[...] o pensamento moderno se contestará em seus próprios arrojados metafísicos e mostrará que as reflexões sobre a vida, o trabalho e a linguagem na medida em que valem como analíticas da finitude manifestam o fim da metafísica [...]. Mas, o fim da metafísica não é senão a face negativa de um acontecimento muito mais complexo que se produziu no pensamento ocidental. Esse acontecimento foi o aparecimento do homem. (FOUCAULT, 1995:333)

Foucault nos parece ocupado em mapear o que é materialmente configurado e atuará com o que é passível de ser recolhido. Estas espessuras apresentadas no discurso, para poderem ser exploradas, necessitam de uma recusa a qualquer substancialização, subjetivação, ontologismo ou sistema que determine um novo sistema fundacional. Pretender mostrar limiares e mobilidades através dos apagamentos que ocorreram no trajeto descrito em *As Palavras e as Coisas*; onde Foucault passa por taxionomias, *máthêsis*, o espaço esvaziado da representação e da consciência, quer dizer-se a inserido num modelo que mapeia transversalmente as configurações do conhecimento? Talvez seja mais apropriado dizer que esta leitura não se aplica, como diz Foucault⁴⁹ a uma evolução dos saberes em direção à positividade científica, apresenta uma análise de caráter anti-metafísico e positivamente observável, pois os saberes cruzam um espaço de organizações que pode ser levantado. Foucault falará então, destes espaços:

A arqueologia deve percorrer o acontecimento segundo sua disposição manifesta; ela dirá como as configurações próprias a cada positividade se modificaram [...]. Enfim, e, sobretudo mostrará que o espaço dos saberes não é mais o das identidades e diferenças, o das ordens não-quantitativas, de uma taxionomia, ou de uma *máthêsis* do não-mensurável, mas um espaço feito de organizações, isto é, de relações internas entre elementos, cujo conjunto assegura uma função [...]. Mostrará que essas organizações são descontínuas, que não formam, pois, um quadro de simultaneidades sem rupturas, mas que algumas são do mesmo nível, enquanto outras traçam séries ou seqüências lineares. De sorte que vê surgir como princípios organizadores desse espaço de empiricidades a *Analogia* e a *Sucessão*: de uma organização (dos saberes) à outra, o liame, com efeito, não pode ser mais a identidade de um ou vários elementos, mas a identidade da relação entre os elementos (onde a visibilidade não tem mais papel) e da função que asseguram (FOUCAULT, 1995:232)

⁴⁹ FOUCAULT in *Análisis*, 1970:258-259

Onde Foucault, então, sugere alocar o campo da discussão metafísica⁵⁰ que o precedeu? Não o sabemos. Contudo, retroagindo à situação histórica imediatamente anterior, de embates sucessivos, tem-se, tradicionalmente, a metafísica como o estudo das coisas em *si mesmas*, apartadas de sua apresentação na consciência, onde se auto-exclui ou torna-se insustentável, como Kant procura demonstrar na *Crítica da Razão Pura*. Tal filosofia, trabalhando assim, não pode oferecer um conhecimento da alma como substância “absoluta”, separada da consciência, logo, tratar-se-ia de algo sem referente, ou associação de um conceito a nenhuma intuição⁵¹. Foucault ao advertir sobre a “instabilidade dos solos” se aproxima do que faz Kant entre intuição e síntese? Das referidas antinomias insolúveis e substanciais, Foucault, desvia o foco da epistemologia, ao insistir na materialidade das configurações e não apontando séries de erros na busca do fundamento, ou do homem, mas a impossibilidade mesma de sua solidez. Kant, o fim da metafísica, a *Aufklärung*, o “giro copernicano” estão, de certo modo, no pano de fundo de *As Palavras e as Coisas*⁵².

⁵⁰ A arquitetura do espaço implica outro trajeto filosófico: “O triângulo crítica-positivismo-metafísica do objeto é constitutivo do pensamento europeu desde o começo do século XIX até Bergson”. FOUCAULT, 1995:260

⁵¹ “A razão humana, num determinado domínio dos seus conhecimentos, possui o singular destino de se ver atormentada por questões, que não pode evitar, pois lhe são impostas pela sua natureza, mas às quais também não pode dar resposta por ultrapassarem completamente as suas possibilidades. [...] Parte de princípios, cujo uso é inevitável no decorrer da experiência e, ao mesmo tempo, suficientemente garantido por esta. [...] Assim, a razão humana cai em obscuridades e contradições, que a autorizam a concluir dever ter-se apoiado em erros, ocultos algures, sem, contudo os poder descobrir. Na verdade, os princípios de que se serve, uma vez que ultrapassam os limites de toda a experiência, já não reconhecem nesta qualquer pedra de toque. O teatro destas disputas infundáveis chama-se *Metafísica*”. KANT, 1989:3-6.

⁵² Esta é a topografia com que deparamos em nossa leitura e que nos autoriza algumas remissões kantianas, para se entender o pano de fundo de *As Palavras e as Coisas*. Foucault desloca também o alcance de sua positividade analítica contra restar, como função da filosofia, apenas elaborar sínteses dos postulados das ciências particulares, no esforço monótono de unificação *a posteriori* dos métodos científicos: sistemáticas classificatórias, taxionomia de processos, conformação à ordem estabelecida pelo progresso. O que Foucault, em seu trabalho e, de forma contrária, virá dizer é que conceitos e estruturas “dadas” ao pensar, ou tidas como pré-existentes, são argumentações recentes e localizáveis. Foucault diz (1995:403), entre outros exemplos que, tanto a vida, quanto o homem não existiram *desde sempre*, embora após Kant, antropologicamente fundados.

Ainda segundo Foucault, em *As Palavras e as Coisas*, a vida não constitui um limiar manifesto a partir do qual formas inteiramente novas de saber são requeridas: ela é uma categoria de classificação como todas⁵³. Foucault abarca outra instância e elide as dificuldades, ao fazer desvanecer o *telos* da discussão. A questão não pode ser resolvida em forma sistêmica, fechada, única, mas numa ultrapassagem sobre intelectualismos e apriorismos⁵⁴ – tidos como moderadores teóricos do empirismo e racionalismo - que permitissem tratar distintamente construtos diferentes: natureza e grau, interno e externo, ciência e metafísica, legando à última, se quiserem, uma verdadeira vantagem competitiva. Foucault não aceita senão a positividade do acontecimento. O ponto para Foucault parece ser não mediar nada reconhecidamente portador e/ou construtor de conhecimento, mas apontar qual abordagem positiva para instâncias diferentes; qual pergunta pode identificar ou esvaziar o problema colocado. O conjunto dos saberes não deve ser epistêmico, em seu aspecto regulamentar, nem prescritivo ou descritivo. Senão, complementado pela apreensão do valor vida, e do problema das relações. Exige-se interpretação e com ela a incessante “refiguração” das bases onde se estabelece os saberes e a possibilidade do conhecimento. Assim, em *As Palavras e as Coisas* estamos na presença de outra rotação, no eixo da atitude filosófica. Entre estas interlocuções, possibilitadas justamente por estes jogos de configurações apontados por Foucault pode-se falar em uma arqueologia? E seu propósito, seria mapear as redes relacionais por meio de instrumentos singulares de análise filosófica, instrumentos os quais se poderiam apontar produtos, tais como a mobilidade das *epistémês*?

⁵³ FOUCAULT, 1995: 171-179

⁵⁴ Diz-se, tradicionalmente na filosofia, das tentativas de mediar os conflitos metodológicos entre empirismo e racionalismo, através da aceitação plena do sensível e parcial dos conceitos; e plena dos conceitos, subsidiada também pelos sentidos, no segundo caso.

1.5 – Instrumentais

O que podemos apresentar até agora, possibilita entrever em nosso horizonte uma definição, que talvez nos auxilie a entender o possível *interpretar de relações* proposto pela via arqueológica: instrumentos filosóficos podem ser entendidos como ferramentas que dispomos para pensar. Metodologias e abordagens do pensamento filosófico seriam estes instrumentos. Formas de apresentação, renovações e substituições, ganhos na amplitude ou estruturas inter-reagentes são o fundamento das relações, que por sua vez são mapeadas por instrumentos, quaisquer que sejam, desde que inteligíveis. Por esta perspectiva, instrumento seria uma determinada função lógica, física, cognitiva, afetiva ou intuitiva que permita interagir com a realidade externa, desde já dada numa imediaticidade. Estas ferramentas oferecem uma diversidade de perspectivas em sua relação com a realidade, em função de uma contextualização mais ou menos abrangente. O conhecimento passa a deter um estatuto constitutivo, quer dizer, construindo-se em um equilíbrio na medida em que é reconhecido e/ou como quer Foucault, configurado num equilíbrio instável. De outra maneira, e, para alguns, o conhecimento não é o *que se deve saber* ou o *como se sabe*, mas uma instância a serviço da vida⁵⁵. De qualquer modo, seja ocorrendo de forma prática, utilitária, intuitiva ou ontológica, isto não parece ser o ponto fulcral da questão, mas sim, a necessidade mesma do conhecimento, enquanto objeto, ou construção, estar à disposição de quem o conhece ou acesse os limites do que pode ser conhecido. Relações são este aglomerado globular, entretecido em movimentos direcionais, quer dizer, se dão de múltiplas maneiras, assim como o ser que se *diz de tantos modos*: um planalto entrecortado de significações, cruzamentos, elisões e referências a palavras e coisas, como o que nossa cultura apresenta.

⁵⁵ “O lugar da verdade não reside, portanto, no juízo que liga dois conceitos, mas na intenção que apreende o objeto”. LEVINAS, 1997:35

Com isso, emergem perguntas relacionadas ao lugar identificado pela arqueologia, para esta compreensão e quais os mecanismos de apreensão que possibilitam a este esvaziado *sujeito da percepção* – (*quem agora percebe?*) -, a *consciência de como se percebe*⁵⁶ - e, na esteira da denúncia dos arqueólogos, se ao sujeito restaria ainda algum estatuto ontológico. Qual a relação entre quem percebe e a possibilidade de interpretar o que lhe é exigido pela condição de perceber? Haveria uma insistência intrínseca no *locus* a ser atingido, quase não produzindo ou permitindo pausas, quase não há silêncios audíveis: tudo está preenchido pela interpretação filosófica. Existiria certa obsessão do discurso das asserções “verdadeiras”, poderem cobrir as fissuras, os hiatos. Ou desvendá-los. Talvez, trate-se, para nos apropriarmos de uma expressão de Bento Prado Jr., de uma espécie de *miragem da ausência*: Estes recortes apresentam um panorama conflituoso das discussões contemporâneas; desde o prefácio de *As Palavras e as Coisas* há uma condição perigosa nas estratificações e análises: Quem nos autoriza a classificar; recortar e apresentar?

Em que “tábua”, segundo qual espaço de identidade, de similitudes ou analogias, adquirimos o hábito de distribuir tantas coisas diferentes e parecidas? Que coerência é essa – que se vê logo não ser nem determinada por um encadeamento *a priori* e necessário, nem imposta por conteúdos imediatamente sensíveis? Pois não se trata de ligar conseqüências, mas sim de aproximar e isolar, de analisar, ajustar e encaixar conteúdos concretos; nada mais tateante, nada mais empírico (ao menos na aparência) que a instauração de uma ordem entre as coisas (FOUCAULT, 1995:9)

Na compreensão da via arqueológica, dado o exposto, concluímos que o conhecimento seria um objeto construído pelas relações que se configuram no espaço de suas possibilidades. Mas estará historicamente sedimentado por movimentos interdialéticos, em busca de sua formatação definitiva? O objetivo epistemológico sistematiza o conhecimento e as condições peculiares onde o mesmo seja reconhecido como tal. Mas, o que cabe ao estatuto dos

⁵⁶ Em complemento à discussão anterior, quem efetivamente percebe, interpreta e relaciona é, a nosso ver, notadamente alguém, dificilmente um “algo” percebe alguma coisa. Que diríamos de um objeto, uma terceira pessoa, exterior a qual não temos acesso? Haveria um solo conceitual que não se consegue deixar de pisar, porque sua figura atormentaria muitos, tal como o fantasma metafísico que não consegue, de todo, exorcizar.

saberes? O que reside nas instabilidades que são características das configurações? Uma maneira de indicar as pistas que nos pontua Foucault é descrever algumas ordenações de *As Palavras e as Coisas*. Buscaremos, então, a partir daqui, descrevê-las, sem, no entanto, nos comprometermos com uma leitura esquemático-remissiva. Não consideramos interessante como alvo prioritário, a “razão” da mobilidade das *epistémês*, mas, aspectos sobre a formação, contrastando-os com as críticas recebidas na época de sua publicação. O detalhe precioso que nos atrai é o debate acerca das nebulosidades encontradas no texto (1966), especialmente o que pode ser encontrado, em particular no artigo de Sylvie Le Bon, que exploraremos na parte B, sobre o suposto “positivismo desesperado” de Foucault. Em seu contexto, o embate extrapola os círculos “oficiais” de epistemologia e se constitui uma peça material para compreender os posicionamentos envolvidos.

1.6 – Além da Análise e Síntese?

Se nos é possível aproximar das *epistémês*, em sua mobilidade, devemos compreender como Foucault sustenta tal argumentação e quais as conseqüências que podem ser extraídas. As indicações sobre o trajeto foucaultiano que serão questionadas, especialmente na segunda leitura, referem-se, em grande medida a uma leitura das entrelinhas e perigosas relações, apontadas em *As Palavras e as Coisas*. Ao mostrar o reverso das coisas e a defesa, posterior, que faz Foucault em relação aos questionamentos que recebe, apontaremos atualidades do debate⁵⁷, que tem algumas raízes transcendentais. Ao nos acercarmos da nervura das

⁵⁷Segundo Ternes, o debate em torno da arqueologia das ciências humanas ainda não está suficientemente explorado e, mantém sua atualidade: “*As Palavras e as Coisas*, em especial, apesar de toda a polêmica desencadeada na época de seu nascimento, ainda *não deu, acredito, os frutos* que poderia dar. Voltar a este texto, bem como a todos aqueles discursos um tanto enigmáticos [...] Depois, porque há uma dificuldade intrínseca à própria obra arqueológica.” TERNES, 1995:45

pesquisas arqueológicas e, por extensão ao impacto causado por esta exposição, poderemos interrogar as condições dentro das quais se tornou possível a *maneira moderna de pensar*⁵⁸.

Mas, não é tão fácil determinar para significados suas chaves de exatidão, especialmente em Foucault. Talvez, isso sequer seja possível, devido à multiplicidade de inter-relações com a “realidade” que nos informa uma arqueologia. Mesmo frente à diversidade que encontramos, é difícil nos orientar entre as variações metódicas e possibilidades filosóficas admissíveis ou encontradas nessas disposições históricas: Como delimitar estes espaços de configurações? Segundo Foucault, ao refletir ou escrever a história linearmente, estaremos posicionados no terreno do arbitrário.

Não é fácil estabelecer o estatuto das continuidades para a história em geral. Menos ainda, sem dúvida, para a história do pensamento. Pretende-se traçar uma divisória? Todo limite não é mais talvez que um *corte arbitrário* num conjunto indefinidamente móvel. Pretende-se demarcar um período? Tem-se, porém o direito de estabelecer, em dois pontos do tempo, rupturas simétricas, para fazer aparecer entre elas um sistema contínuo e unitário? A partir de que, então, ele se constituiria e a partir de que, em seguida, se desvaneceria e se deslocaria? A que regime poderiam obedecer ao mesmo tempo sua existência e seu desaparecimento? Se ele tem em si seu princípio de coerência, donde viria o elemento estranho capaz de recusá-lo? Como pode um pensamento esquivar-se de outra coisa que ele próprio? Que quer dizer, de um modo geral: não mais poder pensar um pensamento? E inaugurar um pensamento novo?” (FOUCAULT, 1995:65).

O limite da ordem seria este corte arbitrário sobre um fundo móvel e que Foucault problematiza: *como um pensamento pode ter lugar no espaço do mundo?* O semelhante se encontra, a partir da *epistémê* moderna, dissociado de toda semelhança, deve passar pela prova da comparação, da medida e dos juízos. A atividade do espírito, a partir de determinado limiar histórico não mais se contenta em aproximar as coisas, mas se empenha

⁵⁸ TERNES, 1995:48-52.

em discerni-las: em estabelecer identidades. Os deslocamentos das *epistémês mudam* a cada série de intersecções, mantendo do passado e futuro apenas os nomes. Esta análise de Foucault despertará críticas: Verifica-se a validade de um *a priori histórico* para esta variação dos graus das formas epistêmicas, caso nada anteriormente fosse dado à reflexão?

Podemos entrever estes ecos ressoando, seja na maneira pela qual estas proposições são estruturadas em sua metodologia concêntrica e interligada da busca, da escavação, da diferença. Se desaparecer o sujeito, emerge a consciência que conhece? Foucault não oculta seu empenho em romper uma filosofia que desemboque numa “grande consciência”. Por isso, talvez, recuperará categorias e finalmente a “dobra” da filosofia sobre si⁵⁹, para proceder a um esvaziamento metodológico da representação e do sujeito. Mas, há um cenário de possibilidades anterior, presente em *As Palavras e as Coisas* e que, levado em conta nos ajuda a entender o desvanecimento das coisas e os movimentos epistêmicos

Temos, tradicionalmente, a partir de Aristóteles, o conhecimento pelas *causas* significando que a inteligência é capaz de *discernir a identidade* e a *diferença* no nível da essência das coisas. A ordem e a medida têm a função de produzir esse discernimento, através de práticas empíricas e do encadeamento racional, por isso são o núcleo do método e da *máthêsis*⁶⁰. Conhecer é *relacionar*. Relacionar é estabelecer um *nexo causal*, determinar quais as identidades e as diferenças entre os seres. A *medida*, como diz Foucault⁶¹, oferece o critério para essa identidade e diferença. A *ordem* é o conhecimento do encadeamento interno e

⁵⁹ Foucault somente deixa explícita esta direção bem mais tarde, onde aponta não somente para uma reformulação da tarefa da filosofia, mas sempre a atualiza via Kant: “Mas o que é o filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento?” FOUCAULT, 1984, 12-13.

⁶⁰ “Entendida em seu sentido estrito, a *máthêsis* é a ciência das igualdades, portanto, das atribuições e dos juízos; é a ciência da verdade”. FOUCAULT, 1995:89

⁶¹ FOUCAULT, 1995:68.

necessário entre os termos que foram medidos, estabelece qual o termo que se relaciona com outro e em qual seqüência necessária, de sorte a estabelecer uma *série ordenada*, *sintetiza* o que foi analisado pela medida. De outro lado, as relações causais somente se estabelecendo entre coisas da *mesma substância*, criam contradição que impede a causalidade de operar: aquilo que se passa na extensão não poderia causar efeitos no pensamento e vice-versa. Para superar esta contradição, uma solução citada amiúde em *As Palavras e as Coisas*, foi considerar o conhecimento como *representação*, assim a inteligência não afeta ou é afetada pelos corpos, mas, pelas *idéias* deles, havendo a uniformidade exigida pela causalidade. A fé colocada na razão deveria suprir o deslocamento para este novo centro – a subjetividade - e resolvia a primeira questão. Esta noção⁶², que nos indica Foucault é a base mesma de toda a estrutura do pensamento no pós-limiar renascentista, cujo desvanecimento se consolida na era clássica, quando as palavras não mais se referem às coisas. Além disso, a representação mesma cria também um novo problema: como saber se as idéias representadas *correspondem verdadeiramente* às coisas representadas? Como saber se a idéia é adequada? Também podemos perguntar: O que leva ao engano?

A noção de representação significaria: aquele que conhece (*sujeito do conhecimento*) está rodeado por *coisas* cuja verdade não pode encontrar imediatamente, pois o que percebe são justamente coisas⁶³. Mas, o que deve conhecer são *objetos do conhecimento*, as idéias verdadeiras ou os conceitos dessas coisas percebidas. Estas questões apontam para uma possível relação de complementaridade entre análise e síntese, que não seriam necessariamente opostas. Por esta leitura⁶⁴, para os modernos, as idéias não se limitavam ao conhecimento servindo como modo descritivo, para o que ocorria dentro do sujeito. Isso

⁶² FOUCAULT, 1995:69-71.

⁶³ Idem p. 219.

⁶⁴ Idem, p. 84-86.

aconteceria por meio de um exame da relação entre o sujeito que conhece, com aquilo que é conhecido e as disposições encontradas desenham os limites do mundo.

Todo conhecimento seria resultado de um processo, seja analítico ou sintético. Porém, isto não nos dá informações sobre o “tipo de conhecimento” que se obtém. Há uma diferença que é identificada, não no processo, mas nos resultados: uma corresponde ao método da descoberta (*ars inveniendi*) e outra ao método de exposição ou explicação (*ars discerendi*). O método analítico (*resolutio divisio*) desmembra o que está dado, indo dos efeitos para as causas, não acrescentando conhecimentos ao que está dado. O método sintético (*compositio*) une e compõe, gerando conhecimentos novos a partir de definições, cujas conseqüências não necessariamente estão contidas na definição. Diversas interpretações defendem que os dois modelos são indispensáveis: um corresponderia ao método da descoberta (*ars inveniendi*) e outro ao método de exposição ou explicação (*ars discerendi*) de uma mesma ciência. Uma linguagem perfeitamente distinta permitiria um discurso inteiramente claro: essa língua seria em si mesma, uma *ars combinatoria*⁶⁵.

Foucault aceita que, anteriormente ao corte clássico,⁶⁶ toda a realidade poderia ser explicada por conceitos e isto transformaria a metafísica em análise sobre a mesma, pois todas as verdades são deste tipo. Em outro nível, o *método analítico de julgar* é o que toma por procedimento a divisão dos objetos, busca perceber como os conceitos divididos atribuem-se

⁶⁵ Ibidem, p.218.

⁶⁶ Se entendermos que a questão do conhecimento está dada neste cenário, naturalmente o método de Kant se apresenta. Perguntando-se *como são possíveis os juízos sintéticos a priori?* O que se procura é responder de forma incontestada a um conjunto de questões cruciais a este novo limiar: *O que podemos saber? O que devemos fazer? O que devemos esperar?* Ao elaborar seu método crítico, diz Foucault, Kant efetua uma inversão paradigmática em relação ao conhecimento clássico: *para se poder falar sobre o mundo, torna-se necessário antes descrever o processo de conhecimento*. “Se ganha muitíssimo quando se pode submeter grande quantidade de investigação à fórmula de um único problema”[...] “Ora, o verdadeiro problema da razão pura está contido na pergunta: *como são possíveis os juízos sintéticos a priori?*” KANT, 1987:32.

ao concreto, mas, não atribui informação nova. A *análise* pressupõe a antecedência dos dados da experiência e uma *síntese* inicial, que deve ser operada, através da configuração da multiplicidade baixo um conceito que a explique e categorize. Este posicionamento erige um construto que torna a metafísica uma aspiração impossível ou irrelevante. Foucault parece retomar o propósito kantiano e decreta, em *As Palavras e as Coisas*, o *deadline* metafísico, como o fecho de todo um encadeamento reflexivo.⁶⁷ Se, desde a fronteira entre as *epistémês* clássica e moderna, o conhecível passar a estar delimitado ao que se inicia nos sentidos e é resolvido na experiência quantificável, a arqueologia informará as histórias presentes na configuração dos objetos do pensamento e buscará superar as estratificações categóricas.⁶⁸

Desta leitura, e já para Foucault, na análise que faz das configurações epistêmicas, o racionalismo moderno teria dado forma às experiências e aos espaços das linguagens, desvirtuando-nos da experiência original. Ao subsumir intuições a conceitos através de um sujeito lógico transcendental, Kant efetuará um deslocamento antropológico⁶⁹. Posteriormente será a partir da resposta de Kant à pergunta sobre o esclarecimento – *Aufklärung* - é que a filosofia⁷⁰, pela primeira vez, dobra-se sobre si e pergunta sobre a sua própria atualidade. Afirmar que “*o eu penso deve poder acompanhar todas as minhas*

⁶⁷“ [...] “o pensamento moderno se contestará em seus próprios arrojos metafísicos e mostrará que as reflexões sobre a vida, o trabalho e a linguagem, na medida em que valem por uma analítica da finitude, manifestam o fim da metafísica”. FOUCAULT, 1995:333.

⁶⁸ Não podemos pensar objeto algum senão mediante categorias; não podemos conhecer objeto pensado algum senão mediante intuições correspondentes àqueles conceitos., não nos é possível nenhum conhecimento *a priori* senão unicamente com respeito a objetos da experiência possível. KANT, 1987:94.

⁶⁹ Este questionamento ocorrerá posteriormente com Heidegger, para quem a questão fundamental da filosofia não é o homem, mas sim o *Ser*. Uma filosofia que colocasse o homem como centro de preocupação seria antes uma antropologia. Ao mesmo tempo, faz parte da *tese complementar* de Foucault para o doutorado, *Introduction à l'antropologie de Kant* - não publicada - onde avalia a crítica kantiana e a modificação de sua antropologia. Antropologia que Kant manteve, ou ele se manteve apesar do ideário transcendental. A partir da provocação de Sloterdijk, em sua trilogia *Esferas*, que, sob o manto do *Ser e o Tempo*, estaria implícito um *Ser e o Espaço*, nós podemos ler Foucault trabalhando nesta direção, ou seja: fazer o que Heidegger não fez ou não quis fazer. Retomando a filosofia a partir de Kant e desviando-se da metafísica e da análise temporal.

⁷⁰ Segundo Foucault, Kant é o primeiro filósofo que problematiza sua atualidade, para definir nela o modo de ação do seu discurso. A atitude crítica é, portanto indissociável de uma “ontologia do presente”: “o que, no presente, tem sentido para aquele que fala dele? O que o constitui, não como momento fugaz, mas como acontecimento que deve ser pensado? O que é este presente, ao qual pertencemos?” FOUCAULT, 1994:687.

representações”⁷¹, este “*cogito*” kantiano se apresenta como uma função lógica do juízo, um “sujeito transcendental” e não um ser substancial. A consequência priva a condição privilegiada de saber unificado, tradicional no entendimento da Filosofia, que tenderá a fragmentar-se em vários campos de especialização. Isto é aceito pela maioria dos que se debruçam sobre o tema, mas, o que nos interessa é observar que o “sujeito” passa a deter novo estatuto⁷² ontológico e, para Foucault, possuirá – a partir desta dobra - um novo estatuto antropológico. E então se revela, sob esta franja, uma das mais importantes problemáticas foucaultianas que está na amarração conceitual de *As Palavras e as Coisas: Ao despertamos do sono dogmático, fomos surpreendidos por um sono antropológico*⁷³.

O pensamento foucaultiano, como apontado, em mais de um sentido, inclui-se na "tradição crítica" de Kant. Por isso a escolha deste interlocutor, como suporte, nesta primeira leitura. Naturalmente sem pretensões de utilizar o conhecimento como modo de denunciar erros, dogmatismos e ideologias do passado e do presente. Foucault sublinha o projeto crítico inaugurado por Kant como irreduzível à perspectiva monolítica da razão moderna. Se assim fosse, restaria ao filósofo posicionar-se em relação a ela ou cair no irracionalismo. Foucault efetua um recuo do campo da sensibilidade nesta teleologia negativa da razão. Seu interesse desloca-se para outras questões: Como surgiram formas de racionalidade que começaram pela primeira vez investigar a individualidade, a subjetividade? Contrariamente à noção aristotélica de que não existe ciência do particular, Foucault, em seus textos iniciais, investiga desde o contexto anatomo-patológico, formas possíveis de se estudar o particular. Esta disposição configurará a arqueologia como “instrumento”, notadamente a partir de *As*

⁷¹ KANT, 1987:81.

⁷² “O homem, na analítica da finitude é um estranho duplo empírico-transcendental, porquanto é um ser tal que nele se tomará conhecimento do que torna possível todo o conhecimento”. FOUCAULT, 1995:334

⁷³ “E eis que nessa Dobra a filosofia adormeceu num sono novo; não mais o do Dogmatismo, mas o da Antropologia”. FOUCAULT, 1995:357

Palavras e as Coisas, onde a busca será pelas singularidades que constituem as ciências humanas. Mas, este esforço não está dissociado das pesquisas efetuadas desde *O Nascimento da Clínica*⁷⁴, de tal modo que – embora não possuindo unidade sistemática identificável, se encontram os textos dispostos como complementares em unidades comunitárias.

Sob tal forma segue-se que no “núcleo” de sua pesquisa, na análise das relações saber-poder, Foucault não se afasta da noção de comunidade kantiana⁷⁵, e opera, embora distante, através de outras categorias? Eis um problema que não pode ser contornado, pois se os aglomerados de configurações são derivados das condições epistêmicas e, estas são relacionais e singulares, como fica a hipótese foucaultiana de uma comunidade não afeita a relações causais, mas sim estruturada em rede? Este ponto não passará despercebido pelos textos a que Foucault tentará responder, uma vez problematizada a metodologia arqueológica.

1.7 – Las Meninas: Quadros e Invisibilidades

A arqueologia vem se configurando, em nossa interpretação, como um método adequado aos objetos de sua pesquisa. Ao mesmo tempo em que opera, não pretende subsumir seus objetos nos conceitos, mas pretende que os conceitos respeitem os objetos a que remetem. Pretende que sejam singulares. Não se trata de exatidão, mas de adequação. De acordo com a leitura de Foucault, Kant efetua uma torção espaço-temporal na historicidade. As coisas e objetos que na passagem para a modernidade, se localizavam no grande quadro das representações, a partir daí *se descobrem numa historicidade em que se constituem*. Foucault não explica as causas de transformação como causas imanentes ou causas externas, ele recusa uma causalidade direta, linear, essencial para os saberes. O que teria emergido desta condição de

⁷⁴ FOUCAULT *in Análisis*, 1970:237-238.

⁷⁵ KANT, 1987:70 – *Análítica dos Conceitos* - § 11.

mutação epistêmica, seria a condição paradoxal do homem, que passa a ser sujeito e objeto do conhecimento, dominante e dominado pelo conhecimento. Duplicidade transcendental que oferece um lugar vazio onde se aloja o homem, dentro dos invisíveis⁷⁶ espaços dos quadros da representação.

É desse modo, conforme dissemos, que no trajeto da arqueologia das ciências humanas, o enfrentamento final do texto se dará em uma denúncia do duplo estado do ser, em sua empiricidade reflexiva, no pensar-se a si. A finitude mostra-se, então como o mais novo constituinte desta nova correlação. Não mais como transitoriedade, mas, como impossibilidade. Pertence-se ao quadro elaborado em uma analítica da finitude, onde se desenha um campo privilegiado para transcorrer o desenvolvimento das ciências humanas. O campo comum da finitude é o lugar que pode relacionar filosofia e ciência. A inversão desta temática, tal como esforço de “inversão do pensamento”, seria mostrar aspectos da situação paradoxal de conhecer e ser conhecível: reconhece-se como finito, mas busca-se infinitamente. Este *estranho ser*⁷⁷, objeto de conhecimento e fundamento do saber, traz em sua própria constituição esta ambigüidade das instâncias com as que se apóiam as bases do conhecimento.

Uma ligação transversal com tal mensagem está bem presente na avaliação de *As Meninas*, de Velásquez; onde, para Foucault, o que se vê não está alojado no que se diz e a palavra, face ao visível, talvez se encontre em déficit, porque *no abismo entre as metáforas e sintaxes perdem-se os nomes*. Revelar-se-ia a importância atribuída ao olhar⁷⁸ e à inversão infinita do espectador e modelo, do lento desaparecer do sujeito e das novas relações com o objeto. Esta

⁷⁶ FOUCAULT, 1995:20.

⁷⁷ Duplo ser: empírico e transcendental, objeto e razão do conhecimento. Vide nota 72

⁷⁸ DOSSE, 1994, II: 489

dispersão que ocorre na tela do pintor, na análise de Foucault, está constituída por disposições de ondas sucessivas num espaço finito. A própria noção de *epistémê*, considerada uma vasta base transversal, não evolui; somente oscila sob o impacto de sismos e dá lugar a outra camada que irá sobrepor-se à primeira, sedimentando-se. Talvez seja possível apontar, novamente, o tributo que a arqueologia presta à geologia⁷⁹, ao apropriar-se de sua terminologia, conforme as peculiares disposições textuais de Foucault.

Neste capítulo, que abre *As Palavras e as Coisas*, a interpretação do percebido é levada ao extremo por Foucault, dentro de um sistema sutil de evasivas⁸⁰, onde a invisibilidade se expõe. Trata-se de uma instância em profundidade, daquilo mesmo que o artista contempla: o espaço em que *estamos* e o espaço possível onde *somos*. Foucault inicia o livro com um exemplo do diagnóstico arqueológico, focalizando os *lugares-tempo* que se constituem de puras reciprocidades. Ao olharmos para o quadro, o pintor nos contempla e, por meio de entrecruzamentos se é acolhido e – ao mesmo tempo – substituídos por aquilo que, talvez desde sempre, ali se ocultava, ou seja, bem antes do olhar já era possível: os próprios modelos que se expõe à Velásquez e objeto de sua expertise. Foucault primeiro alerta para o lugar vazio, do que é, em primeira instância, retratado. A perspectiva, inversa, introduz silenciosamente um outro espaço, insuspeito, de invisibilidade essencial. Não aquele das possibilidades, mas de configuração, ou seja: que ordena em torno de si, toda a representação.

⁷⁹ Segundo Ternes, Foucault teria, com o uso destas terminologias, contribuído para uma suposta “redução” da arqueologia à geologia. Isto se relaciona também à “crítica que faz Foucault do “privilégio” dado ao tempo na tradição filosófica e a desqualificação do espaço”. TERNES, 2000: 55.

⁸⁰ FOUCAULT, 1995:19

Talvez haja, neste quadro de Velázquez, como que a representação da representação clássica e a definição do espaço que ela abre. Com efeito, ela intenta representar-se a si mesma em todos os seus elementos, com suas imagens, os olhares aos quais ela se oferece, os rostos que torna visíveis, os gestos que a fazem nascer. Mas aí, nessa dispersão que ela reúne e exhibe em conjunto, por todas as partes um vazio essencial é imperiosamente indicado: o desaparecimento necessário daquilo que a funda – daquele a quem ela se assemelha e daquele a cujos olhos ela não passa de semelhança. Esse sujeito mesmo – que é o mesmo – foi elidido. E livre, enfim, desta relação que a acorrentava, a representação pode se dar como pura representação (FOUCAULT, 1995:31)

Em nossa interpretação, analisar o quadro e relacioná-lo ao “quadro da representação” busca antes de tudo, apresentar este trajeto de esvaziamento, deslocamento e movimento entre configurações, indicando o que está em excesso. É preciso dispor, inicialmente, de uma metáfora para este espaço da representação que, em seu desvanecimento ilustrará as fronteiras e rugosidades. Para isso, a análise de Velázquez é fundamental: Para Foucault, o pintor só dirige a nós seus olhos, na medida em que nos encontramos no lugar de seu motivo. Nós, espectadores, estamos em excesso, eis a mensagem encontrada por em *Las Meninas*. Acolhidos por este olhar, somos, ao mesmo tempo, expulsos, substituídos por aquilo que sempre esteve lá: o próprio modelo. Eis a delimitação sintética do espaço de ordenamentos, *campo transcendental* constituído de puras reciprocidades.⁸¹

Na idade clássica, e é isto que o quadro de Velázquez, analisado por Foucault no começo de *As Palavras e as Coisas*, ensina, a ausência do homem se dera face ao infinito discursivo. Na modernidade, no entanto, vimos, sua *presença* é requerida. Mas, entenda-se, enquanto sujeito e objeto do conhecimento. Desde o começo, portanto, enquanto figura ambivalente, necessariamente nebulosa. Constitui, portanto, negação da própria filosofia moderna “conduzir todo o conhecimento às verdades do homem” (Foucault, 1966, p. 353). Quando isto ocorre, instaura-se um novo *antropologismo*. É esse tipo de filosofia, “essas formas de reflexão canhestras e distorcidas”, que merecem “um riso filosófico”. Foucault, à maneira de Kant, quer um novo *fim da metafísica*: “Em nossos dias não se pode mais pensar senão no vazio do homem desaparecido” (p. 353). (TERNES, 1995:49)

O que, enfim, nos resume e aponta Ternes? Haveria uma *epistémê* “clássica”, regida pela categoria da ordem, que teria sido substituída, gradativamente, por um domínio novo, onde

⁸¹ FOUCAULT, 1995:20.

desaparece o espaço da representação⁸² dentro do fluxo da História. Esta nova configuração ousa interrogar a possibilidade mesma da representação. A análise de Foucault não se detém: “A modernidade não se exaure nessa dualidade inicial. Ciências empíricas e filosofia transcendental constituem um espaço epistemológico, tal que, de seu próprio interior, se impõe uma terceira figura: o homem”⁸³. Seu advento, no limiar de nossa época, não é fruto do acaso. Ele é requerido pela contextura do saber moderno, que trata unicamente de se ocupar com a análise, o desenrolar das representações e suas relações dadas.

1.8 – O Privilégio dos Espaços

Poderíamos assinalar que Foucault movimenta-se em um sistema de *intracoerências*, não alguém que caminha entre fragmentos⁸⁴, mas um pensador que anseia passear entre recortes. Segundo Salma Muchail⁸⁵, há um perspectivismo que dificulta compreender Foucault. Esquemáticamente, um “programa” foucaultiano, poderia ser descortinado como possuindo um momento empírico-descritivo, em que se destacariam construções metodológicas impregnadas com preocupações sobre a história das ciências, próximas ao chamado programa estruturalista⁸⁶; um momento de reflexão metodológica, espaço e esforço de codificação e sistematização presentes numa arqueologia de saberes, onde “a pesquisa trata de definir o nível particular de emergência do discurso científico e seu funcionamento na sociedade” e uma genealogia filosófica de amplo espectro.⁸⁷

⁸² Como veremos na segunda leitura, Foucault aponta as rupturas na antiga certeza que todo o real poderia ser representado e que “toda representação, expressa pelo discurso, pode ser inscrita num quadro, instância suprema da ordem”. A razão irá, na modernidade, descolar-se da *divinatio*. FOUCAULT, 1995:79.

⁸³ TERNES, 1995:50

⁸⁴ “Em verdade, meus amigos, ando entre os homens como entre fragmentos e membros de homens!” NIETZSCHE, 1987:195

⁸⁵ MUCHAIL, 2006, Revista Aulas, 02, *Dossiê Foucault*, Unicamp – 02/08

⁸⁶ *O Nascimento da Clínica, História da Loucura, As Palavras e as Coisas*.

⁸⁷ FOUCAULT, 1996:19, sobre *A Arqueologia do Saber*.

Em consequência,⁸⁸, realizam-se (ou aplicam-se) no decurso de seus textos, a partir da arqueologia, dois modos indicados: Uma análise dos jogos de verdade pelas quais o sujeito se torna objeto de saber, na forma do conhecimento científico e normativo. E a análise dos jogos de verdade pelos quais o sujeito é constituído como objeto de conhecimento, mas, ao outro lado da divisão normativa. Na primeira trata-se do sujeito distinguido por marcas e recolhido segundo identidades. No segundo, trata-se do diferente, do louco, do delinqüente, do marginal. Na abordagem do Mesmo, descrevem a própria *epistémê* como o círculo de uma época, o constituído da mesma. Quando se voltam para o Outro, há o realce do dispositivo, que comporta a estratégia dominante quanto se abre para a possibilidade do novo, da resistência e da mobilidade. Não somente entre limiares epistêmicos, mas como oposição à “riqueza” trazida pelas abordagens do tempo e consciência.

O privilégio dos espaços, nas ordenações pretendidas em seus níveis empíricos e discursivos, reflete outra problemática que foi cobrada e enfrentada por Foucault, também à época de *As Palavras e as Coisas*⁸⁹, sendo que faz parte do contexto onde se questionavam estes ordenamentos. Foucault deriva sua reflexão da análise arqueológica sobre o espaço como função. Faz-nos notar que a aparente solidez da superfície não se mantém intacta ao nos aproximarmos. Um olhar ao microscópio, não capta essencialidades, mas tessituras,

⁸⁸ MUCHAIL, 2006, Revista Aulas, 02, *Dossiê Foucault*, Unicamp – 10/13m e MUCHAIL, *Foucault e a história da filosofia*, 1995, Tempo Social; Rev. Sociol., 7(1-2): 15-20.

⁸⁹ Foucault irá ironizar os marxistas: “No momento em que eu era estudante, uma espécie de bergsonismo latente dominava a filosofia francesa. Eu digo *bergsonismo*, mas não quero afirmar que esta tenha sido a realidade de Bergson. Longe disto! Havia certo privilégio dado a todas as análises temporais, em detrimento do espaço. O espaço era tido como alguma coisa de morto e de fixo. Mais tarde, eu me lembro de uma anedota que acredito seja significativa do bergsonismo renovado, no qual se vivia ainda. Eu me recordo de ter feito uma conferência numa escola de arquitetura e de ter falado acerca das formas de diferenciação dos espaços, numa sociedade como a nossa. No final, alguém me interpelou, de forma brusca, num tom de voz irado, dizendo que falar do espaço era ser agente do capitalismo. Que todo mundo sabia que o espaço era morto, fixo [...] se via muito bem como é que uma determinada espécie de valorização bergsoniana do tempo agia em detrimento do espaço. Investia, e desenvolvia muito simplesmente uma concepção vulgar de marxismo. Mas, pouco importa a anedota, ela é significativa da maneira pela qual certa concepção hegeliana e marxista da história reiliam e redobravam uma valorização bergsoniana do espaço. (FOUCAULT, 1994:571/576)

grânulos, heterogeneidade e espaços habitáveis. Esta, bem que poderia ser uma das mais interessantes “descobertas” foucaultianas: a arqueologia remove as camadas, desintegra os compostos e oferece um instrumento penetrante e diferenciado de análise. A ocupação arqueológica parece inscrita num enfrentamento consciente e numa opção determinada, que elide a preocupação temporal, característica de um estamento filosófico anterior; atua na ocupação *positivamente* espacial, este apontamento, agora retomado a partir da oposição aos ordenamentos identificados, concluindo sua posição como definitivamente *não metafísica*.

Seria necessário fazer uma “história dos espaços” – que seria ao mesmo tempo uma “história dos poderes” [...] É surpreendente ver como o problema dos espaços levou tanto tempo para aparecer como problema histórico-político: ou o espaço era remetido à “natureza” – ou seja, a um tipo de camada “pré-histórica” [...] Em suma, analisava-se o espaço como solo ou como ar, o que importava era o substrato ou as fronteiras. Entre as razões que fizeram com que durante tanto tempo houvesse certa negligência em relação aos espaços, eu citarei apenas uma, que diz respeito aos discursos dos filósofos. A partir de Kant, cabe ao filósofo pensar o tempo. Em Hegel, Bergson, Heidegger, há como uma desqualificação correlata do espaço, que aparece ao lado do entendimento, do analítico, do conceitual, do morto, do imóvel, do inerte. (FOUCAULT, 2005:212)

Foucault oferece uma leitura hermenêutica vertical, do espaço de relações em que nos deslocamos. Seríamos os resultados dos discursos que nos constroem; dos saberes, poderes e resistências. Estaríamos de alguma forma, prisioneiros das mediações com as coisas e as condições de interpretação. Heranças de nosso antigo conhecimento das propriedades dos discursos. No ocidente a linguagem teria produzido dois tipos principais de suspeita.

De um lado a suspeita de que a linguagem não diz exatamente o que diz e que haveria uma espécie de “segundo nível” e que transmitiria outro significado. De outro que a linguagem transborda a forma propriamente verbal e que há muitas coisas que “falam” e que não são linguagem – sugerindo formas de articulação de linguagens não verbais. Isto, que pode ser recuperado desde os gregos, ainda não desapareceu. Estamos sempre dispostos a buscar e surpreender “algo” sob as palavras, posto que lá se ocultaria “um discurso que seria mais essencial” (FOUCAULT, 1987:15)

Isso aconteceria não só na linguagem, mas na formação dos objetos de nossos saberes. Foucault não tenta circunscrever os campos que serão abordados no projeto arqueológico. Entretanto, isso não significa que não exista legitimidade de seus estudos ou metodologia, como procuraremos indicar. Trata-se de ligar retrospectivamente relações de poder. Poder que produz formas, *epistémês*, domínios que não cabem apenas em termos negativos. Podem-se recortar os espaços em Foucault ou intempestivamente tentar localizá-lo em algum ponto entre os diversos sistemas filosóficos. Entretanto, Foucault não se deixa apreender na solidez dos objetos ou em sua descrição. O que é descrito sempre está configurado num terreno sedimentar, poroso, cheio de reentrâncias e remissões, onde a denúncia⁹⁰ dos “falsos objetos” sócio-culturais e do “relativismo histórico” é *pièce-de-resistance*. Não se trata mais da problemática sobre “quem fala”, mas *de quem se fala? A quem se dirige?*

As Palavras e as Coisas, por este viés, não pode ser uma materialidade alocada como uma terceira face da arqueologia, após os experimentos filosóficos com a loucura e a clínica, pois haveria muito que levantar nesta denominada *volta à arqueologia*.⁹¹ Neste trajeto, que aponta a movimentação entre as configurações das *epistémês*, consta tradicionalmente - e devemos entender desde o século XVI -, que aquilo que dava lugar à interpretação, constituiu o seu planejamento geral e sustentou a validade das referências entre as palavras e o mundo das coisas, era a semelhança. (uma verdade como correspondência ou identidade verossímil). Em seguida, Foucault correlaciona a perda do comum, do lugar e do nome com a perda de todas as certezas antropológicas. Ao relacionar sua própria angústia ao riso

⁹⁰ Lebrun nos recorda: desde *O Nascimento da Clínica* os objetos supra-históricos devem ser cuidadosamente esmigalhados, dispersados em significações homônimas, cada uma das quais será atribuída a uma prática histórica que a constituiu. “O impacto do talento de Foucault ainda não permitiu medir a importância da revolução metodológica que, pacientemente, ele efetua há vinte anos.” Os questionamentos não devem mais partir de objetos definidos de uma vez por todas, “sobre os quais a civilização teria que tomar partido. Com isso, acrescenta Veyne, Foucault também cortou as raízes do relativismo histórico”. LEBRUN, 1983:78

⁹¹ TERNES, 1995:48

paradoxal que emite, frente a cultura e seus saberes, com o mal estar dos afásicos⁹², Foucault opera uma denúncia de nossas impossibilidades. Na análise arqueológica, as mudanças nos espaços de relações fazem emergir outras configurações do saber. Nesta travessia, a linguagem perde o encanto de nomear as coisas em sua realidade, o signo deixa de portar a chave para o real. O mesmo ocorre com outros objetos para o pensar. Este seria o campo transcendental, a *região mediana* onde invenções recentes, como o homem, uma vez desvanecidas pelo movimento da história, tenderiam a desaparecer. Não mais um centro, nem um tudo, mas apenas aquilo que se encontra na ordem do dizível.

⁹² FOUCAULT, 1995: 9

Parte B - Segunda Leitura

O Desvanecer da Antiga Prosa do Mundo

Introdução:

No prefácio de *As Palavras e as Coisas*, além do que já informamos, há também o relato que esta “materialidade discursiva” nasce da perturbação provocada pela leitura de Borges, ele é quem descreve “certa enciclopédia chinesa”, que indicaria – além do riso e do incômodo - o limite mesmo do nosso pensamento. Nessa enciclopédia chinesa está escrito:

“os animais se dividem em: a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo, l) *et coetera*, m) que acabam de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas” (FOUCAULT, 1995:5)

A exótica série alfabética ligando suas categorias enciclopédicas corresponderia metaforicamente ao nosso limite. Esse texto, de uma desordem diferente da incongruência e da inconveniência das aproximações, seria o fio condutor de *As Palavras e as Coisas*. Foucault inicia o trabalho perguntando acerca do solo em que pode estabelecer, com certeza, uma classificação refletida, isto é, uma ordem entre as coisas. O prefácio aponta que toda cultura dispõe de certos códigos fixados como se fosse uma ordem empírica sobre a qual se inclinaria a atitude reflexiva dos pensadores. Segundo Foucault, os códigos, que regem os esquemas perceptivos, trocas, técnicas, linguagem, valores e práticas de uma cultura, estabelecem ordens empíricas: as bases operativas nas quais os homens se encontram.

Entre os códigos ordenadores e as reflexões incidentes, Foucault designa a *experiência nua*, também, como uma espécie de ordem invisível, situada num nível anterior ao das ordenações visíveis. Uma configuração que possibilita vislumbrar - não a existência das mesmas -, mas,

a de outras ordenações possíveis. Cabe à ciência e à filosofia refletir motivos, leis e princípios que justificam estas configurações enquanto objetos para o saber, ou enquanto existência de uma determinada ordem no espaço das possibilidades.

2 – Códigos de Similitudes

Na organização dos limiares que nos aponta Foucault em *As Palavras e as Coisas*, desde o século XVI, temos que o mundo⁹³ é coberto de signos que é preciso decifrar. E, estes signos, que revelam semelhanças e afinidades, não passam, eles próprios, de formas de similitudes. Conhecer será desta maneira, interpretar: ir da marca visível ao que se diz através dela. Sem esta marca reconhecível, a palavra permaneceria muda, não se poderia descobrir sua essência, ou seja, aquela marca original, instância primeira que se encontra adormecida nas coisas à espera do deciframento.

Aquilo que nos foi transmitido desde a antiguidade remete, necessariamente, à linguagem como fiadora dos signos das coisas. Haveria deste modo, uma relação essencial com os textos, que é da mesma natureza da relação com as coisas: são signos amoldados, em cujo conteúdo deve a nossa ciência se debruçar, em uma complexa operação de identificação. Entre as marcas e sua *natural* correspondência nas palavras, existe um só jogo, o do signo e da similitude, seja na natureza ou na tradição. Por isso, para quem sabe “ler”, a natureza e o verbo podem se entrecruzar ao infinito, formando como que um grandioso texto único.⁹⁴ Na escrita das coisas, que Foucault informa estar contextualizada no século XVI, a linguagem “real” não seria apenas um conjunto de signos independentes, normativos; refletindo as

⁹³ FOUCAULT, 1995:48

⁹⁴ Idem, p.50

coisas como se fosse uma imagem especular⁹⁵. A linguagem não enuncia, um por um, sua verdade inimitável e singular. Antes, a linguagem deve ser encarada como região nebulosa e enigmática, carente de uma chave interpretativa que indique sua significação. Neste momento em que somente “se fala”, o discurso instaura suas obrigações:

A linguagem faz parte da grande distribuição das similitudes e das assinalações. Por conseguinte, deve ela própria ser estudada como uma coisa da natureza. Seus elementos têm como os animais, as plantas ou as estrelas, suas leis de afinidade e de conveniência, suas analogias obrigatórias. (FOUCAULT, 1995:51)

Deste modo, a linguagem não é o que é porque possui um sentido, ou, se quiserem um conteúdo representativo, que possibilite – além da interpretação, um parâmetro de análise. Sob a sua forma originária, quer dizer, quando Deus a deu aos homens, a linguagem era um *signo das coisas* que remetia ao absoluto: ao certo e transparente, pois tinha a rubrica da semelhança natural. Os nomes foram depositados sobre as coisas para que pudesse haver a designação, outrora comum a toda Criação⁹⁶.

A linguagem se encontra em uma posição intermediária entre as marcas visíveis, naturais e as conveniências dos discursos esotéricos, daquilo que é oculto e secreto. Mas, embora fragmentada, dividida contra si mesma e de alguma forma alterada, não transparente, no que esconde, paradoxalmente também apresenta e aclara; através de trilhas e marcas decifráveis que oferece em sua superfície de contato, como, uma forma ancestral que se revela.

Sob sua forma primeira, quando foi dada aos homens pelo próprio Deus, a linguagem era um *signo das coisas* absolutamente certo e transparente, porque se lhes assemelhava (FOUCAULT, 1995:52)

⁹⁵ Idem, p.52.

⁹⁶ Ibidem, p. 50.

Esta é justamente a condição originária que foi destruída junto com Babel; a transparência foi perdida pela punição à soberba humana de se igualar à divindade. No entanto, se a linguagem não pode mais estar assemelhada, de forma imediata, às próprias coisas que nomeia⁹⁷, não está totalmente separada do mundo, apenas perdeu sua univocidade. Foucault irá notar que ela, a linguagem, continua sob a forma e o espaço: é agora, o lugar das revelações e faz parte do espaço possível dos ordenamentos, local privilegiado onde a *verdade*⁹⁸ manifesta-se e pode ser enunciada.

Desde que todo o volume do mundo é suportado e mantido no espaço da simpatia e antipatia, as assinalações são semelhanças dadas em paralelo, garantindo a riqueza do conteúdo. Desta maneira, uma semelhança deve refletir a outra e tudo transcorre em forma de *adição*. Adicionar e interpretar. Buscar por signos os quais é preciso decifrar. Conhecer será a atividade de interpretar a prosa do mundo. Da mesma maneira, para o Renascimento, os seres se agrupam numa cadeia ininterrupta de continuidades, como num quadro que é a esquematização de um ordenamento próprio: pode ser verificado onde este ordenamento vital e natural emerge⁹⁹. Toda a atividade do espírito consistirá em distinguir as coisas e não mais em aproximá-las, simpatizá-las, pois não mais se dão ao saber, mas se descobrem.

Na *epistémê* clássica, já um pouco distante da Renascença, onde a palavra não “fala”, mas dirige-se a um significado e as “coisas” são regidas pela categoria da Ordem, o projeto de todo o saber é a constituição de uma espécie de “ciência geral dos ordenamentos”. Apontamos na primeira leitura que todo o real poderia ser reduzido a um quadro que seria a

⁹⁷ Ibidem, p.59.

⁹⁸ Ibidem, p. 53

⁹⁹ “Esquece-se simplesmente que nem o homem, nem a vida, nem a natureza são domínios que se oferecem espontânea e passivamente à curiosidade do saber”. FOUCAULT, 1995:87.

esquemática da ordem e nas modalidades classificatórias de uma *máthêsis*, enquanto análise da medida e de uma taxionomia para as aplicações complexas. Na *epistémê* moderna, enfim, completa-se o desaparecimento do espaço da representação¹⁰⁰ e os fundamentos dos saberes se encontram ligados a um domínio novo: o da objetividade. A linguagem se encontra livre para converter-se não em guardiã dos signos ou portadora das representações, mas, para ser o próprio objeto do saber.

Para Foucault, nossa leitura indicou o que tornaria possível o conjunto da *epistémê* clássica, ou seja, esta relação a um conhecimento da ordem. Para a ordenação das coisas simples, recorre-se a uma *máthêsis*, cujo método universal é a Álgebra. Para colocar em ordem as coisas complexas, torna-se necessário instituir uma taxionomia e um sistema de signos: *Os signos estariam para a ordem das naturezas compostas, assim como a Álgebra para as naturezas simples. Vê-se, que as noções de máthêsis, taxionomia e gênese, designam menos domínios separados do que uma sólida cadeia de interdependências que define a configuração geral do saber da época clássica. Foucault parece apontar, mais que um esvaziamento entre códigos fundamentais de uma cultura e reflexões sobre a ordem, onde se constata a existência de um domínio difícil de ser analisado. É um domínio de mobilidade, no qual uma cultura distancia-se das ordens empíricas prescritas por seus códigos fundamentais, de maneira a constatar que essas ordens não são as únicas possíveis nem oferecem garantia de ser melhores. A ordem, liberada no seu ser, conclui-se, quer significar na existência de coisas que são em si ordenáveis e estão em movimento.*

¹⁰⁰ O conhecimento proporcionado pela investigação da ciência moderna demanda um cálculo a respeito do que se torna disponível, ou não, à observação. “Tal organização está ligada, na sua possibilidade arqueológica, à emergência desses campos empíricos de que, doravante, a pura e simples análise interna da representação, não pode mais explicar. Ela é, portanto, correlativa de um certo número de disposições próprias da *epistémê* moderna”. FOUCAULT, 1995:260.

Foucault dividirá o espaço das similitudes e irá expor as relações que as sustentavam, distintas daquelas configuradas na *epistémê* moderna. A história da ordem das coisas seria a história do Mesmo, *daquilo que para uma cultura é disperso e aparentado, devendo ser distinguido por marcas e agrupado em identidades*¹⁰¹. Ao Outro, resta conjurá-lo em sua aparição, excluindo-o dos fenômenos regulares e aceitos. O impossível não é o avizinhar-se das coisas, mas o lugar onde isto pode se dar. Anteriormente a esta diluição, haveria a representatividade universal do real. Esta rede de semelhanças e articulações, Foucault afirma ser constituída de quatro¹⁰² *similitudes essenciais*, previamente definidas:

1 – Conveniência - (*convenientia*): O ajuste. As coisas que se avizinham umas às outras, se misturam comunicando seu movimento (entre alma e corpo, natureza, animais, vegetais etc.)

São “convenientes” as coisas que, aproximando-se, vêm a se emparelhar [...] É uma semelhança ligada ao espaço na forma de uma “aproximação gradativa”. É da ordem da conjunção e do ajustamento [...] O mundo é a conveniência universal das coisas (FOUCAULT, 1995:34).

2 – Emulação - (*aemulatio*) O paralelismo dos atributos em substâncias ou seres distintos, segundo uma semelhança sem contato (que refletiriam uns em outros e os explicariam).

Há na emulação algo do reflexo e do espelho: por ela, as coisas dispersas através do mundo se correspondem (FOUCAULT, 1995:35)

3 – Analogia - (*analogos*) A identidade das relações entre duas substâncias ou seres distintos, considerado como um estado de irradiação e envolvimento.

Velho conceito, familiar já à ciência grega e ao pensamento medieval, mas cujo uso se tornou provavelmente diferente. Nessa analogia, superpõem-se *convenientia* e *aemulatio*. [...] Por ela, todas as figuras do mundo podem se aproximar (FOUCAULT, 1995:37/38).

¹⁰¹ FOUCAULT: 1995: 14

¹⁰² A Prosa do Mundo. I. “As Quatro Similitudes”. A saber: *Convenientia*, *Aemulatio*, *Analogia* e *Simpatia*. Não há menção explícita a outros operadores “essenciais”, mas apenas complementares, entre eles a assinalação. *Assinalação é a real assinatura*. A materialidade do texto nos informa se tratar assinalação da “marca visível da analogia”, mas não cita o termo latino; curiosamente, Foucault retoma o assunto em *Nietzsche, Freud e Marx*, (1987:16) onde efetua uma digressão desta classificação das similitudes, as tratando como “noções” e inclui aí a *Signatura*, que estaria, numa ordem hierárquica anterior à *analogia* e passa a ser designada como suposta nesta relação. FOUCAULT, 1995:33/42

4 – Simpatia: (*sympátheia*) A *Mesmidade*, enquanto instância em que operam imbricações, transformações e ajustamentos, atuando em estado livre nas profundezas do mundo.

A simpatia é uma instância do Mesmo tão forte e tão contumaz que não se contenta em ser uma das formas do semelhante; tem o perigoso poder de *assimilar*, de tornar as coisas idênticas umas às outras, de misturá-las, de fazê-las desaparecer em sua individualidade – de torná-las, pois, estranhas ao que eram. A simpatia transforma. (FOUCAULT, 1995:40)

Os jogos, movimentos e poderes das similitudes não se detêm como se fechando sobre si mesmos, subsiste uma abertura que estas próprias noções nos informam. E assim o fazem, pois estão encarregadas de dizer os caminhos da similitude.

Convenientia, aemulatio, analogia e simpatia nos dizem de que o mundo deve se dobrar sobre si mesmo, se duplicar, se refletir ou se encadear para que as coisas possam assemelhar-se. (FOUCAULT, 1995:42)

Segundo Foucault, os tipos de conhecimento possíveis de semelhança se estruturavam em dois: a *cognitio*, descrita como atuando lateralmente de uma semelhança à outra, mais superficial; e a *divinatio*, que constituía o conhecimento em profundidade que corresponderia ao percurso da semelhança superficial à outra mais profunda. A teoria dos signos e das técnicas de interpretação repousava nestas definições, segundo a leitura de Foucault. Sendo que a semelhança manifestava o *consensus* e, se opunha ao *simulacrum*, ou seja, à falsa semelhança. Aspectos que, longe do platonismo, se baseavam na dimensão de oposição entre Deus e o demônio. Este parentesco animava a contrapartida da simpatia, como o elemento gêmeo que encerrava cada espécie em suas diferenças e na propensão a perseverar no que se é¹⁰³. Seria o lugar, nesta classificação, de falar da noção de “assinatura”, significando a correlação entre as propriedades visíveis e invisíveis.

¹⁰³ FOUCAULT, 1995:40.

Contudo, Foucault, não aponta esta assinatura como similitude essencial, nem como registro de propriedade de algo ou alguém, mas como uma exposição especial cujo estatuto é operativo: o que se configura como o catalisador da abertura; o conjunto de sinais exteriores e marcas especiais que aguardam serem reconhecidos: “o mundo do similar só pode ser um mundo marcado”¹⁰⁴. Esta condição exige que se defina como se poderia, por meio das marcações assinaladas, para decifrar as similitudes. Foucault precisa operar com uma distinção entre hermenêutica - as técnicas que permitem falar dos signos¹⁰⁵ e descobrir seu sentido -, e semiologia, como o conjunto de conhecimentos que define e os institui como signos, possibilitando conhecer seus liames e as leis de seu encadeamento. E conclui que a hermenêutica da semelhança e a semiologia das assinalações não coincidem; esta seria a gênese do ocultamento da “natureza”: uma película flutua entre ambas, ao mesmo tempo velando as relações interiores e refletindo a imagem de quem se aproxima que toma o original pela cópia e institui determinações.

Isto significa que, até então, na passagem do primeiro ao segundo limiar¹⁰⁶ epistêmico, ainda se encontrava preservada uma função simbólica na linguagem, que agora, após a dispersão babélica não se deve mais buscar esta possibilidade do signo. Trata-se, agora, mais de analogia do que significação, reconstituir, pelo encadeamento de todas as palavras e sua respectiva alocação no espaço (combinações e configurações), a *ordem mesma do mundo*¹⁰⁷. Na analogia representativa de seu modo de expressão, a linguagem tem como natureza de primeira ordem a circunstância de ser escrita, ficando a enunciação, os sons de sua voz,

¹⁰⁴ Idem, p. 42.

¹⁰⁵ O conceito de signo, como veículo portador de sentido, esgota-se na passagem da era clássica à modernidade. Assim, podemos falar aqui de um certo nominalismo em Foucault. Referiremos a estas e outras problematizações e distinções foucaultianas, em destaque, quando for o caso.

¹⁰⁶ *Epistémê* que se lança em um movimento entrópico, esgotando suas possibilidades na medida em que as realiza e, deste modo, condicionando novas configurações que emergem como resultado de um *impulso vital*?

¹⁰⁷ FOUCAULT, 1995:54

legados à tradução do texto disposto e estruturado. *Não falo, mas falam muitas vozes.* Estando não confiado à memória, mas às tábuas e códices, o saber, para Foucault, quer significar a referência à linguagem e, esta, em fazer tudo “falar”, isto é: para além das marcas reconhecíveis, da nomeação por Adão destas referências, fazem despontar sobre todas as possíveis marcas arroladas no mundo, o “discurso segundo o comentário”.¹⁰⁸ Assim, o campo transcendental, o espaço próprio do saber, torna-se o espaço do interpretar. Haveria segundo Foucault, uma espécie de princípio de ordenamento e reprodução, que se desenvolveu através da instância do comentário.

E é por isso que, após o final do Renascimento se tornará mais difícil aceitar a naturalidade de que o signo realmente designe *aquilo a que se apresenta*. Em face disto, uma nova questão irá se colocar: como é que este signo que se me apresenta, consegue ligar-se àquilo que significa? Para a análise arqueológica se trata de um epítáfio.

A profunda interdependência da linguagem e do mundo se acha desfeita. O primado da escrita está suspenso. Desaparece, então, essa camada uniforme onde se entrecruzavam indefinidamente o visto e o lido, o visível e o enunciável. As coisas e as palavras vão separar-se. O olho será destinado a ver e somente a ver; o ouvido somente a ouvir. O discurso terá realmente por tarefa dizer o que é, mas não será nada mais que o que ele diz. (FOUCAULT, 1995:59).

Mas, existem outras considerações que podemos aduzir deste distanciamento. Não é o conhecimento e sim a linguagem que instaurava os signos como significantes e referentes. Há evidentemente, uma mudança no século XVI, diz Foucault, e o signo perde de vez qualquer transporte das marcas mudas e originárias. Doravante, após terem se movimentado os solos epistêmicos, em direção à nova configuração da era clássica, somente poderá haver signo, caso for conhecida a possibilidade de uma *relação substitutiva* entre elementos

¹⁰⁸ Idem, p.56

reconhecíveis. Para Foucault, é neste ponto em que a *divinatio* rompe as ligações com o saber, daqui para frente em sua nova configuração. É somente no interior do próprio conhecimento que haverá a possibilidade de significação e signo. Deste patamar as prováveis certezas podem estabelecer-se. A partir de então, é que se é possível *interpretar relações*.

Em Malebranche e Berkeley, o signo gerido por Deus é a superposição sagaz e diligente de dois conhecimentos. Já não há aí *divinatio* – inserção do conhecimento em um espaço enigmático, aberto e sagrado dos signos; mas, um conhecimento conciso e concentrado em si mesmo: a centralização de uma longa seqüência de juízos na figura rápida do signo. [...] isto é, uma relação que, como na sucessão, se desdobrará da mais fraca probabilidade à maior certeza (FOUCAULT, 1995:75)

Podemos dizer com base nisto, que na superfície estatutária encontrar-se-ia uma *proposta metodológica*. Ela se imprime ao conhecimento, desvencilha-se da *disputatio* escolástica e, após o apagamento da *divinatio*, demanda uma abordagem unívoca, racional, clara e definitiva. O problema do método e *do que* pode ser conhecido e *como* se dá este processo, fermentará a produção de sistemas e construções teóricas em que o privilégio da razão e o “sujeito” do conhecimento virão a assumir papel fundamental.¹⁰⁹ A ciência, neste panorama, deveria determinar toda a verdade através da validade do programa utilizado e da arquitetura teórica a ela subjacente. Ao saber, alerta Foucault, não se exige esta predisposição¹¹⁰.

Para Foucault, está apontada a mobilidade das configurações epistêmicas, assim como as linhas demarcatórias entre os limiares, o que permite diagnosticar transposições. O conhecimento que “se adivinhava” fortuitamente foi substituído por outro *modus operandi*, onde em disposições teares, em forma de redes, os signos passam a ser constituídos

¹⁰⁹ A despeito das fundamentações últimas do empirismo e racionalismo, há *talvez*, em nossa leitura, um aceite tácito que a faculdade racional ocupa posição destacada, seja propositivamente pelas verdades inteligíveis, seja pela organização da experiência em um todo compreensível. Se Nietzsche nos lembrou da importância de uma humildade filosófica, Foucault a quer também histórica.

¹¹⁰ FOUCAULT *in Análisis*: 260-261.

paulatinamente, pelo conhecimento do que é provável. Este movimento torna finalmente possível, surgir outras formas do pensamento, inclusive aquelas que, mais tarde iriam despertar as luzes, de seu sono dogmático¹¹¹. A análise arqueológica apontará deste modo, não haver um sentido exterior ou anterior ao signo. Nenhuma presença dada previamente, nenhum elemento mediando o conteúdo e o continente. A razão se tornará de forma metódica uma referência ao estabelecido pela razão.

Nesta mudança entre solos epistêmicos, não somente as palavras se fecham no seu senso estrito de discurso. Ocorre paralelamente o abandono da tríade dos signos, sistema ternário, base da filosofia estóica¹¹². Não parece haver mais espaço constituído para configurar a relação entre significante, significado e conjuntura. Segundo Foucault, isto levará à suspensão do primado da escrita¹¹³. A linguagem (séculos XVII e XVIII) se dissolve na representação. A linguagem não mais gerará signos, valerá como o discurso no qual se apresenta. Infinito espaço retórico-discursivo, que será descontinuado pela gramática de Port-Royal em sua asserção binária: o signo, doravante, deve designar o que realmente significa; estar inscrito totalmente na relação: significante/significado¹¹⁴.

¹¹¹ “Os signos não têm, pois, outras leis, senão aquelas que podem reger seu conteúdo: toda análise de signos é, ao mesmo tempo e de pleno direito, decifração do que eles querem dizer”. FOUCAULT, 1995:81

¹¹² Segundo Foucault (1995:58), desde o estoicismo o sistema de signos ocidental era estabelecido em bases ternárias: o significante, o significado e a “conjuntura”.

¹¹³ FOUCAULT, 1995:59

¹¹⁴ “Deixando de privilegiar a representação, o conhecimento torna-se empírico, sintético; seu objeto é uma coisa concreta, não mais ideal, mas real, uma empiricidade, que tem uma existência independente do próprio conhecimento. [...] A dependência do homem em relação aos objetos empíricos significa que através deles, ele se descobre como ser finito. [...] Assim, enquanto a episteme clássica, idade da representação, pensa a finitude enquanto negatividade, limite, realidade segunda, subordinada ao infinito, a modernidade, idade do homem, tem uma dimensão antropológica que já se manifesta ao nível dos saberes empíricos, conferindo positividade à finitude. A partir de então, conhecer não é mais sinônimo de representar.” MACHADO, 1996: 90/94.

Isto marca a distância do limiar epistêmico do Renascimento, que se detinha no fato bruto de que havia linguagem: siglas depositadas nos manuscritos ou nas folhas de todos os livros e estas marcas demandariam uma linguagem segunda: o comentário. A instância posterior da reflexão se deterá na interpretação. Não deve haver sentido anterior ao signo: “os signos não tem outras leis, senão aquelas que podem reger o seu conteúdo; toda análise de signos é, então, decifração do que querem dizer”¹¹⁵. Após a “mudança de solo”, que ocorre a partir do século XVII, o enigma que uma segunda linguagem deve interpretar foi substituído pela discursividade essencial da representação: o comentário cedeu lugar à crítica. O discurso passa a ser o objeto da linguagem que não mais desvela. A ação é perguntar como pode funcionar. Os signos encontram-se alojados no interior da representação, no interstício da idéia, nesse espaço “onde ela joga consigo mesma, decompondo-se e recompondo-se”. O limite do saber torna-se a transparência perfeita das representações nos signos que as ordenam.

Na medida em que a linguagem pode representar todas as representações, ela é de pleno direito, o elemento do universal. Deve haver uma linguagem, ao menos possível, que recolha entre suas palavras a totalidade do mundo e, inversamente, o mundo como totalidade do representável, deve poder tornar-se, em seu conjunto, uma Enciclopédia. (FOUCAULT, 1995:101)

Foucault afirma ser a linguagem discurso e, em virtude desta singular forma de poder codificador, a palavra pode passar sobre sistemas dos signos em direção ao “ser” daquilo que é significado. Reside nesta mesma configuração um alerta: “de época em época não se pode estar seguro de que o mesmo som habita a mesma figura”¹¹⁶. Um exemplo é a mobilidade própria das forças relacionais que leva à perda das significações e normas, descaracterizando o significado originalmente atribuído ou interpretado.

¹¹⁵ FOUCAULT, 1995:81-82

¹¹⁶ Idem, p. 111-112

No século XIX, a utopia concerne ao crepúsculo do tempo mais que sua aurora: é que o saber não é mais constituído ao modo do quadro, mas ao da série, do encadeamento e do devir [...] A partir do século XIX, o que vem à luz é uma forma nua da historicidade humana – o fato de que o homem, enquanto tal está exposto ao acontecimento. Daí a preocupação, seja de encontrar leis para esta pura forma... Seja de defini-la a partir do fato de que o homem vive, de que o homem trabalha, de que o homem fala e pensa. (FOUCAULT, 1995:278/387)

Segundo Foucault, o discurso ocidental foi aquele da mais ampla direção ao ser, ao lugar próprio da ontologia, afinal a principal tarefa, a fundamental do “discurso” clássico consiste em atribuir um nome às coisas. O que não tem nome não possui existência e não pode falar, comunicar sua marca e remontar a um estado de coisas.

Quando nomeava o ser de toda a representação em geral era Filosofia: teoria do conhecimento e análise das idéias. Quando atribuía a cada coisa representada o nome conveniente, era ciência: nomenclatura e taxionomia. (FOUCAULT, 1995: 137)

As modificações nas *epistémês* são mapeadas na tentativa de fazê-las “falar”, demonstrando as possibilidades de sua emergência e quais pressões silenciosas modificaram sua superfície. Eis outro ponto a destacar: a mobilidade entre os limiares epistêmicos, detectada pela arqueologia informa sobre as pressões que lhes são dirigidas, pelo conjunto de forças discursivas e não discursivas que operam em dado ambiente histórico. Este caminho¹¹⁷ que nos informa sobre as disposições e limiares móveis dos saberes, foi conduzido por Foucault numa abordagem de aproximação sistemática entre três domínios diferentes: *a linguagem, os seres vivos e as riquezas*. Embora estes domínios pareçam não possuir contato entre si, a novidade da arqueologia é percorrer a disposição manifesta destes agrupamentos de saberes na tentativa de estabelecer uma articulação¹¹⁸ mais fundamental que os reúna num mesmo

¹¹⁷ Ibidem, p. 259.

¹¹⁸ “Constata-se, de início, que a análise das riquezas obedece à mesma configuração que a história natural e a gramática geral [...] A moeda, como as palavras tem por papel designar [...]. A teoria da moeda e dos preços ocupa na análise das riquezas a mesma posição que a teoria do caráter na história natural: a possibilidade de fazer desviar um signo em relação ao que ele designa [...]. Nesse sentido pode-se dizer que, para o pensamento clássico, os sistemas da história natural e as teorias da moeda e do comércio têm a mesma condição de possibilidade que a própria linguagem [...]” FOUCAULT, 1995:232/233

plano espacial. A arqueologia parte das formas de conhecimento constituídas para definir, retrospectivamente, aquilo que as tornaram possíveis, o que justifica o acerto de Foucault em outorgar este “nome”.

2.1 - Mobilidades em Inconclusos Limiares

O que lemos na exposição de Foucault e que se encontra submetido às definições de solos epistêmicos é uma sugestão metodológica que opera com diferenças e integrações, qualidades do pensamento. Com isto se escapa do foco apenas histórico, ao ressaltar nuances não lineares ou quantitativas das *epistémês*, relações reveladoras das redes do poder. Foucault, não parece construir ou procurar cortes absolutos, descontinuidades radicais *entre as epistémês*, mas, enfatizar as modalidades em que se deu a “passagem” de um estado ao outro, como as que podemos apontar no esvaziamento do signo.

Para Foucault, indicamos, a mobilidade significa configuração das condições de possibilidade da emergência, conforme sua definição, um *a priori histórico*, onde se encontram inscritas. Quando procuramos definir estes limiares, o podemos fazer por uma espécie de analogia com a dinâmica física de deslocamento cinético, ou por uma metáfora geológica, onde as granulações invisíveis podem realçar ou transformar paisagens, sem que se detecte, afinal o que se move. Aliás, para que exista configurado o movimento será preciso identificar o móvel? O devir necessita de algum suporte para efetivar-se em seus fluxos? Parece-nos que a temática dos comentadores irá seguir por esta direção, ou seja, uma vez não localizado o que se move, tenta-se denegar o movimento. Mas, se Foucault não explicita “como” se dá a passagem dos limiares é porque, em seu embasamento descritivo, encontra-se o movimento das configurações que se está apontando, seja ele determinado ou determinante.

Outro aspecto que se apresenta, talvez, de forma mais contundente que o movimento de passagem entre fronteiras e limiares é a defesa da autonomia dos discursos¹¹⁹: a existência de uma organização “formal” dos enunciados a reconstituir. As descontinuidades apontadas por Foucault, na medida em que ele rechaça qualquer forma de evolucionismo, são figuras enigmáticas. Trata-se de verdadeiros surgimentos, dilacerações, onde se contenta em anotar as modalidades e o lugar, sem formular a questão de seu processo de emergência. Um mapeamento¹²⁰ apontando o que se pode encontrar, mas sem legendas que explicitem alcances e significados. Não obstante, são também sintomáticas do trânsito entre tipos específicos de saberes que somente se configuram em determinadas condições, entre elas, o estofo do que se encontra como pensável em uma rede de interligações e esvaziamentos.

Em *Foucault Revolucionaria a História*, Paul Veyne diz que os objetos parecem determinar nossa conduta, mas, primeiro, nossa prática determina esses objetos. A relação determina o objeto, e só existe o que é determinado. O método consiste, para Foucault, em compreender que as coisas não passam das objetivações de práticas determinadas, cujas determinações devem ser expostas à luz, já que a consciência não as concebe¹²¹. Deste modo, somos informados não somente do movimento que desloca, mas de uma “inversão” perspectiva que vai diagnosticar a gênese dos objetos nas práticas que os constituíram: penetrar na realidade

¹¹⁹ Foucault defende claramente uma autonomia dos discursos, a existência de uma organização formal dos enunciados a reconstituir, tarefa até então negligenciada pelos historiadores. Ele define um horizonte que não se reduz por isso, ao formalismo, mas, visa estabelecer o relacionamento entre esse nível discursivo e as práticas, as relações sociais e políticas subjacentes: “um método antigo, de fato: encontra suas fontes teóricas em Saussure (1906- 1911), na escola histórico-cultural alemã de etnologia (Grabner e Bernard Ankermann. 1905), na teoria da *Gestalt* (1880-1900) e na fenomenologia de Husserl (*Investigações Lógicas*, 1900)” DOSSE, II, 1994:119

¹²⁰ Aqui nos parece haver uma imbricação operativa com a noção de obra. “A obra deixa de ser entendida como expressão de seu tempo, passando a ser agora fragmento de espaço na *lógica interna* do seu modo de funcionamento. Essa lógica já não se revela a partir de relações de causalidade exógenas, contextuais, mas a partir de um campo de relações de contigüidade; sintagmáticas ou paradigmáticas, que não mais envolvem relações de causalidade, mas a simples comunicação de diversos códigos em torno de certo número de pólos”. DOSSE, I, 1994:234

¹²¹ VEYNE, 1982, 255/257

dos movimentos configuradores que ocorrem nos espaços, interpretar relações no campo das escolhas.

Ainda sob a perspectiva veyniana, esse objeto era dado de início (como convém à matéria), e a prática reagia: ela "aceitava o desafio", construía sobre essa infra-estrutura. Desconhecíamos que cada prática, tal como o conjunto da história a faz ser, engendra o objeto que lhe corresponde, do mesmo modo que a pereira produz pêras e a macieira, maçãs; não há objetos naturais, não há coisas. As coisas, os objetos não são senão os correlatos das práticas. A ilusão do objeto natural dissimula o caráter heterogêneo das práticas, daí nascem todas as confusões dualistas, e a ilusão de "escolha racional". Tudo gira nesse paradoxo, que é a tese central em Foucault, e um ponto original: pergunta-se *o que é feito*. O objeto se explica pelo que foi o *fazer* em cada momento da história; enganamo-nos quando pensamos que o *fazer*, a prática, se explica a partir do que é feito¹²².

Abandonar a ilusão dos objetos naturais; desprezar a mensagem que se ocultaria atrás de cada representação, símbolo ou materialidade discursiva é negar uma instância conceitual definida; que possua contornos definidos, que se constituam cortes horizontais; que seja o substrato sedimentar de todas as acumulações e com ela possamos abarcar a realidade, a ciência e a história. Foucault se coloca em sentido inverso e os problemas se transformam em *cada vez, cada problema* colocado numa problematização que se faz pelas práticas. Seguindo por esta leitura, os únicos objetos possíveis seriam aqueles que acompanhassem a mobilidade dos solos e se reconfigurassem constantemente. De certo modo se poderia falar, de conceitos fluidos, como os únicos capazes de dar conta do contorno das relações de que se constituem as coisas? Como operaremos aqui? Nestas transformações, Foucault opõe

¹²² "Substituamos, pois, essa filosofia do objeto tomado como fim ou como causa por uma filosofia da relação e encaremos os problemas pelo meio, pela prática ou pelo discurso". VEYNE, 1982:259.

nível arqueológico da ciência ao nível epistemológico¹²³. A análise arqueológica é a análise da maneira – antes mesmo da aparição das estruturas epistemológicas, e por baixo destas – pela qual os objetos são constituídos, os sujeitos se colocam, os objetos se formam.

Em nossa interpretação, e já avaliando o que foi apresentado, uma direção parece estar apontada: a mobilidade das *epistémês* seria aquilo que se configura no jogo das forças históricas. Da mesma maneira, aquilo que pode ocorrer a partir de um pensamento que *transforme* continuamente suas categorias; que adote o próprio movimento em que se forma e esteja livre de termos artificiais, de similitudes que tenham sido ajustadas para formulá-lo. Na dobra que envolve a si mesma, invertendo as disposições originais, revela-se a franja daquilo a que se adere ou combate; a que se associa, do que se quer afastar e, entre as assimetrias, surge um espaço de conhecimento e método que apresenta a impropriedade das generalizações. Estes apontamentos espaciais, recusando uma temporalidade constitutiva, também declinam possuir a ciência universal *virtualmente num princípio*, se aproximando e se afastando de “verdades” adquiridas num modelo individual.

Metaforizar as transformações do discurso, através de um vocabulário temporal, conduz necessariamente à utilização do modelo da consciência individual, com sua temporalidade própria. Tentar, ao contrário decifrá-lo através de metáforas espaciais, estratégicas permite perceber exatamente os pontos pelos quais os discursos se transformam em, através e a partir das relações de poder. (FOUCAULT, 2005:158)

Antes de explicitarmos o debate e as problematizações que a proposta arqueológica nos informa, recordamos, novamente, o *núcleo duro*¹²⁴ de *As Palavras e as Coisas*. Este é um *trajeto-desafio* que descreve os limiares e circunstâncias das três *epistémês*, das grandes organizações do saber humano nos últimos cinco séculos. Para Foucault são determináveis

¹²³ Entrevista de Foucault in ROUANET, 1996:24.

¹²⁴ FOUCAULT, 1995: 225 – O famoso “Diagrama das *Epistémês*” em *As Palavras e as Coisas*.

pela arqueologia em duas principais modificações: o Renascimento (século XVI) para a Idade Clássica (séculos XVII e XVIII) e desta para a época Moderna (a partir do século XIX). Estes *saberes-formas* podem ser delineadas a partir do papel desempenhado pelo ser humano nestes contextos epistêmicos. Houve mais que a narrativa; uma crítica ao que seria antropologicamente fundado, no antropocentrismo renascentista, uma vez que muito do que é tido como fundante somente se configurará a partir do século XVII: o conhecimento. Para o entendimento do saber clássico, o elemento que seria próprio do conhecimento, a representação é a instância privilegiada: ordenação metódica e organizada¹²⁵. No espaço onde as representações apontam diretamente às coisas e seres, o humano não é determinante: é parte da *tábua geral* dos conhecimentos, algo ou alguém entre outros. Não há propriamente pessoas, sujeitos que conhecem. Isto corrobora a afirmação das fundações que se estabelecem após determinado solo e mais: nos períodos ditos clássicos, não existe tampouco a vida, mas apenas o *ser vivo*¹²⁶. A História Natural, na época clássica, não poderia se constituir como Biologia. Do mesmo modo e, por igual razão as outras ciências e saberes não se estabelecem antes das coisas e as palavras deixarem de estar entrecruzadas¹²⁷.

Trata-se de refletir como os saberes podem se constituir em forma de discursos, ou como *o entrecruzamento de uma série de estruturas capazes de sustentar uma leitura da realidade é indicador de sua configuração*. Busca-se aquilo “a partir do que foram possíveis conhecimentos e teorias”, isto é, fala-se da base, do solo. A arqueologia, atendo-se ao seu objeto supõe amoldar-se à situação a ser explicitado em sua “emergência”. Não devem

¹²⁵ Embora, como diz a nota de Veyne, problematizando Foucault, discursos não são práticas.

¹²⁶ Esta é uma das declarações de Foucault que causará polêmica. Ao afirmar que: “Com efeito, até o final do século XVIII a vida não existe” FOUCAULT, 1995:175

¹²⁷ “Nem a vida, nem a ciência da vida na época clássica; nem tampouco filologia. Mas, sim, uma história natural, uma gramática geral. Do mesmo modo, não há economia política, porque, na ordem do saber, a produção não existe”. FOUCAULT, 1995:179

sobrar interstícios onde se insinua o elemento essencial ou metafísico¹²⁸. A explicitação, o diagnóstico, o apontamento reflexivo deve estar em concordância com a materialidade analisada e as condições de possibilidade manifestas, sendo únicas e raras estão relacionadas em disposições teares: Fios, tramas e redes que, desvendam os solos epistêmicos, na miríade dos elementos de que são constituídos, nas configurações afetadas pelas forças históricas em movimento. *Epur si muove*, como montanhas e ventos, no turbilhão de eventos desenrolados no espaço dos possíveis, sob o fundo eterno do tempo?

2.2 – Críticas a um Positivismo Desesperado

Neste resgate sintético que apresentamos, percebem-se dois momentos que agora aprofundaremos. Podemos pensá-los topograficamente como blocos: placas tectônicas em contração e expansão, recobrimento e sobreposição. O primeiro corresponde ao início do livro, que busca retrair o pensamento ocidental do século XVI ao fim do século XVIII, investigando seus fatores-chave. O seguinte corresponde à modernidade, em que Foucault mapeia a reestruturação de tal pensamento a partir do século XIX, e diagnostica a novidade do homem, ressaltando sua brevidade histórica ao configurado neste dispositivo teórico exposto no subtítulo: uma arqueologia das ciências humanas. Haveria outras arqueologias? Podemos também nos perguntar: A periodização efetuada por Foucault, está subordinada aos pressupostos de uma história “progressiva” dos saberes, mesmo que verse objetivamente sobre as formações e enunciados de sua possibilidade? Foucault não é um pensador retilíneo e desloca-se continuamente. Lembramos do prefácio de *As Palavras e as Coisas*, em que apontamos o problema a ser estudado, como “descoberta” e ênfase na determinação de um

¹²⁸ “Não há vazios em Foucault, nem fantasmas, nem contracorrentes: uma objetividade fluente, numa escrita não linear, orbital. Sem falhas.” BAUDRILLARD, 1984:13.

“espaço da ordem” regulador do percurso a ser conduzido. A arqueologia seria, sob esta perspectiva, o empreendimento libertador destes “fundamentos” dos saberes, ou seja: aquilo que, mesmo inconscientemente, os constitui. Esta seria uma conclusão possível.

Para Foucault, reside neste *desnível* apontado - espaço que não se limita à aparição do homem como objeto e sujeito do saber -, algo “inquietante”. Qualquer coisa, segundo nossa leitura, como um jogo de forças ou de elementos que impõem aos objetos e sujeitos do saber um modo de “ser” - determinado e distribuído ordenadamente segundo suas possibilidades. Explicitar o ordenamento parece além de nossa capacidade de análise. Será dizer como muda e transforma-se este solo silencioso e aparentemente imóvel dos saberes; um terreno histórico que se funde em superfícies históricas, determinadas pelas configurações passíveis de emergência, oferecendo uma estabilidade constituída de equilíbrios diversificados. Terreno que parece escapar à própria investigação arqueológica.

A positividade dos conhecimentos, enraizada na *epistémê* que os fundamenta e referencia, deixa de servir como idéia reguladora do conhecimento científico e transforma-se em uma espécie de “necessidade geral” que condiciona e delimita o espaço próprio a todos os conhecimentos. Estas e outras indicações recolhidas a partir da leitura de *As Palavras e as Coisas* são problemáticas perante as perspectivas tradicionais, que entendem a História, Ciência e a Filosofia, como sedimentadas pelo modo racional da investigação; que repousa sobre a conquista gradual, em um domínio lógico do saber: de afirmações progressivas e contínuas de uma racionalidade que se constitui a partir de um relato cronológico e de uma hierarquia necessária e fundamentada que exclui toda possibilidade antitética.

O enfoque de Foucault implica, em romper radicalmente, com toda *pesquisa das origens* ou de um sistema qualquer de causalidade. Ele a substitui por um polimorfismo que tornaria impossível a reconstituição de uma dialética histórica. A sua arqueologia das ciências humanas, dedica-se a reconstituir a maneira como surge uma nova configuração do saber a partir de um percurso que leva de uma *epistémê* a outra; de um tecido discursivo a outro; num desenvolvimento em que as palavras remetem para outras palavras e por trás das coisas não existe nenhuma essencialidade. Há simplesmente disposições estabelecidas pelas relações que as constituem. Essa postura foucaultiana - neste ponto propriamente estruturalista - valoriza a esfera discursiva em sua autonomia em relação ao referente, excluindo a generalização, que permite, por sua dimensão sincrônica, encontrar coerências significantes entre discursos que, na aparência não têm relações entre si, apenas simultaneidade.

Parece-nos ser esta noção porosa de *epistémê a* que fomentará o maior número de indagações, especialmente na coletânea que escolhemos a seguir analisar, como um contraponto ao disposto em *As Palavras e as Coisas* e, que retrata a polêmica recepção deste texto. Não somente da questão, ainda não devidamente resolvida, de saber como se pode passar de uma *epistémê* à outra. Como a que se apresenta, *em dobra*, ao próprio Foucault: *a partir de que epistémê ele fala?* Foucault aparentaria mostrar e interpretar relações entre as configurações, como se empenhasse numa *conceitografia* da *epistémê*. Para alguns dos comentadores reunidos na coletânea *Análisis de Michel Foucault*, todavia, a sucessão das *epistémês* será contestada a partir da noção diacrônica. Foucault irá defender seu ponto de vista, porém, a pesquisa arqueológica acabará desaparecendo do horizonte de trabalho

ulterior de Foucault¹²⁹, dando lugar a uma genealogia e à pesquisa das práticas e modificações. Podemos destacar que as críticas levadas a cabo contra a proposta arqueológica estão embasadas numa exigência de correção epistemológica que não coaduna com o propósito inicial – e restrito – da pesquisa e dos levantamentos sobre regras de formação dos discursos e possibilidades de emersão dos saberes.

O mais grave, sem dúvida é que a sucessão das *epistémês* é incompreensível. Não se deduzem umas das outras, nem sequer em uma dialética. Onde encontrar uma razão segundo a qual o que era evidente, chegue um dia a ser impensável, se rechaçamos as ciências humanas? (BURGELIN in *Análisis*, 1970:28-29)

Além dos problemas levantados nesta recepção ou resistência ao texto foucaultiano – reação ao novo, que não se enquadraria no protocolo – centrada na desconfiança de uma abordagem da descontinuidade, houve séries de questionamentos sobre o aparente predomínio concedido por Foucault às coerções, dentro de seu posicionamento filosófico. Como tentaremos explicitar a seguir, não houve um entendimento claro desta situação “intermediária”, planalto onde o saber se encontra aclimatado. O saber nem é ciência, assim como também não é apenas opinião, tendo seu próprio estatuto organizacional.

O saber não se analisa em termos de conhecimentos; nem a positividade em termos de racionalidade; nem a formação discursiva em termos de ciência. E não se pode pedir que sua descrição seja equivalente a uma história do conhecimento, ou a uma gênese de toda a racionalidade, ou a uma epistemologia da ciência. (FOUCAULT in *Análisis*, 1970:259)

Determinados aspectos levantados pelos seus críticos, levam seu pensamento a ser relacionado a uma diversidade mutável e instável como aquela existente no âmbito das opiniões.

¹²⁹ DOSSE, II, 1994:374

Assim, a *episteme* não pode, senão oscilar, transformar-se por mutação, o que de nenhum modo pode ser considerada uma explicação; tampouco não examina a relação da sincronia com a diacronia [...]. Enfim, poderíamos perguntar o que autoriza uma *episteme* como aquela em que estamos situados, a converter-se em objeto de nosso próprio pensamento, correndo o risco de perder o caráter arqueológico. Como, desde o interior de uma *episteme*, podemos compreender outras e prever as futuras? (BURGELIN in *Análisis*, 1970:28/29)

Foucault, de acordo com o artigo de Burgelin, não poderia explicitar a partir de que *solo* se fala. Estabelecida uma descontinuidade com a investigação epistemológica tradicional, lacunas se apresentam na argumentação, embora pareçam estar alinhadas em relação a *não-rugosidade* que é denunciada no prefácio. Como pensar diferentemente, mantendo-se os mesmos padrões de análise? Por este viés, a arqueologia estaria habilitada a buscar, no subsolo dos continentes do saber, as linhas da fratura, as rupturas significativas; o se quer elucidar, de partida, são os campos epistêmicos. O plano da *epistémê* opera no espaço onde os conhecimentos (tidos como além de critérios valorativos ou referentes às suas formas objetivas, aquém da ciência), demonstram sua positividade, manifestando uma história.

Conteúdos e saberes que se apresentam por si e não para a melhor organização das disposições do conhecimento, de todo modo apenas recolhidos após sua apresentação. Até esta asserção, mais contida, esbarraria em questionamentos mais sérios, uma vez que será o pensamento foucaultiano alinhado às incoerências estruturalistas no campo lingüístico.

O positivismo de Michel Foucault conduz a uma falta de rigor sincrônico e a uma incoerência diacrônica: duas formas de ininteligibilidade. Não se compreende nem a relação dos pensamentos entre si, nem a relação dos sistemas entre si; nem a ordem interna do sistema, nem suas aventuras externas. Que resta fazer, então, ao positivismo arqueológico? Manipular arbitrariamente os saberes constituídos. E isto não exclui as contradições. (LE BON in *Análisis*, 1970:111)

A “positividade” das formações discursivas e os traços do ordenamento discursivo oferecem um corte transversal à questão lingüística da sincronia, enquanto descrição, e da diacronia, como o “acidente” condicionador de sua regularidade¹³⁰. O espanto deve-se ao modo aberto em que se opõe ao relato, como a superfície estabelecida do conhecimento e da história das idéias. Neste contexto, o homem ainda é necessário, por outro lado, a partir do deslocamento perspectivo, que propõe a arqueologia sua emergência é um fato recente. As palavras, como as ciências humanas, recebem o impacto destas instaurações discursivas. Restaria desta forma, ao ver dos analistas e comentadores reunidos em *Análisis*, optar entre possibilidades estritamente limitadas (configurações possíveis) e preestabelecidas pelas diretrizes necessárias do “sistema arqueológico”.

Para estes críticos, a temática foucaultiana trata de uma subversão do verdadeiro pensar. Trata-se, no seu caso da insistência teórica num “positivismo desesperado”, como o faz Sylvie Le Bon em seu artigo. Além disso, este empiricismo radical não explicaria como surgem as práticas por meio das experiências históricas. Questiona-se como pode haver, sobremodo, invenções que possam ser devidas aos indivíduos, uma vez que a história é tomada como desenvolvimento necessário, onde, a partir da estrutura é que podem ser deduzidos os saberes e a história. O *a priori* arqueológico conteria, em estado virtual os

¹³⁰ De acordo com CASTELAR DE CARVALHO, em *Para Entender Saussure*, (2003) tradicionalmente, analisam-se as interações lingüísticas em dois vetores. A sincronia é o eixo das simultaneidades, no qual se estuda as relações entre os fatos existentes ao mesmo tempo num determinado momento. Sincronia é sinônimo de descrição, de estudo do funcionamento da língua. A Diacronia, ou o eixo das sucessões tem por objeto de estudo a relação entre um determinado fato e os que o precederam ou lhe sucederam. No *Curso de Lingüística Geral*, Saussure adverte que tais fatos (diacrônicos) “não têm relação alguma com os sistemas, apesar de os condicionarem” (p. 101). Em outras palavras, o funcionamento sincrônico da língua pode conviver harmoniosamente com seus condicionamentos diacrônicos. Para Saussure, tudo na sincronia se prende a dois eixos: o associativo (paradigmático) e o sintagmático. As relações sintagmáticas baseiam-se no caráter linear do signo lingüístico, “que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo” (p. 142). A língua é formada de elementos que se sucedem um após outro linearmente, isto é, “na cadeia da fala” (p. 142). À relação entre esses elementos Saussure (p. 142) chamará de sintagma. Foucault não irá propor uma “nova gramática”, mas perscrutar a história enquanto configuração diacrônica e não a sincronia do “relato”.

debates de opinião, os problemas, as escolhas instauradas no âmbito dos possíveis descobrimentos de uma época. Não ocorreria nada: nada se passaria, salvo para um observador ingênuo, pois as aparentes contingências se desenvolveriam num ordenamento preestabelecido de possibilidades. A consequência deste pensar levaria a supor que, a filosofia, a ciência e a própria história não seriam senão a explicitação do sistema em que estão imersas o que, não pode ser aceito:

Que região poderá se assinalar, finalmente, para a arqueologia? A das consciências? Não, pois o sistema é sempre inconsciente, está sempre já ali, antes que os homens sejam conscientes dele, porque nele se aloja a consciência e a partir dele se aplica. O homem está sempre trespassado de uma palavra anônima que o supera e investe. A dos saberes? Não, pois toda a obra é só uma espuma na superfície do sistema imóvel e coativo. Devemos concluir que a arqueologia não possui um objeto assinalável. Mediante um puro artifício, Foucault lhe outorga um objeto. Os sucessivos sistemas são enunciados arbitrariamente e não tem outra finalidade que a de excluir toda epistemologia que, dentro da história real, possa assumir um papel. (LE BON in *Análisis*, 1970:120)

Estas reprovações parecem ter como objetivo, mostrar a falência da argumentação foucaultiana em seu fulcro, seu “espaço de ordenamento”¹³¹: destruir toda a possibilidade de aceitar uma mobilidade que seja constitutiva das *epistémês*, quem sabe da própria possibilidade arqueológica. A fixidez dos sistemas epistêmicos, uma vez configurados, não permitiria interações ou flexibilidade. Além disso, esta posição problematiza antecipadamente o *telos* da defesa foucaultiana, que se dará a partir do reconhecimento da “região da arqueologia”, local restrito à análise das relações positivadas¹³², delimitada por Foucault. Esta parece ser a estratégia dentro da defesa da condição arqueológica, em seu desiderato maior, que é o de não gravitar nos extratos antropocêntricos, porque esta

¹³¹ “Positivista, Foucault se coloca sempre no momento em que tudo já se passou, embora, de toda maneira, mediante uma hábil maquiagem da realidade faz de modo que nunca se encontre, senão o que já está ali.” LE BON in *Análisis*, 1970:121.

¹³² “Desafia o adversário em seu próprio terreno: nega o homem no eixo da história, até esse momento considerado o refúgio da consciência antropológica. A audácia de Foucault consiste em aceitar a provocação da diacronia, e instalar a morte do homem no cerne da história. Uma história descontínua, por outro lado, exclui qualquer antropocentrismo. A sucessão das fases obedece a uma legalidade puramente discursiva sem qualquer referência a uma teleologia ou a uma subjetividade fundadora”. ROUANET, 1996:111.

concepção não-antropológica, presente no projeto arqueológico, comportaria dois momentos correlacionados: a instauração de uma história enquanto descontinuidade e a dissolução dos elementos e unidades até então utilizadas como objeto da descrição histórica. Foucault atuaria na dimensão diacrônica para articular os fundamentos arqueológicos:

Seguindo esta interpretação, o momento de intransitividade será o palco em que Foucault estará examinando de perto as regularidades discursivas, em suas condições de possibilidade: analisará as regras que permitem o afloramento dos objetos configurados e as exclusões vedadas pelo *status epistêmico* vigente. Estas proposições não explicam detalhes pelos quais as *epistémês* se tornam fundamento de si, muito menos do discurso; relacionando-se apenas consigo próprias, não podem pretender determinar ordens puras no espaço das possibilidades, como queria Foucault.

Ainda nesta linha de raciocínio¹³³, a mudança das *epistémês* pode ser vista e entendida como uma resposta de Foucault aos acontecimentos e ordenações que ocorrem no plano do discurso¹³⁴. Em nossa leitura não encontramos a *urgência* determinada pelas necessidades relacionais que são sugeridas. Estas positivities e ciências seriam dedutíveis de um encadeamento interno, segundo a lógica imanente de um discurso estabilizado. No entanto, o discurso é dotado de uma mobilidade que lhe é própria, sendo que esta é formada por uma sucessão de imobilidades e intersecção de camadas, etapas do presente que ruma ao *vir-a-ser*. Já que mencionamos anteriormente a duração e os terrenos comuns, cabe uma outra questão: O que significa este procedimento, senão, a espacialização do *continuum* de

¹³³ “As formações discursivas surgem, aparentemente, por geração espontânea. As grandes constelações epistemológicas nascem e se transformam sob a ação de leis que não chegam a ser explicitadas. Como surge a *episteme* clássica? E a moderna? Por que no século XVIII, a linguagem tinha o privilégio de representar todas as representações, e as coisas o de ser exaustivamente representadas pela linguagem? Por que, no século XIX as coisas e as representações se descolam? Mistério.” ROUANET, 1996:109.

¹³⁴ “Assim se explica o privilégio concedido a esse jogo de discursos, do qual se pode dizer, muito esquematicamente, que define as “ciências do homem”. FOUCAULT in *Análisis*, 1970:239.

relações que não se dá diretamente à consciência que investiga, mas, que pode ser recuperado retrospectivamente pelo trabalho paciente do arqueólogo dos saberes, em seu recuo histórico?

Apontar a mobilidade como intrínseca às *epistémês*, como talvez se possa fazer hoje, é fruto de uma estabelecida compreensão e “divisão” do percurso foucaultiano. Estas posições parecem estar fundadas na exaustiva análise das materialidades ulteriores e num debate filosófico que ocorre há décadas. Na época do lançamento – e sucesso editorial de *As Palavras e as Coisas* – as posições contrárias examinaram aspectos polêmicos e as falhas no próprio “solo arqueológico”. Estas problemáticas, da arqueologia foucaultiana, ingênuas aos olhos dos comentadores, mostram seu vigor e atualidade de forma evidente.

A arqueologia como ciência, escapa a necessidade de estar situada por outra arqueologia impensada, ou devemos voltar a uma doutrina unitária da razão – capaz de estabelecer em um só quadro, combinações do semelhante, do idêntico e do diferente, o mesmo e o outro – que transcenderia todas as *epistemes*? Isto não significa que para nós a noção de *episteme* seja inútil; parece-nos esclarecedora, particularmente para a época clássica, mas pensamos que o ensaio de Foucault deveria estar mais bem fundado. (BURGELIN in *Análisis*, 1970:29)

A estas objeções, se aplicarmos Foucault a Foucault para respondê-las, não só expressam a reação sobre uma “nova doutrina”. São algo que *súbito emerge* e com o qual não se tem intimidade para lidar - aquela proximidade que permita distingui-la, nomeá-la ou aproximá-la do que havia na configuração cultural da época? Talvez sejam uma reação à ousadia e o “destempero” do ataque arqueológico que vêm em Foucault, como se tratasse da fabricação das condições de existência. Não se entendia, aparentemente, a amplitude, a disposição desta “história” de filosofias que Foucault se dedica a analisar. E ele o faz através das demarcações e limiares discursivos. O fim da representação, o desvanecimento das palavras e com elas, o desaparecimento do homem, somados a pesquisa minuciosa da materialidade

nos limites do texto causam espécie. De certo modo, por não se entender o que significaria este desvanecimento e onde se poderia desta maneira, se situar esta “filosofia historicizante”. Aliada a esta interpretação, parece existir nos comentadores, uma preocupação com o futuro do rigor sincrônico na análise epistemológica - já que Foucault não trata de conhecimento, mas, opõe à força destes, o complexo dos saberes e das práticas que os constituem. Foucault não responderá, *positivamente*, sobre a estrutura móvel das *epistémês*, seja nas materialidades discursivas da fase arqueológica, ou nas respostas e debates, posteriores a esta fase, preferindo, de forma estratégica, focar-se nos detalhes dos enunciados, formações e práticas objetivadoras. Se observarmos, por exemplo, a colocação de Veyne, que sempre acompanhou Foucault de perto, não se dirá que elas se movem assim, deste ou daquele modo, pois Foucault apenas indica ter encontrado limiares, fronteiras e as falhas nas ordenações e topografias.

Os objetos parecem determinar nossa conduta, mas, primeiramente, nossa prática determina esses objetos [...]. A relação determina o objeto, e só existe o que é determinado... O método consiste, então, para Foucault, em compreender que as coisas não passam das objetivações de práticas determinadas, cujas determinações devem ser expostas à luz, já que a consciência não as concebe. Tudo gira em volta desse paradoxo, que é a tese central de Foucault, e a mais original: *o que é feito*, o objeto, se explica pelo que foi o *fazer* em cada momento da história; enganamo-nos quando pensamos que o *fazer*, a prática, se explica a partir do que é feito. (VEYNE, 1982, 253/257)

Mesmo assim, ainda não parece estar suficientemente claro, o alcance da arqueologia, pois o método que a fundamenta será objeto de uma etapa posterior, estará descrito em um texto, de certa forma alheio ao debate das *epistémês*, que será descrito na *Arqueologia do Saber*. No entender dos comentadores que ainda se debruçavam na análise epistemológica “clássica”, o elemento próprio do conhecimento (denunciado por Foucault em no capítulo *Representar*) é a instância privilegiada da ordenação metódica e organizada¹³⁵. Veyne irá comentar um aspecto importante desta fase arqueológica e seu alcance metodológico, que escapou aos

¹³⁵ FOUCAULT, 1995:68-72

críticos e diferiria de uma análise lingüística ou estrutural, tendo se iniciado em *As Palavras e as Coisas* e sido interrompida após *A Arqueologia do Saber*¹³⁶.

Além disso, ainda com Veyne “a ausência de balizagem metodológica pôde fazer com que se acreditasse em análises em termos de totalidade cultural”. Explicita-se, porque até filósofos próximos a Foucault, pensaram que o objetivo dele fosse estabelecer a existência de uma *epistémê* comum a toda uma época¹³⁷. E eis justamente o que *Análisis* mostra em sua coletânea de artigos: esta “pretensão” de uma positividade unificadora não encontrará aceitação, mesmo para simples operações no campo histórico. Quem toma a si o encargo de efetuar a problematização diz que é necessário buscar as continuidades. Mas como fazê-las? A noção de “espaço epistemológico”¹³⁸ na arqueologia de Foucault implica descontinuidades onde, nem a história ou a racionalidade podem de novo alojar-se.

Em primeiro lugar, não se pode eliminar a historicidade por fragmentos. É preciso tomá-la toda ou não tomá-la. Se não se quer ver no período 1640-1790 as transformações e as contradições, se se comprimem cento e cinquenta anos, em três fórmulas, reduzidas finalmente a uma, é óbvio que logo não se poderá captar uma continuidade que faça inteligível a 1830, a partir do “bloco” clássico. Aos que ainda se demoram na epistemologia histórica sabem bem que todo o fixismo, um dia ou outro, tem necessidade de catástrofes. (D'ALLONES in *Análisis*, 1970:45)

O alcance da *epistémê* parece transbordar os domínios em que Foucault centra suas análises, uma vez que aponta como objeto da arqueologia todo o campo do conhecimento e reflexão.

¹³⁶ A culpa não cabe aos leitores. *L'Archéologie du savoir*, esse livro desajeitado e genial, em que o autor tomou consciência plena do que fazia e levou sua teoria até sua conclusão [...] foi escrito em plena febre estruturalista e lingüística; além disso, o historiador Foucault começou por estudar discursos mais do que práticas, ou práticas mediante discursos. Acontece que a ligação do método de Foucault com a lingüística não é senão parcial, ou acidental, ou circunstancial. VEYNE, 1982:282.

¹³⁷ Embora, como diz a nota de Veyne, discursos não são práticas. Tão simples como dizer que tudo se passou assim: Descobri a pesca e fui pescar e, de tanto efetivar esta prática esquematizei seus momentos processuais. Quanto encontrei alguém, falei sobre a pesca, construí um discurso sobre a verdade objetiva desta prática. Falei muitas vezes. Quando, alhures, alguém ouviu este discurso, ele terá por imagem que o discurso é que fundou a prática. Pois assim o discurso lhe aparece: como algo dado ao conhecer, para que seja possível posteriormente, praticar o que está disposto neste dizer. A prática fundou o discurso e com ele um objeto do pensar sobre ela.

¹³⁸ Por isso que a coletânea *Análisis de Michel Foucault* constitui, em seus contrastes, menos uma amostragem, que um múltiplo dos “pensares” e dizeres a respeito destas arqueologias. Inclusive com a presença de Foucault refutando os círculos epistemológicos. Estes textos críticos, vindos com inusitada força da “gauche” acadêmica, merecem, contudo nossa atenção, devida às suas análises concisas e consistentes.

Também foi salientado que para este direcionamento ser cumprido seria necessário controlar os desdobramentos da hipótese proposta, o que ocorreria, porém é que o material recolhido em *As Palavras e as Coisas* recobriria habilmente suas falhas, relatividade e limites, pois “a consciência da *epistémê* é um privilégio do *arqueólogo*”.¹³⁹

A posição dos comentadores, em *Análisis*, reforça a perspectiva de uma análise crítica do processo arqueológico, para nos apoderarmos de uma expressão contemporânea. O que sabemos? O *status* do saber é equívoco e enigmático, dizem¹⁴⁰. A História recolhe o que se disse e o que se fez especificamente: quem disse e quem fez em primeiro lugar. No entanto, para Foucault, isto é o que permanece na superfície das coisas e se deixa enganar pelo ruído dos acontecimentos, daí se infere a necessidade de se escavar os registros, para verificar o que de verdadeiro os mesmos contêm. As atenções despertadas por *As Palavras e as Coisas* vêm perturbar os ordenamentos metodológicos admitidos para o registro e compreensão dos mecanismos pelos quais se pensam as coisas e seus fundamentos teóricos, nos obrigando a reconsiderar perguntas como: como nascem e se transformam os saberes?

A possibilidade encarada por Foucault, nos diz que o caráter designa os seres, ao situá-los em sua vizinhança. Com a passagem das *epistémês*, se apontam, efetivamente, as três atividades do homem: *falar, classificar e intercambiar*. Mas, com o advento da empiricidade moderna, em lugar de um *discurso-representação*, a própria linguagem se dispersa. A pergunta que fazem, no plano de fundo das considerações lançadas à arqueologia é o que houve, pois da doutrina universal da razão, do Kant onde Foucault tem suas fontes primárias de inspiração? Um ponto importante desta oposição é a afirmação que não haveria nenhum “progresso

¹³⁹ VERLEY in *Análisis*, 1970:150-151.

¹⁴⁰ BURGELIN in *Análisis*, 1970:9.

arqueológico”, nenhuma passagem de nível entre as *epistémês*, mas, tão somente uma justaposição entre sucessões de estruturas dadas no tempo:

Enfim, poderíamos perguntar, o que autoriza uma episteme como aquele em que estamos situados, para converter-se em objeto de nosso próprio pensamento? [...] Como, desde o interior de uma episteme, podemos compreender outras e prever as futuras? (BURGELIN, 1970:28)

O método de Foucault, segundo estas perspectivas, está de alguma maneira, ligado à sua própria doutrina como pensador. As duas posições se aclaram mutuamente e confundem-se em seus estratos e fronteiras. Falar em uma *arqueologia das ciências humanas* é dizer que se pretende recuperar o que está embaixo das mesmas, consideradas em seu estado atual, descobrindo o que foi armazenado e embutido. Contudo, o que, especificamente, orienta os achados e “objetos” assim recuperados? O que nos oferece situar o ordenamento subjacente? A ordem cobre a totalidade de todo o real, sem possibilidade de quaisquer resíduos.¹⁴¹ Mas, contrariamente, se a ordem pode situar o todo, sem exceções, não pode situar-se a si mesma. Trata-se da ordem das coisas, não uma “coisa” ordenada. Assim, a teoria de Foucault seria, em determinados níveis tecnocrática, o que também significa dizer: da estrutura se deduzem as coisas e os sistemas fazem nascer saberes, logo a história não é mais que a realização de uma *necessidade* epistêmica, e assim descaracterizada de suas particularidades, por se tratar de um desenvolvimento necessário. Se for assim, cabe à filosofia e a história, apenas a ilusão retrospectiva do relato¹⁴². Eis a *locus vocis* que analisa a si mesma.

¹⁴¹ D’ALLONES in *Análisis*, 1970:54. Tecnocracia e preenchimento de todos os espaços e interstícios. Vimos, anteriormente, que Baudrillard faz alusão a esta particularidade da arqueologia, que sintomaticamente, não deixa de ser uma característica pessoal do próprio Foucault.

¹⁴² O que, para nós, curiosamente justificaria uma ontologia do presente, para o diagnóstico dos principais perigos, que se encontram em vias de configurar-se no fluxo das configurações. Para os comentadores, uma vez inexistindo a configuração de um “espírito que se realiza na história”, o que resta é apontar as correntes de fatos e forças que redundaram na formação das coisas. Mas, o esvaziamento também descaracterizaria o fundamento pelo qual se realiza deste modo, Foucault, de qualquer modo, não teria ouvido Nietzsche e, ao descartar a aparência histórica, pela via arqueológica, também teria jogado fora o real?

2.3 – Um Especialista de Generalidades

Os apontamentos dos textos e artigos críticos à respeito de uma possibilidade arqueológica, conforme destacamos, deixam transparecer sua aparente inscrição num ambiente formal e metódico da filosofia, ciência e virtudes do conhecimento, em sua língua específica à época. Expressam preocupações de natureza esquemática e componível, normalizadoras dos agires e dizeres, portanto, deve estranhar um *discurso rigoroso* que não se pretenda científico. Não obstante, os excertos trazem uma penetrante avaliação de problemáticas, as quais não se encontram respostas ou suficiente sustentação argumentativa em *As Palavras e as Coisas*, ao menos não explicitamente. A arqueologia será questionada devido a sua forma epistemológica *neutra*, o que implica em saber como situá-la em termos de pensamento.

Os pontos frágeis apresentados, a aferição metodológica requisitada e as problemáticas encontradas e, irão suscitar em Foucault, séries de espaços para respostas e definições em seu livro seguinte: *A Arqueologia dos Saberes*. Poderá assim, explorar aspectos suscitados pela recepção de *As Palavras e as Coisas*, especialmente quando do encerramento do volume que contém uma entrevista interessante. Numa investigação de relações e práticas fundantes, como a que Foucault pretende não se pode desconsiderar o movimento relacional que as constitui. O lugar de onde é preciso interpretar estas relações em suas configurações atuais e redes constitutivas pressupõe, além da referência, a necessidade desta técnica de desencobrimento. Uma arqueologia precisa de uma amplitude de foco, um horizonte de possibilidades:

Mas, é impossível passar por cima do feito de *As Palavras e as Coisas*, que com sua erudição magistral, oferece matéria de reflexão tanto ao filósofo quanto ao historiador, ao economista como ao gramático. O mau filósofo é, quem sabe, um especialista das generalidades; se Foucault pôde assim generalizar é porque logrou ser vários especialistas a uma só vez. (AMIOT in *Análisis*, 1970:82)

Mesmo se considerarmos que a única pretensão de Foucault foi interrogar o que faz possíveis os saberes singulares de uma época, a arqueologia pode ser entendida como uma interrogação paradoxal. Uma contradição é apontada no processo de “positivação” dos saberes específicos, singulares. Ao trabalhar com inventários de multiplicidades enumerará o que está em curso e incluso nos períodos analisados, como parte de sua configuração necessária, ao menos para o pensar filosófico da época. Se a *epistémê* é um sistema de simultaneidades, como vimos, deve o mesmo dar conta da convergência que se exige, enquanto se constitui como campo de possibilidades para a emersão dos saberes. Parece que a diferença entre doxologia e arqueologia não pode operar na extensão dos conhecimentos, e sim ao nível em que se empreenda a investigação. Assim como não são fenômenos de herança ou tradição, os conhecimentos tampouco devem ser entendidos como fenômenos sociais, em outras palavras: eles não se transformam. A *epistémê* de uma época seria a totalidade ahistórica de condições possíveis e necessárias à história como epifenômeno?

A diversidade mutável das opiniões, suas espetaculares contradições, não são mais que ilusão: um efeito de superfície. Numa época determinada, no nível arqueológico da *episteme*, nunca há mais do que um saber único que as faz possíveis; a todas ao mesmo tempo. Foucault chama a esta disposição fundamental do saber um *a priori* histórico. (LE BON in *Análisis*, 1970:96)

A principal acusação efetuada por Sylvie Le Bon, na coletânea é ter Foucault descrito as condições de possibilidade e emergência dos saberes e, então, deduzido as ciências a partir de um *a priori* epistemológico, sendo o mesmo induzido a partir dos saberes. Além da petição de princípio encontrada, a arqueologia isolaria sistemas sucessivos e heterogêneos, onde as aparentes contingências se desenvolveriam na ordem estabelecida dos possíveis. De tal entendimento, se depreende restar para a história e à filosofia, como já comentado, a explicitação de sistemas. Uma vez que as estruturas fazem surgir os saberes, o conhecimento será atualização do que já se encontrava presente, dado sob algum aspecto ou configuração.

Somente um longo e artificial relato. O *a priori* histórico não seria nada mais que um artifício retrospectivo que deve sua existência aos saberes singulares que Foucault pretende dizer possíveis. Deste modo, seria o produto de uma inversão laboriosa, com o objetivo de inverter a perspectiva histórica para dar conta do que deseja, inclusive, num embasamento epistemológico inexistente, que apresenta apenas os sintomas de um fantasma lógico¹⁴³.

O que querem dizer estas considerações, à vista destes comentadores, senão que o método utilizado por Foucault, embora revolucionário, uma vez “convenientemente” esmiuçado parece não dar conta do que investiga? Ao informar, que por intermédio da *decapagem* arqueológica se encontra uma *vontade de possibilidade* estabelecida no espaço da atualização diária, sentimos nas abordagens citadas, um esforço concentrado - não para contradizer ou explicar Foucault -, mas deslegitimar a sua forma de pensar. Que importa discutir quem fala?

Segundo a ótica estabelecida e debatida em fóruns como o de Montpellier, em 1967, dedicados à análise epistemológica de *As Palavras e as Coisas*, que reproduzimos abaixo, Foucault estaria interessado, em *falar sobre* e o teria feito através de confusas análises conjunturais. Primeiro, a busca pela materialidade, pelo arquivo, que depois de interpretado permitiria classificar e diagnosticar. Em seguida, a mobilidade e transformação das *epistémês*, além do cenário onde ocorre o afloramento das configurações possíveis e, finalmente, um ocaso da história através da diacronia e descontinuidade.

¹⁴³ LE BON in *Análisis*, 1970:114-115.

J.Proust: Você impugna, pois, absolutamente o método de Foucault?

B. Balan: Penso que conduz a investigação a um beco sem saída. Se tomarmos *As Palavras e as Coisas* como ocasião de uma polêmica, esta polêmica deve levar a aprofundarmos mais em certas partes do livro. Se, ao contrário, buscarmos aplicar sistematicamente o método, se fará um trabalho de falsificação. *As Palavras e as Coisas*, (cientificamente) não podem servir de obra de referência, por exemplo.

J.Proust: Eu creio que Foucault omite deliberadamente a explicação da passagem (entre as epistemes). Esta não convém a seu método, no entanto, isto não quer dizer que negue o intento da explicação. Deixa isto, provisoriamente, para mais adiante.

E.Verley: [...] Sua concepção de solo arqueológico, de disposição epistemológica encobre de todo modo, uma ambigüidade. Trata-se de um pensamento anterior a toda reflexão sobre a história, e que seria utilizado para interrogar a história? Ou, ao contrário. É algo que ensinaria a história mesma quando se interroga a certa profundidade? Foucault não nos diz isto.

B.Balan: Insisto: se a arqueologia tem razão é em detrimento da própria história. Isto é o que Sartre compreendeu tão bem e por isso mesmo resistiu tão violentamente diante o livro de Foucault.

J. Stefanini: Confesso, também, certa incompreensão, não somente do princípio mesmo de uma arqueologia do pensamento lingüístico, como também em relação a certos detalhes de uma forma de escrever mais brilhante do que límpida [...]. A distinção que faz dos três períodos nos impõe um plano que obriga a transgredir a necessidade de seguir as tendências permanentes da lingüística. Foucault descuida da obra histórica do século XVII porque reduz todo o pensamento gramatical clássico à *Grammaire de Port-Royal*. (BALAN, DULAC, MARCY, PONTUS, PROUST, STEFANINI, VERLEY in *Análisis*, 1970:148/208)

Efetando agora um corte, a partir do debate – e trazendo a discussão deste planalto entrecortado de ilações¹⁴⁴, para uma demarcação mais ajustada -, podemos indicar que nossa leitura não identifica retrocessos na apresentação foucaultiana. Sua arqueologia, além das críticas recebidas à “forma epistemológica equivocada da arqueologia”, granjeará simpatizantes, para os quais, o que Foucault refere em sua interpretação dos saberes, é uma *genuína e radical exploração de novas possibilidades*. Por isso, está sujeita ao enfrentamento com a própria linguagem: a dificuldade da nomeação primeira¹⁴⁵, invariavelmente atesta a originalidade do feito.

¹⁴⁴ Interpretamos relações que se formam ou não se pode falar senão daquilo que está explicitado nas materialidades que se nos apresentam? O que nos oferece o que não é dito? Pela arqueologia, segundo Foucault, mapeamos intersecções, configurações e desdobramentos, desnudando elementos e funções constitutivas, na mobilidade de suas transformações. Posteriormente, pela via genealógica busca-se aclarar a origem dos arquivos e suas condições de possibilidade. Mas, realmente os identificamos ou apenas aguardamos sua manifestação para configurá-los segundo nossa interpretação ou método?

¹⁴⁵ Apontamos não ser fácil determinar chaves para significados. Canguilhem, em defesa de Foucault, também adota a mesma definição. É difícil demarcar uma coisa, propor-lhe um nome. Da mesma maneira Foucault,

É difícil ser o primeiro a dar nome a uma coisa, ou pelo menos, em demarcar a coisa para a qual se propõe um nome. Por esse motivo não é imediatamente transparente o conceito de *episteme*, a cuja elucidação Foucault consagra a sua obra. Uma cultura é um código de ordenamento da experiência humana sob uma tripla relação: lingüística, perceptiva, prática; uma ciência ou uma filosofia são teorias ou interpretação da ordem. Mas, as segundas não se aplicam diretamente à primeira. Supõe a existência de uma rede ou de uma configuração de formas de apreensão das produções da cultura, um *saber* que está mais aquém das ciências ou das filosofias. Esta rede é invariante e única em uma época que se define quer dizer, se recorta por referência a ela. (CANGUILHEM, in *Análisis*, 1970: 128)

Foucault, que não voltará a analisar os limiares epistêmicos, irá, contudo, retomar esta linha de raciocínio em *A Arqueologia do Saber*¹⁴⁶. Isto reforça o argumento que apresentamos sobre serem estas “inconformidades” não erros, mas, *inovações metodológicas* empreendidas com seriedade, por Foucault, com sucesso ou não. Se os resultados não foram os esperados, consideremos que o empreendimento filosófico traz seus próprios riscos, como em qualquer atividade humana. Isto não deveria consistir em novidade, nem anátema contra a história do pensamento. Nenhuma propositura ou análise pode pretender abarcar o todo. No caso de Foucault, estas inovações, em sua ousadia metodológica, suscitaram uma espécie de alinhamento epistemológico entre críticas e questionamentos. O próprio Foucault nunca se eximiu de participar dos debates suscitados pela publicação de *As Palavras e as Coisas*.

Ocorre que Foucault, e nesta situação devemos concordar com as críticas recebidas, de certo modo não consegue explicitar a profundidade de seu intento, sem verificar-se cada vez mais entranhado na participação dos debates, que na depuração da arqueologia como instrumento histórico-filosófico. A mobilidade das *epistémês*, cujos mecanismos, é certo, não foram

relutantemente adota “*epistémê*” para demarcar as redes de produção da cultura, contra uma posição essencialista e sedimentar. Veyne dirá que Foucault reifica uma instância que escapa à ação humana e à explicação histórica, que privilegia os cortes e as estruturas sobre as continuidades ou evoluções. “Além disso, um termo, o de ‘discurso’, criou muitas confusões. Digamos logo que Foucault não é Lacan e também não é semântica; a palavra ‘discurso’ é tomada num sentido técnico muito particular e, justamente, não designa o que é dito; o próprio título de um de seus livros, *Les Mots et les Choses*, é irônico”. VEYNE, 1982:247

¹⁴⁶ “Não se pode falar em qualquer época de qualquer coisa; não é fácil dizer qualquer coisa que seja nova”
FOUCAULT, 1972:61/63

completamente mapeados por Foucault é justamente aquilo que se vê ao microscópio e podemos indicar anteriormente: um repertório de objetos e temas possíveis. Esta condição não busca um universal ou totalidade, nem está descrita “positivamente” em *As Palavras e as Coisas*. Existe algo em suspenso e, não se pode dizer que a *epistémê* – ou seus atributos – sejam objeto estabelecido para a epistemologia, como afirma Canguilhem no mesmo artigo:

Uma ciência é um objeto para a história das ciências, para a filosofia das ciências. Paradoxalmente, a *episteme* não é um objeto para a epistemologia. [...] A *episteme* é aquilo para o qual se busca um *status* do discurso ao largo de *As Palavras e as Coisas*. (CANGUILHEM in *Análisis*, 1970:135/138)

Por esta leitura complementar, ao afirmar a descontinuidade dos solos dos saberes, faltou a Foucault aclarar o momento do método. Mas, como isto só se daria em um momento posterior e em outra circunstância, parece haver uma distância do prefácio anteriormente planejado¹⁴⁷ à defesa da arqueologia, que não se resolve numa sucessão de descontinuidades ou regras para formações discursivas. Nem todas as regras podem ser descritas no plano exclusivo do discurso, sem embargo permanecem as relações estabelecidas entre estruturas discursivas. Queremos dizer: se o enunciado depende *da estrutura vigente para emergir, conforme suas possibilidades, as chamadas relações não discursivas* impõem limites e formas a estas relações¹⁴⁸. Foucault, ao descrever os caminhos das formações enunciativas dos saberes e poderes geradores, denunciará os universais antropológicos como um dos perigos a que o intelectual, o operador destas redes de saber deve estar atento. Estas se configuram materialmente pela ação das forças em oposição, vindo dar movimento a ordens

¹⁴⁷ Ou seja: *A Arqueologia do Saber* que deveria balizar as estruturas epistêmicas acaba tomando corpo próprio e deixando de tratar estas questões, para focar arquivos, descontinuidades, formações discursivas e descola-se completamente de *As Palavras e as Coisas*. O antigo prefácio toma vida, direção e sentido próprio.

¹⁴⁸ “É por isso que as análises extraordinariamente finas de *Les Mots et les Choses* permanecem abstratas e, em definitivo, inconclusas. Ficamos sem saber como surgem as epistemes, qual a lei de sua transformação, e de que forma a *episteme* como um todo ou cada uma das positivities que a integram e articulam com o não-discursivo. É um livro que exigia um segundo volume; ou outro livro”. ROUANET, 1996:110.

e categorias em que pode estar indissoluvelmente ligado e constituído o indivíduo nas suas relações com o mundo. Afirmções da diferença.

Diante a uma visão antropocêntrica, Foucault distancia-se para as formações dinâmicas. Há relações fractais a se entretecerem a cada nova intersecção, formando a “realidade” do conhecimento. Sugere a precariedade dos fundamentos das investigações modernas e suspeita das similitudes e correspondências simbólicas. Oferece-nos novas tecnologias genealógicas. Neste sentido, parece-nos pertinente a ironia de Baudrillard, para quem em Foucault há uma necessidade de cobrir todos os espaços, preencher de discursos os interstícios do saber. Este impulso ininterrupto, talvez, tenha como consequência ultrapassar fronteiras epistemológicas, sociais e políticas. Sua reflexão preocupa-se em erigir um construto metodológico que possibilite – com eficácia analítica – aproximar-se das relações com o mundo. Esta escavação metódica, em Foucault, apontou operar (em determinados estágios), com postulados e categorias kantianas, assim como herda tendências originárias das chamadas vertentes estruturalistas¹⁴⁹. O mais importante é que se torna especialista em diagnosticar relações, sintomas e perspectivas; adota posicionamento crítico diante a tradição, tentar pensar de outra maneira¹⁵⁰. Pratica uma ruptura com o que, na história dos saberes pode ser tido como cristalizado, progressivo, ou linear, no suposto que há muito a se descobrir sob os sedimentos e porosidades. Desenha derivações, desvios e deslocamentos¹⁵¹, não se deixando fixar doutrinariamente.¹⁵²

¹⁴⁹ Em *As Palavras e as Coisas* há uma declaração sintomática desta aproximação à época: “O estruturalismo não é um método novo; é a consciência desperta e inquieta do saber moderno”. FOUCAULT, 1995:222

¹⁵⁰ [...] “em que medida tentar pensar sua própria história pode liberar o pensamento daquilo que ele pensa silenciosamente, e permitir-lhe pensar diferentemente.” FOUCAULT, 1984:14.

¹⁵¹ “A história que não é estrutura, senão devir; que não é simultaneidade, senão sucessão; que não é sistema, senão prática, que não é forma, senão esforço incessante de uma consciência que se recupera e intenta recobrar-se até o mais profundo de suas condições. A história que não é descontinuidade, senão larga paciência não interrompida. Mas para entoar esta canção da impugnação é necessário desviar o olhar do trabalho dos

2.4 – Transversais do Falar e Pensar

Não somente existe uma dificuldade, talvez imanente, às análises do conceito de uma arqueologia, quanto em relação a certas apropriações e tessituras. Para Canguilhem¹⁵³, a maior parte dos críticos importantes de Foucault retoma o conceito de arqueologia só para impugná-lo e tentar substituí-lo pelo de uma geologia e distanciá-lo da reflexão rigorosa da filosofia. Foucault, efetivamente adota um vocabulário endógeno da geologia e da sismologia, ao tratar de solos, erosões, escansões e outras metáforas topográficas e definições exóticas em *As Palavras e as Coisas*. O final de seu prefácio parece ter sido extraído de um novo discurso sobre as revoluções e acomodações do globo. Ao referir-se às “rugosidades e instabilidades”, estes saberes citados analisam sedimentos, camadas e extratos e a proposta arqueológica pretende ir além da granulação e da medida. Aqui fica mais efetiva, a remissão à influência de Nietzsche, pois o próprio filólogo alemão ensinava que o sentido das palavras deve remeter a quem o dá. E quem os dá, legitimamente?

Foucault nos oferece uma leitura crítica das diversas teorias sobre o ser humano produzidas, tal como histórias da experiência das *percepções*, do modo diversificado pelo qual a razão irá circunscrever seus objetos e determinar os significados¹⁵⁴. Foucault vai discutindo o que é o estranhamento, buscando os nexos teóricos e práticos que estão nas determinações dos saberes, dos discursos, no campo geral das experiências, das atitudes que se formam a partir

historiadores: negar-se a ver o que se passa atualmente em sua prática e em seu discurso; fechar os olhos à grande mutação de sua disciplina”. FOUCAULT, 1970:226.

¹⁵² “O impacto do talento de Foucault ainda não permitiu medir a importância da revolução metodológica que, pacientemente, ele efetua há vinte anos.” Os questionamentos não devem mais partir de objetos definidos de uma vez por todas, “sobre os quais a civilização teria que tomar partido”. LEBRUN, 1983:78. Com isso, também poderíamos pensar, mas com Veyne, que Foucault tenta cortar as raízes do relativismo histórico.

¹⁵³ CANGUILHEM in *Análisis*, 1970:126 e seguintes.

¹⁵⁴ Exemplarmente a loucura, onde se aponta uma espécie teleologia negativa, uma vez que a loucura mesma torna-se oposta à razão.

destes discursos e suas formas. Examina as condições destas possibilidades, recuperando para o estatuto filosófico a abordagem do espaço, nos limiares que identifica.

Foucault considera que a pergunta tradicional da filosofia: *que é o pensar?* Deve ser substituída por: *que é o falar?* Destarte, confessa não poder respondê-la sem reconhecer a perda de sua atualidade ou antecipar-se a conceitos futuros que permitiriam contestá-la. A complexidade das problemáticas poderia justificar esta inconclusão, uma vez que o próprio Foucault não as explicita. Se tomarmos este caminho, acreditando nada mais haver para ser levantado, ficaremos aquém de aclarar como se processa a mobilidade anunciada no prefácio de *As Palavras e as Coisas*, ou até impossibilitados de outra afirmação. Parar neste ponto seria precipitado, continuar a escavação, um risco possível. No entanto, mostra-se aqui a validade do viés perspectivo adotado em nossa leitura, que pode nos revelar algo sob o manto dos discursos e que escapariam a uma análise puramente descritiva, ou seja, se não fosse assim, nenhum outro modo nos deixaria prosseguir.

E já que iniciamos este trajeto perspectivo, não cabe levantar a estrutura mesma das proposições encontradas. Cabe sim, esboçar a disposição *transversal* do que é apontado por Foucault nos textos, que alerta para sínteses de intersecções por sobre camadas e camadas de argumentos, significados e relações. Assim, se aceitarmos que as configurações determinam a possibilidade da existência dos saberes, talvez, Foucault nos situe ante uma nova possibilidade de interpretação e de alguma maneira, “fundamente” outra via hermenêutica, pois as técnicas de interpretação agora *nos dizem respeito*. Instaure-se a necessidade da interpretação e com ela a possibilidade hermenêutica: interpretam-se relações, os sintomas, o

que emerge nas superfícies e, de acordo com as tramas relacionais em que se apresentam ou são constituídas é possível efetuar diagnósticos. Eis os ordenamentos e solos instáveis.

Foucault responderá aos círculos epistemológicos, mapeando não as pontualidades, mas o campo de seus enfrentamentos. Busca oferecer balizamentos, trazer luz sobre os problemas que envolvem, não somente mobilidade das *epistémês* ou *como uma configuração se transforma em outra*; envolvendo a delimitação do ambiente de onde se é possível discutir estas problemáticas. Ao término destas interpretações e enunciados que recolhemos de suas respostas, tentaremos assinalar pistas para pensar estas relações. Nesta leitura, à falta de uma indicação mais específica, que, de muitas maneiras fugiria ao próprio escopo arqueológico, ofereceremos, como instância mínima de conclusão, séries de elementos sugestivos para novas investigações, como alguns possíveis espaços de ordenamentos para o debate.

2.5 - Respostas ao Círculo de Epistemologia

Quando Foucault escreve a *Arqueologia do Saber*, em 1968 na Tunísia¹⁵⁵, procurava responder às múltiplas objeções opostas às teses de *As Palavras e as Coisas*, especialmente as questões apresentadas pelo *Círculo de Epistemologia*¹⁵⁶ e acadêmicos franceses¹⁵⁷. Embora tivesse enviado sua resposta aos questionamentos efetuados, neste mesmo ano¹⁵⁸. Entre as várias perguntas, se encontrava uma preocupação com definições relativas às *epistémês* e a “ruptura” epistemológica, que segundo remissão a Bachelard¹⁵⁹, presente no texto e que serviria para determinar a descontinuidade entre a história e a filosofia, cuja

¹⁵⁵ DOSSE -II,1994:267

¹⁵⁶ Ainda segundo Dosse, o Círculo de Epistemologia da Escola Normal Superior de Paris, agregava a nova geração de althusserianos, mais vinculados à prática política, o engajamento e a ruptura com o PC francês.

¹⁵⁷ Em relação ao colóquio de Montpellier, que mencionamos, Foucault responderá em carta datada de 11/03/1968, endereçada a Jacques Proust, redigida em Sidi-Bou-Saïd. FOUCAULT in *Análisis*,1970:209/215

¹⁵⁸ FOUCAULT in *Análisis*, 1970:221

¹⁵⁹ Círculo de Epistemologia in *Análisis*, 1970:216-217.

tônica estaria em definir sentidos, validação e configuração das *epistémês*. Estes questionamentos se atêm mais à forma que ao fundo, derivando de uma preocupação com a doxologia, formas de transição, historicidade, finitude e saberes teóricos. No entanto, segundo nossa leitura apontou, algumas questões deixam expostas fragilidades do texto foucaultiano. Entre as questões enviadas, temos as seguintes: O que busca o arqueólogo dos saberes? Como se validam as configurações obtidas? O que define, em termos gerais, uma *epistémê*? Qual o motor que transforma uma configuração em outra? Em relação ao status do homem e seu fim próximo: Pode-se, hoje, iluminar suas próprias configurações? O que significa pertencer a uma época? Entendemos estas questões como as principais problemáticas levantadas por este grupo e que possuem estreita relação com nosso estudo.

Pela via contrária, em suas respostas, pontuais ou redigidas de forma expansiva, o que parecia interessar à Foucault¹⁶⁰ era estabelecer *condições de possibilidade* dos discursos enquanto saberes e não suas *condições de validade*. Para Foucault, todo saber se definiria em um espaço epistêmico singular, que poderia ser datado e analisado em sua historicidade, considerando as emergências discursivas a partir de condições históricas associadas ao seu surgimento e legitimação. Tornava-se necessário instituir um *instrumento* que possibilitasse a pesquisa em camadas. Para a arqueologia, como Foucault indica o discurso não é uma sucessão de acontecimentos homogêneos¹⁶¹, individualmente formulados, mas, vários limiares de positividade, entrecruzados e sobrepostos.

¹⁶⁰ DOSSE, II, 1994:267.

¹⁶¹ FOUCAULT in *Análisis*, 1970:239-242.

Foucault irá distinguir uma *espessura do discurso*, o seu próprio espaço que comporta diversos planos de acontecimentos possíveis: os enunciados em sua emergência singular; objetos e tipos de enunciação, dados, arquivos e conceitos, escolhas e transformações, regras de formação, relações a partir de regras empregadas. A enunciação dos planos é relevante no momento em que se pretenda escavar o terreno onde emerge uma determinada prática discursiva. Antes de descrevermos posições foucaultianas sobre história e a descontinuidade, temos aberto parênteses para as influências presentes no texto arqueológico. No projeto de uma *Arqueologia do Saber*, subsumido em *As Palavras e as Coisas*¹⁶², Foucault proporá uma idéia de *sistema de formação*, noção utilizada para se contrapor às compartimentações (principalmente de cunho humanista) utilizadas na história das idéias, cujas chaves interpretativas estariam embasadas em conceitos de continuidade. Chaves e categorias genéricas serão recusadas¹⁶³ em prol de um “modelo de análise” que possua um componente metodologicamente válido, entendido como uma investigação das configurações possíveis, materialmente dispostas e inter-reagentes.

Desde uma perspectiva mais ampla, podemos dizer que em Foucault, as relações devem ser entendidas sempre como *relações entre forças*, que não se restringem a contextos políticos, mas podem ser encontradas onde quer que se configurem ou existam relações humanas. Nestas formações (supõe-se), constituem-se certos campos estratégicos de relações e poderes, tidos como processos contínuos de sujeição, não exteriores, entre dominantes e dominados. Constituem-se objetos, individualidades, gestos, corpos e comportamentos. Diagnosticar o poder em seus mecanismos dependerá dos saberes enquanto práticas já instituídas e operantes. Opondo-se a uma epistemologia baseada em grandes formas

¹⁶² Vide nota 35 sobre *A Arqueologia do Saber*.

¹⁶³ Foucault não aparenta trabalhar – senão negativamente - com chaves tipo: autor, obra, influência, essência, suporte, desenvolvimento, evolução, consciência, progresso, continuidade, homem, entre outras.

modelares, que recusa os saberes modernos como antropologicamente fundados, Foucault remete sua arqueologia para um *além-do-homem*, delimitando o trajeto desta figura organizadora e recente, *positivamente* encontrada na forma de sua desapareição?

Foucault explicita, em suas colocações, as regras de configuração dos discursos, orientadas à formação dos objetos aos quais o discurso se aproxima ou constitui¹⁶⁴. Descrevem-se as posições que os sujeitos podem assumir para analisar e apreender os objetos, as diversas modalidades de enunciação que os sujeitos podem assumir para referirem-se a estes objetos; as estratégias e as formações dos conceitos que estão na base estrutural das teorias e que irão ser qualificados como *formação discursiva*. Para Foucault, a formação discursiva é o sistema enunciativo geral o qual obedece a um grupo de performances verbais¹⁶⁵, podendo ser definido como um sistema de dispersão temática, em que, se pode definir uma regularidade¹⁶⁶. Tal forma de análise não tentaria isolar estruturas internas, coerências ou trazer à luz os conflitos latentes. A idéia estará expressa em *A Arqueologia do Saber*

[...] em lugar de reconstituir cadeias de inferência (como se faz freqüentemente na história das ciências ou da filosofia), em lugar de estabelecer quadros de diferenças (como fazem os lingüistas), descreveria sistemas de dispersão. (FOUCAULT, 1972:51)

As formações discursivas podem ser entendidas, como quer Foucault, pelo conjunto formado por certo número de enunciados, conceitos, escolhas temáticas, que descreve sistemas de dispersões e investiga como o discurso se *organiza* e está *organizado* numa ordem; quais correlações, posições, funcionamentos e transformações decorrem desta condição. As formações discursivas analisadas em *As Palavras e as Coisas* são as que forneceram

¹⁶⁴ FOUCAULT in *Análisis*, 1970:268-269.

¹⁶⁵ FOUCAULT, 1972:145

¹⁶⁶ Também encontramos que: “A formação discursiva é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que define em uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa.” FOUCAULT, 1972: 153-154

conceitos, temas e um objeto para as ciências humanas. Os campos de saber sofrem mutações que são acolhidas em sua dispersão e em seus modos de dispor elementos, ocorrendo se transformar, eventualmente, em ciência. Isso é o que Foucault diz ser o objeto de análise, desde o prefácio de *As Palavras e as Coisas*, afirmação que não exclui outras abordagens. Esse solo deve ser analisado, como um entre outros possíveis, pois diferentes épocas produziram diferentes saberes¹⁶⁷ a partir de pontos móveis em seus entrecruzamentos; nada está assentado e fundado absolutamente; nem perdura pela sedimentação ou tem compromisso com a epistemologia, filosofia ou ciência.

Os enunciados¹⁶⁸, segundo Foucault, se apresentam como *função lingüística*, que estaria ligada ao discurso do seu ponto de vista material: não se trata da ligação lógica entre um sujeito e um predicado, mas, algo que foi materialmente produzido. Uma materialidade discursiva, marcada pela exterioridade¹⁶⁹ e sem um sentido oculto; apenas o constituído a partir de sua manifestação. Falamos de “condições de existência”, sem insumos atomísticos ou relacionados a correspondências implícitas de uma unidade do discurso, sem que haja um modo único de sua enunciação. Foucault trabalha as formas diversas de enunciados dispersos, onde o *enunciável* é o que se pode ver e dizer, de diferentes maneiras, alturas e tons, em função de uma época e lugar. *O discurso tem um suporte histórico, uma*

¹⁶⁷ O arqueólogo analisa ordens do saber e o meio pelo qual é feita essa análise é o discurso. Em suma, o objeto de do arqueólogo é o discurso, cujas unidades são os enunciados; estes formando práticas discursivas configuram uma episteme, a qual pertence ao saber de uma época. Estes saberes, não sendo fixos, se transformam e movem-se entre as configurações dadas ou possíveis.

¹⁶⁸ Condições de existência. A primeira tarefa da arqueologia é negativa; descolar-se de categorias tradicionais como as que a história das idéias ou a literatura descrevem o que foi dito. Foucault se refere a uma infinidade: “[...] um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado de um lado a um gesto de escritura ou à articulação de uma palavra, mas que, por outro lado, se abre a si mesmo uma existência remanescente no campo da memória”. FOUCAULT, 1972:40.

¹⁶⁹ A relação que o enunciado tem com o sujeito, com aquele que enuncia, difere da relação que existe entre aquele que fala e a língua. Enquanto a preocupação da análise lingüística concerne às inúmeras performances verbais que as regras gramaticais possibilitam, a análise dos enunciados discursivos visa os enunciados efetivos de uma dada formação discursiva.

materialidade que permite ou proíbe sua realização. O “sujeito” do discurso não seria a *pessoa* que realiza um ato de fala, nem o autor do texto ou proposição, mas, quem pode se valer de um determinado enunciado por muitas razões, incluindo sua experiência, conhecimentos ou competência técnica. O enunciado pode ser permeável, encontrado em tramas, disposto em redes ou circular conforme um interesse, prática, determinação. *Os objetos que podem ser configurados como sendo objetos de saber, dependem de uma formação discursiva.* Esta instância é diferente da noção aristotélica de potência, uma vez que o objeto “emerge” só quando existam disposições tais – discursivas e não discursivas.

Começam a tomar forma, nessa leitura, algumas definições importantes. Na arqueologia, analisa-se o jogo de regras estabelecido entre práticas discursivas de uma época. Já na denominada genealogia¹⁷⁰, como estas atuam ao modo de legitimação para estratégias e táticas de poder presentes nas diferentes práticas sociais; no período da genealogia da ética; como funcionam na condição de auxiliares nos diversos processos de subjetivação que se desdobram das práticas de si. Estas possibilidades se complementam; a reordenação dos saberes na época contemporânea sugere a abertura de um espaço vazio no qual não encontramos a *unidade do sujeito*, mas o pensamento se exercitando. É como uma história dos sistemas de pensamento, do seu exercício no entremeio do filosófico e do não-filosófico, que a empresa de Foucault pode ser situada. Caberia perguntar, igualmente, como um pensamento sem sujeito se organiza, já que desmontar um universal teórico não significa esvaziar as práticas, nem retornar a um “espírito em evolução na história”? Estes interstícios, delineadores das reentrâncias destas topografias, parecem indicar a disposição de “seguir em oposição” ao que constituía a tradição epistemológica de sua geração.

¹⁷⁰ Como pontuamos no início deste texto, nossa leitura indica um Foucault “múltiplo”, não cristalizado ou normativo, embora ainda ordenado materialmente, como alguns comentadores também avalizam. No entanto, pode ser que se trate apenas de máscaras. Vide nota 39.

Propor uma metodologia arqueológica para a análise das ciências humanas, ou quem sabe a filosofia, não se coaduna, como querem seus críticos com um *positivismo incompreensível*, nem se configura uma *metafísica estrutural*. Posteriormente, seremos informados que os múltiplos focos de subjetivação são associados ao processo de identificação histórica do indivíduo, onde saber e poder estão indissoluvelmente ligados¹⁷¹. Foucault aparece, em nossa leitura, como que imbricado entre a desmontagem e a recuperação arqueológica, que vai descobrindo camadas onde considerava a tradição haver algo “sólido”, “essencial” ou “absoluto”. Parece sugerir uma radicalidade filosófica, revolucionária de um lado e de outro, o respeito à tradição kantiana, uma vez que mesmo as dobras problematizam a área de consistência do saber ou da experiência.

Considerada como o domínio e ordenação de dobras e, assim, aproximada das condições de possibilidade da experiência mesma, talvez não fossem “as de toda a experiência possível”, como queria Kant, senão as condições “reais” da experiência.¹⁷² Em seu propósito de descrever a constituição das redes formadas na inter-relação dos diversos saberes, a arqueologia estaria configurada como instrumento privilegiado a captação de possibilidades para a emergência do discurso¹⁷³. A riqueza do método arqueológico é ser um instrumento capaz de refletir sobre as ciências do homem sem, no entanto, abandonar a exigência de realizar uma análise conceitual capaz de estabelecer discontinuidades, não epistemológicas, mas arqueológicas, situadas ao nível dos saberes. Nem tudo pode ser conhecimento, como

¹⁷¹ Foucault persegue uma “intrafísica”. Ele descartará os fluxos temporais e mesmo os flertes estruturais, para seguir o estabelecimento de categorias interpenetradas pela história: o corpo, os discursos e, se quiserem a “morte” do homem; porque articulados *em* e *por* contextos discursivos e relações saber-poder. “Não há constituição de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua, ao mesmo tempo, relações de poder”. FOUCAULT, 1975:29.

¹⁷² Conforme dirá Deleuze. “Foucault investiga um projeto muito diferente: seu ponto final é a declaração, a inscrição simples que se disse a positividade do *dictum*. Arqueologia”. DELEUZE, 2005:15

¹⁷³ Talvez por isso, há uma polêmica distinção ou ordenação, entre arqueologia e genealogia, uma vez que não se pode traçar uma linha divisória entre o início da análise genealógica e o final da análise arqueológica.

Kant procurou demonstrar; Foucault diz existir, entre conhecimento e opinião, a dimensão ou espaço do Saber¹⁷⁴.

Podemos extrair, deste “campo transcendental”, que o importante não seria o conteúdo em suas leis internas – explícitas ou não – o que interessaria a Foucault, à época é a *condição de existência* dos enunciados. O que importa são as suas camadas, que podem ser vistas como “fluxo”, porque se compõem e se apresentam como singularidades, em extremo: raridades. Situação que o afasta de uma “lingüística estrutural”, pois estaria sublinhado o distanciamento dos rótulos estruturalistas, a partir de um espaço de dispersão que torna possível uma pluralidade de análises diferenciadas. Uma preocupação transversal com as “categorias” nas quais possam ser alinhadas as escavações¹⁷⁵.

Se é verdade que toda ciência, qualquer que seja, quando interrogada ao nível arqueológico e quando se busca desenredar o solo de sua positividade, revela sempre a configuração epistemológica que a tornou possível, em contrapartida, toda configuração epistemológica, mesmo se perfeitamente demarcável em sua positividade, pode muito bem não ser uma ciência: nem por isso se reduz a uma impostura. (FOUCAULT, 1995:382)

As condições de análise da arqueologia são positivas, no sentido de serem limitadas aos objetos delineados sob o manto das escavações e - a partir do instrumento arqueológico -,

¹⁷⁴ Seguindo este mesmo raciocínio, poderíamos sugerir que a ulterior genealogia, por sua vez, buscaria a configuração das positivities dos saberes a partir das condições de possibilidades externas a eles próprios, considerando-os como elementos de natureza estratégica. Procuram-se a explicação dos fatores que interferem na sua emergência e adequação ao campo discursivo, defendendo sua existência como elementos de poder. Para esta trajetória apontada, estariam denunciados os discursos sobre discursos, palavras sobre as coisas e reanimação dos sujeitos. “[...] Eu me conduzi nessa empreitada de uma história da verdade: analisar não os comportamentos, nem as idéias, não as sociedades, nem suas “ideologias”, mas as *problematizações* através das quais o ser se dá como podendo e devendo ser pensado, e as *práticas* a partir das quais essas problematizações se formam. A dimensão arqueológica da análise permite analisar as próprias formas da problematização; a dimensão genealógica, sua formação a partir das práticas e suas manifestações”. FOUCAULT, 1984:15.

¹⁷⁵ “A arqueologia, ao invés de considerar que o discurso é feito apenas de uma série de acontecimentos homogêneos (as formulações individuais), distingue na espessura do discurso, diversos planos de acontecimentos possíveis: planos dos próprios enunciados em sua emergência singular; plano de aparecimento dos objetos, dos tipos de enunciação, dos conceitos, das escolhas estratégicas (ou das transformações que afetam as que já existem); plano da derivação de novas regras de formação [...] Finalmente a um plano em que se efetua a substituição de uma formação discursiva por outra (ou do aparecimento e do desaparecimento puro e simples de uma positividade)”. FOUCAULT, 1972:209

opera-se a análise em seus elementos racionais dentro de um campo epistemológico. Sendo estas formações discursivas, “outras figuras do saber”, é tedioso, lembra Foucault, discutir quais conhecimentos podem ser ditos realmente científicos e as condições a que se sujeita um discurso para vir a sê-lo. É assim que Foucault nos responde, ou seja: dentro das próprias interrogações que levanta.

2.6 - Leituras Epistêmicas

Mas, o que realmente perguntam os que questionam, à época, Foucault? O que há, além do que apontamos? Dissemos que o *Círculo de Epistemologia* se preocupava com a nova denominação “*as epistémês*” e a possível ruptura epistemológica. Exigia um posicionamento sobre as proposições críticas fundantes das possibilidades de sua teoria; com as conseqüências e implicações do “método de Foucault”. Entre as mais de vinte e duas perguntas, divididas em blocos distintos¹⁷⁶, nota-se uma preocupação mais com um “definir-se” do autor, que das *epistémês*: que o “autor” fale de forma a demonstrar suas “intenções” e o alcance paradigmático ou renovador de suas rupturas; que fale, em síntese de sua “obra”, elencando metodicamente os fundamentos. Além de questionamentos pontuais, em busca de elucidar as fragilidades de *As Palavras e as Coisas*, o assombro é com a própria noção de ruptura, já que Foucault, conforme mencionamos efetuará um corte vertical entre uma configuração epistêmica de uma época para a outra. Esta verticalidade seria traduzida por um questionamento de fundo: Em se tratando de um saber teórico seria possível pensá-lo na especificidade de seu conceito sem referência a alguma norma? Traduzimos o espanto dos epistemólogos:

¹⁷⁶ São eles: sobre a “*epistémê*” e a ruptura epistemológica, acerca da leitura, sobre a doxologia, acerca das formas de transição, sobre a historicidade e a finitude.

A partir da obra de Bachelard, a noção de ruptura epistemológica serve para denominar a descontinuidade que a filosofia e a história crêem observar entre o nascimento de toda a ciência e a “trama de erros positivos, tenazes, solidários” que retrospectivamente aparecem precedendo a tal ciência. Perguntamos quais são as relações que mantém entre si esta horizontalidade e esta verticalidade? Perguntamos também: como se convalida a configuração obtida? O que define uma *episteme*? A arqueologia deve contar com um conceito de ciência, quer dizer um conceito de ciência que não se esgote na diversidade de suas figuras históricas? (Perguntas do Círculo de Epistemologia in *Análisis*, 1970:216)

Em sua resposta, Foucault diferencia a proposta arqueológica do modelo da história tradicional das idéias, assinala que o discurso não se compõe unicamente de uma série ordenada de acontecimentos homogêneos. Subvertendo o procedimento metodológico, multiplica as diferenças ao invés de considerá-las como “erro” (ou “armadilha”) e reduzi-las ao limite da “perfeita continuidade”. Afirma que a dimensão da prática discursiva não se reduz à “consciência” ou a uma “língua” (ou fatos de linguagem):

As formações discursivas não têm o mesmo modelo de historicidade que o curso da consciência ou a linearidade da linguagem. O discurso [...] não é uma consciência que vem alojar seu projeto na forma externa da linguagem; não é uma língua, com um sujeito para falá-la. É uma prática que tem suas formas próprias de encadeamento e de sucessão (FOUCAULT, 1995:193).

Foucault está no território dos historiadores, não para trabalhar com eles e, sim, para desmontar seus pressupostos, sua leitura linear, cumulativa. Esta estratégia é a de instalar-se em seu campo discursivo para confrontar suas generalizações e tentar desconstruí-las de dentro para fora, talvez, à peculiar maneira genealógica de Nietzsche.¹⁷⁷ Para o quadro metodológico que ficara relegado a um plano secundário é o *objeto da arqueologia*,¹⁷⁸ cuja principal inovação se encontra na noção de prática discursiva, o que permite desviar o

¹⁷⁷ “A história contínua é o correlato da consciência: A garantia de que poderá recuperar o que se lhe escapa; a promessa de que algum dia poderá novamente apropriar-se de todas as coisas que agora a submete. Poderá restaurar seu domínio sobre elas e encontrar ali o que se poderia chamar – conservando toda a sobrecarga da palavra – a sua morada. Querer fazer da análise histórica o discurso do que é contínuo e fazer da consciência humana o sujeito originário de todo saber e de toda prática, são as duas faces de um mesmo sistema de pensamento. Nele, o tempo é concebido em termos de totalização e a revolução nunca é mais do que uma tomada de consciência”. FOUCAULT, 1970:225.

¹⁷⁸ Haveria uma espécie de “história” do conceito de arqueologia que pode ser encontrada nos textos de Foucault. Ela parte num primeiro momento do “sentido e estrutura” para afastar-se progressivamente deste arcabouço e vir a se configurar como uma história de problematizações e práticas formadoras.

paradigma estrutural da esfera do discurso. Portanto, se é que houve uma interpolação inicial da pesquisa foucaultiana com a escola estruturalista, este é o momento de ruptura. Quando Foucault afirma que as relações discursivas não são internas ao discurso, a remissão à prática desconfigura o discurso como “objeto” privilegiado. As práticas discursivas se encontram, como doravante no limite do discurso. Este processo será transformado, durante a discursografia foucaultiana, até o “último” Foucault ¹⁷⁹.

Em *As Palavras e as Coisas*, a arqueologia do saber buscava analisar de uma nova maneira, as regras de formação discursiva, que definem um modo de produção dos objetos. Tratava-se das modalidades enunciativas, dos conceitos e dos temas/teorias (ou estratégias) que constituem os níveis de análise; permitindo a definição de um saber. O que estava em jogo não é a cientificidade ou não de um discurso, mas as leis de construção das proposições que conferem *status* científico, enfatizando condições históricas de possibilidade. Foucault justificava esta opção, para organizar seus cortes e perspectivas, efetuando o questionamento do documento:

A história que não é estrutura, senão devir; que não é simultaneidade, senão sucessão; que não é sistema, senão prática, que não é forma, senão esforço incessante de uma consciência que se recupera, e intenta recobrar-se até o mais profundo de suas condições. A história que não é descontinuidade, senão larga paciência não interrompida. Mas para entoar esta canção da impugnação é necessário desviar o olhar do trabalho dos historiadores: negar-se a ver o que se passa atualmente em sua prática e em seu discurso; fechar os olhos à grande mutação de sua disciplina. (FOUCAULT, 1970:226)

¹⁷⁹ Mais uma vez, destacamos existir - em nossa leitura, ao menos - “vários Foucaults”. No entanto, não trabalharemos subdivisões entre fases, como as que mostramos no início. Valemo-nos, sim do humor presente em Veyne em seu texto de homenagem ao “*dernier*” Foucault. Foucault dirá posteriormente “A viagem rejuvenesce as coisas e envelhece a relação consigo. Parece-me que seria melhor perceber agora, de que maneira, um tanto cegamente, e por meio de fragmentos sucessivos e diferentes, eu me conduzi nessa empreitada de uma história da verdade: analisar, não os comportamentos, nem as idéias, não as sociedades, nem suas “ideologias”, mas as *problematizações* através das quais *o ser se dá como podendo e devendo ser pensado*,¹⁷⁹ e as *práticas* a partir das quais estas problematizações se formam. A dimensão arqueológica da análise permite analisar as próprias formas da problematização; a dimensão genealógica, sua formação a partir das práticas e de suas modificações”. FOUCAULT, 1984:15

Nos fragmentos analisados das respostas de Foucault, como em diversas ocasiões neste estudo, encontramos indicações apontando para dimensões históricas e certas questões filosóficas remanescentes de algumas problemáticas da filosofia francesa do século XIX. Estas instâncias do pensamento subjetivo ou consciência, cuja influência à época podia ser notada na afirmação prioritária do espaço, em detrimento do tempo, aparecem na superfície das discussões do *Círculo de Epistemologia*, e que Foucault atacará, prontamente:

E quando esta história não oferece bastante segurança, é ao devir do pensamento, dos conhecimentos, do saber, é ao devir de uma consciência sempre próxima de si mesma *indefinidamente ligada* a seu passado e presente em todos os seus momentos que se pede salvar aquilo que deve ser salvo: quem se atreveria a despojar do sujeito a sua história próxima? Se clamará que se há assassinado à história cada vez em que uma análise histórica (sobretudo, se se trata do conhecimento) é muito visível o uso de descontinuidades. Mas não há porque enganarem-se: o que se lamenta tanto não é o eclipse da história que estava secretamente, embora por completo, referida a atividade sintética do sujeito. (FOUCAULT, 1970:226)

A questão do saber se inscrevia na *determinação*, ou seja, quais formas admitidas de sínteses ou unidades podem instaurar um campo tão incomensurável como o dos acontecimentos enunciativos? Nestas investigações, no domínio dos discursos que instauravam ou pretendiam instaurar um conhecimento “científico” do homem vivo, que fala e trabalha, manifestaram-se conjuntos de enunciados que Foucault chamou de “unidades discursivas”. Estas formações não pretendiam coincidir com a delimitação destas ciências, nem se confundiam com elas¹⁸⁰: são epistemologicamente neutras.

A preocupação com as unidades das formações discursivas pode ser entendida como aproximada a um sistema de categorias, pelas quais as definições podem ser formuladas,

¹⁸⁰ As unidades discursivas não são, pois, nem ciências atuais em vias de gestação, nem ciências antes reconhecidas como tais e logo obsoletas, abandonadas em função de novas exigências de nossos critérios. São unidades de uma natureza e de um nível diferente do que hoje se chama (ou que se pode chamar) de ciência. Para caracterizá-las não é pertinente a distinção do que é científico ou não científico: são epistemologicamente neutras. FOUCAULT, 1970:257.

percorrendo a esteira das ciências humanas que são organizadas de acordo com certas categorias analíticas. Mais uma vez nos encontramos frente a uma “vontade de sistema”?¹⁸¹ Estes elementos informam que, a partir das condições criadas por um processo genealógico, pode-se dar o manejo das ferramentas metodológicas apresentadas pela arqueologia, para a análise de discursos: fazem revelar suas articulações e instabilidades.

[...] fazer revelar as práticas discursivas em sua complexidade e em sua densidade; mostrar que falar é fazer alguma coisa – algo diferente de exprimir o que se pensa, de traduzir o que se sabe, e, também, de colocar em ação as estruturas de uma língua; mostrar que somar um enunciado a uma série preexistente de enunciados é fazer um gesto complicado e custoso que implica condições (não só uma situação, um contexto, motivos) e que comporta regras (diferentes de regras lógicas e lingüísticas de construção); mostrar que uma mudança, na ordem do discurso, não supõe “idéias novas”, um pouco de invenção e criatividade, uma mentalidade diferente, mas transformações em uma prática, eventualmente nas que lhe são próximas e em sua articulação comum (FOUCAULT, 1995:237).

Se as descontinuidades são para Foucault, indispensáveis para definir os limites temporais de uma *epistémê* e nela o aparecimento de nova relação da representação com os objetos, as novas formas dos saberes seriam as continuidades entre os diferentes saberes de uma determinada época que delimitam seu espaço geral, a *epistémê*. São as relações diferentes entre as ciências entre si, entre as ciências e a filosofia, a literatura e as artes, que permitem traçar a configuração geral de uma *epistémê*, de um saber, possibilitando diagnosticar seu movimento. Como está atento para a solidão e a disciplina demandadas por tal abordagem, Foucault se posiciona na atualidade das formações, diretamente. E o fazendo, oferece uma explicitação¹⁸²: numa *epistémê*, continuidade e descontinuidade se encontram na raiz da problemática relativa à mudança, não se dando a conhecer enquanto determinação, trajeto, mas, somente como possibilidade.

¹⁸¹ “A unidade de uma formação discursiva é dada, não pelos objetos que se transformam continuamente, mas por um conjunto de relações que permitem e excluem certos objetos. E como estas relações são externas ao discurso, mas aderem a este, como sua condição de possibilidade, podemos dizer que os objetos do discurso são constituídos pelo próprio discurso”. ROUANET, 1996:104.

¹⁸² FOUCAULT, 1970:267-269

O que vimos mostra que o saber, não se analisa em termos de conhecimentos; nem a positividade em termos de racionalidade; nem as formações discursivas em termos de ciência. Não se pode pedir que sua descrição seja equivalente a uma história dos acontecimentos, uma gênese da racionalidade, ou a epistemologia de uma ciência. O que se defende é que dentro do elemento do saber se determinam as condições de aparição de uma ciência, ou de um conjunto de discursos que acolhem ou reivindicam os modelos de cientificidade¹⁸³. Foucault afirma, mais de uma vez,¹⁸⁴ que entre a ciência e a experiência, está localizado o saber: não na qualidade de mediação invisível, de intermediário secreto ou cúmplice entre duas distâncias tão difíceis de reconciliar e desembaraçar. O saber determina o espaço em que ciência e experiência podem separar-se e situar-se reciprocamente; não pode ser levantado ou determinado através de signos que expressam conteúdos.

O que a arqueologia do saber deixa fora do jogo, não é, pois, a possibilidade das diversas descrições a que se pode dar lugar ao discurso científico, mas sim ao tema geral do “conhecimento”. O conhecimento é a continuidade da ciência e da experiência, seu entrelaçamento indissociável, sua reversibilidade indefinida; é um jogo de formas que se antecipam a todos os conteúdos na medida em que fazem possíveis; é um campo de conteúdos originários que desenham silenciosamente as formas através das quais podemos lê-los; é a inusitada instauração do formal em um ordenamento sucessivo, que é o das gêneses psicológicas ou históricas; mas também é o ordenamento do empírico por uma forma que impõe a sua teleologia. O conhecimento confia à experiência a missão de dar conta da existência efetiva da ciência e confia à cientificidade a missão de dar conta de toda a emergência histórica das formas e dos sistemas a que obedece. O tema do conhecimento equivale a uma denegação do saber. (FOUCAULT in *Análisis*, 1970:268)

¹⁸³ Na torção espacial da “interpretação”, poderíamos sugerir que Foucault já efetua um desvio genealógico. De modo que “para se garantir a legitimidade epistêmica, não é preciso se por no objeto a ser analisado”. Uma vez “superada” a questão da origem, não há porque desprezar saberes que se constroem nos interstícios. Foucault abandona definitivamente, a noção kantiana de um conhecimento universal e necessário; embora não abandone Kant, no nível “histórico” do presente, representado pelo diagnóstico e tido como uma distinção dos “possíveis atuais”. De ontologia, segundo Foucault não se poderia falar, a não ser que se tratasse de um “ser sem substância”. Esta denúncia vinda desde *O Nascimento da Clínica*, informa sobre o perigo essencial, que remeteria em última instância a Platão. Se as configurações estão sempre em mudança, neste “chão”, tornar-se-ia difícil apontar o *ser* desta mudança. Contudo, a nosso ver, sempre que é apontada a mudança, ela traz consigo certo suporte temporal. Mesmo tratando “exclusivamente” do espaço, apresenta-se, indiretamente uma brecha para pensar o “tempo” em Foucault?

¹⁸⁴ FOUCAULT in *Análisis*, 1970:267-268.

Este *adeus ao estruturalismo*¹⁸⁵, que se efetiva, também é uma despedida de seu projeto. Antes de convidar a julgar as coisas a partir das palavras, Foucault mostra, ao contrário, que elas nos enganam; que nos fazem acreditar na existência de coisas, de objetos naturais, enquanto estas coisas não passariam de correlatos das práticas correspondentes, pois a semântica seria “a encarnação da ilusão idealista”¹⁸⁶. O póster *Arqueologia do Saber* marcaria o fim de um período em que Foucault, como escritor pretendeu colocar a descoberto práticas discursivas quase puras. No sentido de que não remetiam senão a si mesmas. Domínios autônomos, embora não realmente independentes ou imutáveis; em contínua transformação e movimento, caso se admita que existam, de alguma maneira, multiplicidades que não estão referidas a nenhuma unidade ou que não se possa reconstituir a realidade em signos portadores de sentido, referência ou correspondência. Os solos movem-se entre diversos desvanecimentos.

2.7 – Camadas, Percursos e Rupturas

Para Foucault o trajeto da análise obedece a uma tendência à singularidade, parece aproximar-se de um *lidar nietzscheano* com os fragmentos. Não como aquele *andar entre fragmentos de homens*¹⁸⁷, mas através da explicitação de camadas (escavação), como sugerimos desde o início, por uma forma metódica de categorização relacional que privilegia uma genealogia dos discursos em sua constante reatualização, baixo uma arqueologia dos saberes. São construtos recentes e fundadores de discursos, cuja análise revelaria que o fenômeno é apenas superfície. Não haveria esta “profundidade” anunciada, pois se trata mais de como estes movimentos se constituem do que venham a significar. Acreditando buscar a verdade das coisas, “os homens acabam apenas por fixar as regras segundo as quais será

¹⁸⁵ BLANCHOT, 1988:17/19

¹⁸⁶ VEYNE, 1982:252

¹⁸⁷ Vide nota 84.

julgado o dizer como verdadeiro ou falso.”¹⁸⁸ Por isso, ao esvair o signo, se esvai o homem. Não mais é admissível, para Foucault, buscar a intenção, essência atrás de fatos, discursos e conceitos.

Não seria possível, entender estas retomadas e deslocamentos, se não estivesse em curso um esforço de superação, que remonta ao enfrentamento, ou a seu declínio. Talvez a arqueologia não se esgote neste movimento ao encontro da fundamentação. A posterior abordagem da genealogia manteria o recurso à descontinuidade e à elisão do sujeito como fundamento da história. Mais que a explicitação do método ou a tentativa de sua validação, aponta-se uma imbricação dessas dimensões nos desdobramentos de suas pesquisas. A recusa da *interpretação essencial* se mantém: nos documentos não é procurada uma verdade ulterior ou origem anterior; busca-se, apontar as relações das quais fizeram parte, as quais não são designadas por sua organização serial, mas pela função desempenhada em estruturas discursivas e sociais marcadas pelo exercício de relações saber-poder.

Outro fragmento de *Resposta ao Círculo de Epistemologia*, que se nos apresenta é sintomático do esforço de Foucault, certamente sistemático, de aplicar em suas análises, o conceito de descontinuidade. Em *O Campo dos Acontecimentos Discursivos*¹⁸⁹, um dos pilares de seu artigo-resposta, Foucault remete a comparações entre a descontinuidade (e os problemas que levanta enquanto método) e os “procedimentos” tipos como usuais para a reflexão epistemológica: a noção de continuidade, evolução e teleologia. Constituem-se em pistas interessantes sobre o pensamento foucaultiano.

¹⁸⁸ VEYNE, 1985:933/41

¹⁸⁹ FOUCAULT in *Análisis*, 1970:227.

É necessário abandonar estas sínteses feitas, estes agrupamentos admitidos antes de qualquer exame; estes laços cuja validade se admite de entrada; expulsar as formas e as forças escuras que habitualmente servem para ligar, entre si, os pensamentos dos homens e seus discursos; aceitar se encontrar, em primeira instância, somente com uma população de acontecimentos dispersos. Tampouco devemos considerar validadores os recortes ou agrupamentos cuja familiaridade vai se adquirindo. Não se pode admitir tais como se apresentam a distinção dos grandes tipos de discurso e das formas ou gêneros (ciência, literatura, filosofia, religião, história, ficções etc.). (FOUCAULT, in *Análisis*, 1970:228)

Esta posição é emblemática da análise feita via o *microscópio de Foucault*, que partindo da aproximação com a “realidade” do que se quer observar, inicia uma nova série de dificuldades, impostas não só pelo método, mas pela maior proximidade com o que se está observando. Segundo Foucault, não se pode partir de modelos, estruturas ou conceituações “já dadas”, que permitam a *ligação a priori* entre as teses e as observações; mais uma vez se repete uma situação de *analogia ilusória*¹⁹⁰ oferecida pelas ilusões retrospectivas¹⁹¹. Neste período, aponta-se para uma desconfiança na interrogação das problemáticas relativas às ciências humanas: *a que o discurso de Foucault estaria ligado*. Pela análise inclui-se sua própria fala. Distante de qualquer tentativa de mediar ou constituir um “caminho comum” entre discurso e ciência, Foucault procura verificar o que ameaça dissolver-se sob o instrumento descritivo das escavações. Rechaça, contudo, qualquer “antecedente epistemológico” que se constitua como operador de mediações entre os movimentos revelados pela pesquisa arqueológica e afirma que, na própria aproximação existe um campo que se movimenta. Esta posição está, para ele, bem estabelecida:

¹⁹⁰ “O próprio sabor da história seria tornar-se história comparada, de forma que escrevê-la seria precisamente *interpretar relações*. Não se trata, portanto, de mera comparação, mas de reconstituir uma suposta *normalidade* de uma época, embora em “esferas de verdade” distintas. [...] No uso das analogias segue-se, então, certo acreditar na palavra por uma espécie de analogia ilusória. Não que existam reais semelhanças entre os termos”. MUÑOZ, 2006:384/87

¹⁹¹ “A análise do pensamento é sempre alegórica, em relação ao discurso que se utiliza. Seu problema, infalivelmente é: que se dizia, pois, naquilo que se disse? Mas, a análise do discurso está orientada de forma diferente; se trata de captar o enunciado naquilo de estrito e singular de seu acontecimento: determinar as condições de sua existência, fixar o melhor possível seus limites, estabelecer correlações com os demais enunciados com os quais pode estar ligado, mostrar quais são as outras formas de enunciação que exclui [...]. O problema específico da análise do discurso poderia ser formulado assim: qual é, pois, esta irregular existência que sai à luz no que se diz e não em qualquer outra parte?” FOUCAULT in *Análisis*, 1970:234.

Analiso o espaço em que falo. Exponho-me a desfazer e recompor esse lugar que me indica os ditos primeiros de meu discurso; empreendo a dissociação de suas coordenadas visíveis, sacudindo sua imobilidade superficial; corro, pois, o risco de suscitar a cada instante, sob cada um de meus enfoques, o problema de saber de onde isto pode nascer: pois todo o que digo poderia muito bem ter o efeito de deslocar este lugar de onde eu falo. (FOUCAULT, in *Análisis*, 1970:238)

A análise das formações discursivas e seus sistemas de positividade dentro do elemento “saber” concerne a algumas determinações dos acontecimentos discursivos¹⁹². Não se trata deste modo, da constituição de uma disciplina unitária que substituísse todas as outras descrições dos discursos possíveis, invalidando-os em bloco. Vemos como uma estratégia dá lugar a diferentes tipos de análises¹⁹³ – embora já em curso, mas ainda não aceitas como válidas – definindo quais seus pontos de aplicação. O acontecimento discursivo pressupõe a anterioridade de um dado: “há linguagem”¹⁹⁴. A partir deste *murmúrio anônimo* dá-se um acontecimento, qualquer coisa que é dita. Alguém disse algo, mas quem? Teria a linguagem se iniciado com este alguém que disse? Improvável: o murmúrio é anterior ao enunciado, trata-se da nossa pré-figuração. O discurso é um relacionamento complexo e esse relacionamento define as próprias regras de exercício ou de existência da enunciação e dos enunciados. Em Foucault, entendemos que o “fazer surgir” a dimensão do saber como dimensão específica, significa não mais ser possível recusar as diversas análises que a ciência coloca à disposição. Trata-se de descolar-se e ampliar o espaço em que podem ser alojadas estas análises. Precisa-se prescindir das formas de extrapolação, seja epistemológica ou genética, do discurso formal¹⁹⁵, somente assim é provável a análise do que é dito.

¹⁹² Um traço metodológico que aceita o desvanecimento, metodologia e monumentos. Vide notas, 199 e 201.

¹⁹³ Foucault define acontecimentos discursivos como uma “população de acontecimentos no espaço do discurso em geral [...] o conjunto, sempre finito, e atualmente limitado, das únicas seqüências lingüísticas que tenham sido formuladas” (FOUCAULT, 1972:38/43). Ou seja, Foucault opõe discurso à história do pensamento e não tenta encontrar nada além dos próprios enunciados, desprezando assim qualquer busca da intenção do sujeito falante. A idéia por trás disto é estar-se seguro de não operar sínteses que sejam puramente psicológicas e apreender outras formas de regularidade: as relações dos enunciados entre si.

¹⁹⁴ FOUCAULT, 1972:146

¹⁹⁵ “A extrapolação epistemológica não se confunde com a análise (sempre legítima e possível) das estruturas formais que podem caracterizar um discurso científico. Mas deixa supor que estas estruturas são suficientes para definir, em uma ciência, a lei histórica de sua aparição e desaparecimento. A extrapolação genética não se

2.8 – Alguns Possíveis Encerramentos

Como apontamos ao longo deste estudo, Foucault não busca organizar uma história das idéias, não se aproxima de uma história das ciências. Mas, de uma análise das possibilidades da ordem, da positividade histórica, a partir da qual um saber pode se constituir; a partir do qual teorias e conhecimentos, reflexões e idéias são possíveis. E é nesse espaço de ordem que o saber, segundo Foucault, se constitui. O objeto não está pronto na realidade, em potência, aguardando o cientista para colocá-lo em ato. O objeto surge quando condições discursivas e não discursivas o produzem. Em cada formação, conceitos são dispostos e utilizados conforme o campo de saber e o modo como este se relaciona, diferencia, associa-se ou não a outros campos de saber.

No horizonte de todas estas investigações se esboçaria, talvez, um tema mais geral: o do modo de existência dos acontecimentos discursivos em uma cultura. O que se trataria de colocar em manifesto é o conjunto de todas as condições que regem, em um dado momento e em uma determinada sociedade, a aparição dos enunciados. Sua conservação, os laços que se estabelecem entre eles, a maneira em que se agrupam em conjuntos estatutários, o papel desempenhado nos jogos de valores ou de sacralizações que possuem ou estão afetados, a maneira em que estão investidos em práticas ou em condutas, os princípios segundo os quais circulam, são reprimidos, esquecidos, destruídos ou reativados. Em resumo: se trataria do discurso dentro do sistema de sua institucionalização. (FOUCAULT in *Análisis*, 1970:237)

Foucault tem consciência de que nem tudo poderá ser respondido através da investigação arqueológica. Seria ingenuidade pensar em determinar as condições que atuam sobre todos os fatores que provocam as transformações no campo geral do saber. Controle, desde Bacon é tarefa da ciência e epistemologia: a arqueologia busca possibilidades. O silêncio, pontual, de Foucault frente à crítica é tomado por aceitação da fragilidade do método, quando deveria, ser encarado como paciência diante da natural limitação do instrumento. Para um

confunde com a descrição (sempre legítima e possível) do contexto – seja discursivo, técnico, econômico ou institucional – daquilo que há aparecido a uma ciência, contudo deixa margem para supor que a organização interna de uma ciência e suas normas formais possa ser descrita a partir de suas condições externas.” FOUCAULT in *Análisis*, 1970:262.

pensador avesso à construção de sistemas grandiosos, onde pudesse caber toda a interrogação filosófica, deve ter sido embaraçoso constatar que seus pares, à época, não entendiam esta característica de seu pensamento. Talvez ainda hoje existam incompreensões.

Tratou-se de uma postura inteligente. Seria inútil travar um debate nesta região obscura, frente à perguntas-padrão, que nem precisariam ter sido colocadas por epistemólogos, como: *porque determinada epistémê, configurada em certa época, acaba por ceder lugar à outra na qual os princípios da ordem são diferentes?*¹⁹⁶ Foucault irá passar ao largo destas considerações. O fato de não se poder responder positivamente a estas questões no quadro de uma arqueologia do saber indicaria, que as transformações no solo epistemológico se encontrariam fora da positividade analisada. Talvez, numa inter-relação entre o discursivo e o não-discursivo, de todo modo, Foucault direciona seu esforço responsivo para outra seara. Na medida em que suas análises não privilegiam a racionalidade científica, a arqueologia busca dar conta destes saberes específicos, no nível da coerência teórica. A análise arqueológica, segundo Foucault é a análise da maneira – antes mesmo da aparição das estruturas epistemológicas, e por baixo dessas – pela qual os objetos são constituídos, os sujeitos se colocam e os objetos se formam. São todas as regras que possam identificar e definir os objetos possíveis, as posições do sujeito em relação aos objetos e a maneira de formar os conceitos que nascem das formações pré-discursivas, extra-discursivas e determinadas por elas:

Les Mots et les Choses é um livro em suspenso: em suspenso na medida em que não faço aparecerem as próprias práticas pré-discursivas. É no interior das práticas científicas que eu me coloco para descrever as regras para a constituição dos objetos, a formação dos conceitos e as posições do sujeito. Por outro lado, a comparação que faço não leva a uma explicação. Mas, nada disso me preocupa. Não escrevo um livro para que seja o último; escrevo um livro para que outros sejam possíveis – não necessariamente escritos por mim (FOUCAULT in ROUANET (Org.), 1996: 25/26).

¹⁹⁶ FOUCAULT in *Análisis*, 1970:216-220

Pode-se perceber outra insistência de Foucault, não em refutar as críticas como pontuamos, mas, em estabelecer uma relação entre as práticas discursivas e os saberes. O objeto próprio da arqueologia, os saberes, são aquilo de que se pode falar em uma prática discursiva, que se vê, delimitada e especificada: *o domínio constituído pelos diferentes objetos que adquirirão ou não estatuto científico*. Um saber é o campo de coordenação e subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam. Paradoxalmente, esta condição não passa despercebida nas análises captadas pela coletânea:

A noção de ruptura epistemológica é assim revista em seu estatuto. O próprio da epistemologia, segundo Foucault é ignorar a instância do “saber”, a instância destas relações ordenadas, cuja existência material constitui a base sobre a qual se instaura o conhecimento científico. O que se trata de mostrar é como “uma ciência se inscreve e funciona no elemento do saber”. Haveria um “espaço” no qual, por um jogo interno como as relações que o constituem, uma ciência determinada formaria seu objeto. (LECOURT in ROUANET (Org.), 1996:51/52)

Centrado na defesa da formação discursiva, Foucault deixa-se prender na especificidade do método? Se a espessura do discurso permite a sua análise arqueológica, o determinar de camadas que distingue os possíveis, abre o flanco para que se questione, não somente a proposição das regras e o estudo das configurações encontradas, mas a própria viabilidade arqueológica. Como, na multiplicidade descontínua dos diferentes discursos que constituem um “acontecimento da ordem do saber”, pode-se estabelecer uma regularidade? Dizer que determinados saberes fazem parte de um campo epistemológico, significa que nele se enraíza a sua positividade; que nele encontram sua condição de existência. Mas, isto realmente explica a sua possibilidade de existência, ou para Foucault, sua justificativa de emersão?

Um discurso é um discurso porque desce raízes às epistemes estanques e por isso mesmo parece ser para Foucault algo mais que “ideologia” e algo menos que “ciência”. Ora, o que são estes discursos senão algo tão misterioso quanto estas palavras de *Les Mots et les Choses* a respeito das condições dos discursos, isto é, das epistemes como “disposições que desapareceriam tal como apareceram” e “por algum acontecimento que podemos, quando muito, pressentir a possibilidade [...]” Os discursos, enfim, se identificam nas regras finitas das epistemes, e ficam abandonadas ao vazio as distinções entre os discursos ideológicos e científicos, na mesma medida em que, por um lado, Foucault se desgasta em distinções relativas, incapazes por si mesmas de fundarem uma teoria dos discursos diferenciais. Ele descreve as regras empíricas de um objeto empírico “[...] a massa dos textos que puderam ser recolhidos numa época dada”, e desta esquemática etnografia Foucault salta para a etnologia fantástica das *epistemes* estanques. (ESCOBAR in ROUANET (Org.), 1970, 87).

Este tipo de argumento, amiúde encontrado na coletânea, revela a plataforma filosófica a partir da qual seria analisada, não somente *As Palavras e as Coisas*, mas, num todo, a própria concepção foucaultiana dos saberes. Esta leitura nos informa que os textos dos comentadores agrupam um panorama específico: *o questionamento filosófico do positivismo foucaultiano*. Naturalmente, os excertos que apresentamos não são recortados de modo a poder-se falar qualquer coisa; nem prepara uma “defesa” do pensamento arqueológico sem reservas. Buscamos pontuar a recepção da proposta arqueológica através das lentes que foram aplicadas à análise destas materialidades estudadas. Neste contexto, analisa-se o novo a partir da norma e do estamento vigente; procura-se na hipótese descritiva das possibilidades um aspecto de solidez que não é possível apresentar. Avalia-se uma construção teórica inovadora, segundo a classificação academicamente aceita da configuração epistêmica anterior e que não mais consegue manter-se em seus próprios fundamentos, segundo o crivo arqueológico.

O que apontamos e procuramos enfatizar ao longo deste estudo é que Foucault está atento a estes movimentos de análises e problematizações. Se, por um lado, não interfere sobre o desmonte da crítica que recebe, de outro, Foucault está determinado não conceder aos adversários quaisquer espaços discursivos. Oferece três interpretações: Primeiro supõe que

tudo o que o discurso formula se encontra articulado neste “semi-silêncio anterior a ele próprio”¹⁹⁷. Para Foucault, a arqueologia intenta recuperar o que está além dos enunciados, neste amplo domínio se encontram mesclados à intenção do sujeito falante, sua atividade consciente, o que terá pretendido dizer ou a fratura quase imperceptível de suas palavras manifestas. Segundo, fazer aparecer em sua pureza, o espaço em que se dispersam os acontecimentos discursivos é diferente de cercá-los em si ou de estabelecer um corte impossível de superar. Declara-se livre para descrever um jogo de relações¹⁹⁸ entre o discurso e os sistemas exteriores a ele. Finalmente, liberar os feitos do discurso de todos os agrupamentos que se apresentam como unidades “naturais”, imediatas e universais, permitindo outras descrições. Foucault é específico neste ponto:

De todos os modos se trata de reconstituir outro discurso, recuperar a palavra muda, murmurante, inesgotável que anima desde o interior a voz escutada, restabelecer o texto fino e invisível que percorre o interstício das linhas escritas e, às vezes, as transtorna. A análise do pensamento é sempre *alegórica* em relação com o discurso que utiliza. Seu problema é infalivelmente: que se dizia, pois, naquilo que se disse? Mas, a análise do discurso está orientada muito diferentemente; Se trata de captar o enunciado no senso estrito e singular de seu acontecimento; determinar as condições de sua existência, fixar o melhor possível seus limites, estabelecer suas correlações com os demais enunciados aos que pode estar ligado, mostrar quais são as outras formas de enunciação que exclui. O problema específico da análise do discurso poderia ser formulado assim: qual é, pois, esta irregular existência que sai à luz no que é dito e não em qualquer outra parte (FOUCAULT in *Análisis*, 1970:234)

Por este viés, observamos em Foucault, disposição de manter relações intensas e diretas com os objetos de sua pesquisa. Desenha-se no horizonte destas investigações, além das considerações contra as matrizes antropológicas, um tema geral: o que respeita ao modo de existência dos acontecimentos discursivos em uma cultura e remete ao seu afloramento; que trataria do discurso dentro do sistema de sua institucionalização, configurado em dada

¹⁹⁷ FOUCAULT in *Análisis*, 1970: 232.

¹⁹⁸ Não há um “elemento organizador” das formações discursivas o que se relata é sua dispersão. “Para Foucault, as diversas modalidades de enunciação não estariam relacionadas à unidade de um sujeito, quer se considere o sujeito tomado como pura instância fundadora de racionalidade, quer seja considerado como função empírica de síntese. Os diversos tipos de enunciação não remeteriam, assim, à função unificante de um sujeito, mas, antes, manifestariam a sua dispersão”. FONSECA, 1995:15

situação¹⁹⁹. Esta será a problemática central de *As Palavras e as Coisas*: a resposta impressa na teia das experimentações e que não se apreende imediatamente. O *monumento* não pede uma gênese que o justifique; diante dele, pergunta-se como é possível que tenha surgido e o que permitiu manter-se. Segundo Foucault, esta “obra” não poderá ser considerada autônoma em relação a outros textos, anteriores ou ulteriores²⁰⁰. Ao contrário²⁰¹, afirma-se que são construções discursivas que se apóiam umas nas outras, devendo ser lidos como um conjunto esboçado de experimentações descritivas.

Foucault assinala que o campo dos acontecimentos discursivos não admite recortes *a priori*; descarta-se descrever, em bloco, todas as relações características do arquivo. Foucault interroga, sim, qual é a configuração das ciências humanas que está ligada ao seu pensamento. Desmonta, portanto a acusação de continuísmo entre texto e escritor. A própria arqueologia pergunta como fazer para circunscrever estas regiões, elegendo empiricamente domínios. Vimos inúmeros problemas que se colocam quando nos aproximamos dos textos de Foucault, dada a sua maneira peculiar de trabalho. Com isso dizemos que não nos deparamos com unidades, mas com uma heterogeneidade de discursos. Podem ser encontrados inúmeros níveis e assuntos tratados dentro de um mesmo texto, trajetos em suspenso e parágrafos que se constituem outros estudos, arriscaríamos dizer, numa espécie

¹⁹⁹ Chamarei arquivo não à totalidade dos textos que tenham sido conservados por uma civilização, nem ao conjunto das pegadas que puderam salvar-se a seu desastre, senão ao jogo das regras que determinam em uma cultura a aparição e a desaparecimento dos enunciados, sua permanência e seu eclipse, sua existência paradoxal de *acontecimentos* e de coisas. Analisar os feitos do discurso em um elemento geral do arquivo é considerá-los, não como *documentos* (de uma significação oculta, de uma regra de construção), senão como *monumentos* [...] Fazer o que poderia chamar-se, algo assim como uma arqueologia. FOUCAULT, in *Análisis*, 1970:237.

²⁰⁰ É importante ressaltar o ponto de vista do debate, já que Foucault está efetuando uma remissão às pesquisas clínicas, a partir da ainda não publicada *A Arqueologia do Saber*.

²⁰¹ “Tal é, aproximadamente, a problemática de *História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica* e *As Palavras e as Coisas*. Nenhum destes textos é autônomo, nem se basta a si mesmo; apóiam-se uns nos outros, na medida em que se trata, caso a caso, da exploração muito parcial de uma região limitada.” FOUCAULT in *Análisis*, 1970: 238. Foucault também informa: “Interrogo a essa estranha e problemática configuração das ciências humanas, a que meu discurso se acha ligado”. FOUCAULT in *Análisis*, 1970:239.

de mutação do aforístico, próprio do estilo nietzscheano. Por assim entendermos, não tentamos obter acesso aos seus trabalhos como se eles formassem uma unidade sistemática, epistemológica ou axiomático-dedutiva. Nossa proposta visou trabalhar essa diversidade e heterogeneidade, no campo dos saberes, assumindo-a, porque Foucault nos aponta que o discurso é oposto ao que é fechado e, assim, não pode ser abordado diretamente e sem reservas. A unidade dada pela *epistémê*, àquela que determina as referências da produção de uma época, não está compreendida numa topografia, mas a fundamenta.

A *epistémê* básica, para uma cultura dada é, de certo modo, seu sistema universal de referência em certa época: a única relação que mantém com aquela que lhe sucede é de diferença (CANGUILHEM in *Análisis*, 1970:138)

Notamos que a aparente solidez da superfície não se mantém intacta ao nos aproximarmos, pois *Foucault também se desvanece*²⁰². Um olhar ao microscópio, esta poderosa lente de aumento, não capta essencialidades, mas tessituras, grânulos, heterogeneidade, espaços habitáveis. Aliás, esta bem que poderia ser uma das mais interessantes “descobertas” foucaultianas: a arqueologia remove as camadas, desintegra os compostos, revela monumentos, oferecendo um instrumento penetrante e diferenciado de análise. Embora, como indicamos estar presente nos excertos analisados e comentadores consultados, o projeto de Foucault para as ciências humanas, não consiga dar conta de tudo o que pretende.

²⁰² O pensador anula-se em suas ocupações, ao buscar a *análise-fim*: “A arqueologia fracassa por duas razões [...] Em primeiro lugar o poder causal atribuído às regras que geram os sistemas discursivos são ininteligíveis e torna incompreensível o tipo de influência derivada das instituições sociais. Em segundo lugar, na medida em que Foucault considera a arqueologia um fim em si mesma, ele exclui a possibilidade de apresentar suas críticas em relação às suas preocupações sociais. Mas Foucault não abandona o método, apenas a tentativa de descrever uma teoria das regras que governam os sistemas de práticas discursivas. DREYFUS e RABINOW, 1995:XXI.

Considerações Finais

O que assinalamos em nosso ponto inicial, sobre indicar aspectos de atualidade na discussão sobre a mobilidade das *epistémês* dentro de uma arqueologia das ciências humanas, foram caminhos que pudessem elucidar estes mesmos contextos. Neste momento, vemos como o próprio trajeto se mostrou como parte de uma exposição necessária. Talvez não a melhor, mas, aquela possível aos nossos esforços. A escolha entre abordagens e explicitações, nos capítulos iniciais deste estudo, sem delimitar roteiro predeterminado, deveu-se às condições de possibilidade dos discursos, que se inscreviam na advertência do prefácio de *As Palavras e as Coisas*. Afinal, como adentrar na especificidade daquilo que não existe por si, unitariamente distinto, senão nas configurações em que se dá como possível?

Uma vez que não estávamos comprometidos com a análise de uma unidade, e sim, observando com distância a diversidade de saberes e seus modos, percebemos que existem espaços onde discursos estão sobre discursos, sem origem. Encontramos dificuldade em completar qualquer levantamento ou reflexão, sem antes apontar para a miríade de intersecções onde Foucault informa emergirem os saberes. Nosso objeto de análise, a cada descrição arqueológica, parecia também buscar outras possibilidades de explicitação. De todo modo, observamos e relatamos pequenos trechos e aspectos destas problemáticas, atualizando o debate de como “entender” o que Foucault apresenta como metodologia para as ciências humanas. E, com isso, pudemos apresentar esta leitura relacional-transversal sobre a arqueologia foucaultiana, assumindo a positividade do método.

Talvez, as problemáticas não esclarecidas da arqueologia, possam ser mapeadas em outro momento, já que Foucault as abandonará pela via da pesquisa genealógica. Buscará o Foucault ulterior, empreender outras investigações e não pretende – ao menos explicitamente

– definir seus termos e condições. Justificaria continuarmos a perquirir o assunto e tentar responder a questões: Como estas movimentações das *epistémês*, configuradas, de um lado como estanques e, de outro, como intersecções e superações, são nomeáveis dadas as contradições apontadas anteriormente? A metáfora da troca do mecanismo do cinema pela *lanterna mágica*,²⁰³ seria a denúncia da ilusão de realidade que temos no movimento dos fotogramas²⁰⁴, virtualmente móveis, porém estáticos, mas que, se dão a conhecer justamente porque atuam progressivamente? Esta troca significaria que se projetam como saberes, as condições delimitadas por uma exposição possível? Mas estas condições não estavam configuradas em seu movimento relacional? Compreende-se uma só *epistémê*, mas isto significa apenas um modo possível? Estaríamos em frente à face visível de uma sutil heterotopia?²⁰⁵ As questões suscitadas são inumeráveis e instigantes, inclusive desdobramentos aos quais não nos referimos anteriormente, como à possibilidade, levantada por Blanchot, de o empreendimento todo ter se esgotado em sua realização.

Justamente em decorrência disto, não se apresenta conclusão sobre o que está operando nos motores destes *estratos epistêmicos*. Estamos cientes desta distância ou no limite, da impossibilidade de se determinar uma efetividade conclusiva. Dada esta porosidade, o pensador pode não ser aproximado de determinadas posturas, somente a partir de um

²⁰³ “A mudança das epistemes é vista como uma resposta a novos acontecimentos ocorridos no plano do próprio discurso. As positivities e as ciências são deduzidas por um encadeamento puramente interno, segundo a lógica imanente do discurso. O discurso é dotado de uma mobilidade que lhe é própria, que é de fato uma sucessão de imobilidades. É por isso que a arqueologia foi descrita por seus detratores como uma geologia. Não se trataria de história e sim de análise estratigráfica. A sucessão é dividida em segmentos fechados, em “flashes” de eternidade. O cinema é substituído pela lanterna mágica. A diacronia aparece como uma sucessão de sincronias superpostas”. ROUANET, 1996:110.

²⁰⁴ Teria a denúncia desta mobilidade que seria constitutiva das *epistémês*, em Foucault, alguma aproximação – crítica ou não – com o exemplo de Bergson em *Introdução à Metafísica*? Esta é uma pergunta interessante: Tomaríamos a tradução pelo original ao dizer que “seria a desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis?” FOUCAULT, 1995:7.

²⁰⁵ Curioso conceito que aparece no início de *As Palavras e as Coisas* e que estará de modo transversal, sempre em suas declarações. Foi proposto por Foucault para designar todo e qualquer lugar cuja existência – em contraposição às *utopias* – é real e que, embora localizável, parece se encontrar por fora de todos os lugares comuns em que vivemos; como seria o caso das enciclopédias chinesas e seus arranjos impossíveis.

apanhado de citações, porque elas dobram-se sobre si. Talvez, sequer seja possível aludir a uma possibilidade mais consistente, a uma determinação. Por isso, devemos interpretar estas instâncias dos saberes, não em sua realidade científica, epistemológica ou ideológica, mas como campo de abertura. Instância onde é possível realizar o tornar-se, a partir do que é, onde os saberes não se constituem de essências e origens, mas transformação contínua.

Haveria, em Foucault, na estrutura de excertos resgatados - aparentemente programáticos²⁰⁶ - uma sugestão de abrir as portas a um novo saber e que, para Blanchot, são testamentos onde se inscrevem as promessas que não se cumpriram. Talvez, todas as suas realizações *residiriam mesmo nas promessas!* E, ao formulá-las Foucault teria ido até o limite do interesse que se concede, para depois se voltar para novos horizontes, sem atraiçoar suas exigências metodológicas. O entrave maior à compreensão das tentativas arqueológicas, não vem, com sua maior intensidade pela via da assinalação de construtos teóricos nebulosos, opinativos ou argumentativamente inexatos. Assim como os argumentos encontrados na coletânea *Análisis de Michel Foucault*, da qual oferecemos os extratos mais significativos como contraponto ao “programa” arqueológico. Mas, da conformidade estabelecida (ou da necessidade inconsciente) de oferecer um estatuto epistemológico à “invenção recente”, que traz a expressão de um campo filosófico conservador. Se não importa *quem fala*, ainda se fala de *algum lugar*. O esforço emerge e aponta uma direção, um espaço, mas, ao fazer isto sua própria ferramenta perderia o fio analítico ou inutiliza sua metodologia. A tentativa foucaultiana realiza uma difícil transição ao apresentar possibilidades e permite desvencilhar-se dos sistemas e ordens subjacentes ao discurso.

²⁰⁶ “Há ao menos dois livros, um de aparência esotérica, outro brilhante, sincero, sedutor, ambos aparentemente programáticos, que parecem abrir as portas a um novo saber e que, em realidade, são como testamentos onde se escrevem promessas que não se cumpriram. Não, claro, por negligência ou por impotência, senão porque, quem sabe, toda sua realização reside em sua própria promessa, e ao formulá-las Foucault vai até o limite do interesse que lhe concede – é assim, geralmente, como ele ajusta suas contas, depois se volta para outros horizontes.” BLANCHOT, 1988:18.

A arqueologia não é o contrário da História: é outra maneira de escrevê-la²⁰⁷. Estes circuitos teóricos correspondem a uma geometria conceitual²⁰⁸. A esfera na qual as instabilidades se apresentam, seja no Renascimento, na Época Clássica ou para a Modernidade em seu volume expensor de objetividades. Foucault oferece as figuras de Velásquez e as linhas de arbítrio de Cervantes e Sade, para indicar os seus momentos de ruptura com a configuração anterior. A forma de sedimentação das *epistémês* não oferece riscos, tampouco se regula por nenhum fim pré-estabelecido.

A tarefa do filósofo é expor os planos de organização que estruturam os discursos, uma vez que o ordenamento conceitual do texto não corresponde a um único modelo. E, aqui, temos uma direção satisfatória para as nuances da *epistémê*, solo transversal que é formado pelos discursos: elas mesclam-se em um modo de constituição de unidades histórico-culturais, cujo resultado é a produção de *novos problemas*. Combinam o arquivo com um diagnóstico, sendo que um destes últimos provocou certa consternação e irritabilidade: a morte do homem como elemento-imagem unificador da filosofia e das ciências humanas²⁰⁹. Não encontramos motivos, contudo, para serem ditos de outro modo, embora alguns comentadores proponham ser estas tentativas, um esforço desesperado para compreender nossa época, positivamente ou não.²¹⁰

²⁰⁷ ERIBON, 1995:204

²⁰⁸ “Temos o hábito de dizer que, com o século XIX, cessou a pura crônica dos acontecimentos, a simples memória de um passado povoado somente de indivíduos e de acidentes, e que se buscavam as leis gerais do devir. A partir do século XIX, o que vêm à luz é uma forma nua de historicidade humana – o fato de que o homem, enquanto tal está sujeito ao acontecimento. Daí a preocupação seja de encontrar leis para esta plataforma [...] Seja de defini-la a partir do fato de que o homem vive, de que o homem trabalha, de que o homem fala e pensa”. FOUCAULT, 1995:387.

²⁰⁹ As ciências humanas nascem junto ao objeto que analisam, mas não é o sujeito que lhes constitui ou oferece um domínio específico, e sim a disposição geral da *epistémê* que dá lugar, requer e instaura seu escopo – permitindo constituir o homem como seu objeto. E, ao se referirem à representação, estão tratando com seu objeto, que é sua condição de possibilidade. Parecem elucubrações repetitivas, mas o nível nunca é o mesmo.

²¹⁰ “Nossa tese é que as mais influentes tentativas modernas de alcançar este entendimento – a fenomenologia, o estruturalismo e a hermenêutica – não cumpriram as expectativas a que se propuseram. Michel Foucault oferece, em nossa opinião, elementos de um coerente e poderoso recurso alternativo de compreensão. Sentimos

Há que se trazer a luz os procedimentos polêmicos, demonstrar o jogo das manipulações e restabelecer a realidade dos textos desnaturalizados. Deste modo, as argumentações críticas que apresentamos não parecem ser capazes de nublar os extratos arqueológicos, embora apontem para o que poderíamos chamar de *séries problemáticas*, deixadas em aberto por Foucault. Conforme apontamos, talvez estas sejam mais um aspecto original da linha arqueológica de investigação que se desdobra em novas interlocuções e, por isso, não se oferece pronta ao enquadramento conclusivo, apenas perspectivo. Seria mais um deslocamento? Poderíamos pensar Foucault como um experimentador externo que buscava – à época – formar o trajeto na medida em que o empreende e decifra?

Dos recortes analisados pudemos notar que os deslocamentos temáticos são a tônica das suas pesquisas, e não há motivos para não ser assim, já que a atividade filosófica dobra-se sobre si²¹¹. Foucault nos oferece uma leitura crítica das diversas teorias sobre o ser humano produzidas, tal como histórias da experiência das *percepções*, do modo diversificado pelo qual a razão irá circunscrever seus objetos e determinar os significados. Foucault vai discutindo o que é o estranhamento, buscando os nexos teóricos e práticos que estão nas determinações dos saberes, dos discursos, no campo geral das experiências, das atitudes que se formam a partir destes discursos e suas formas. Examina as condições destas possibilidades, recuperando para o estatuto filosófico a abordagem do espaço.

que seu trabalho representa o mais importante esforço contemporâneo, não só de desenvolver um método para o estudo dos seres humanos, como de diagnosticar a situação atual de nossa sociedade”. DREYFUS e RABINOW, 1995: XIII

²¹¹ Foucault somente deixa explícita esta direção mais tarde, onde aponta não somente para uma reformulação da tarefa da filosofia, mas a atualiza via Kant: “Mas o que é o filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento?” FOUCAULT, 1984, 12-13.

A este pensador, *analista de positivities*, somente podemos oferecer outras séries de questionamentos, seria desrespeitosa qualquer outra abordagem. No âmbito de sua pesquisa, contudo, nem as posições de Foucault sobre a mobilidade das *epistémês*, rugosidade dos solos e a delimitação arqueológica das fronteiras entre as configurações dos saberes e ciências, se mostraram definitivas dadas as inconclusões existentes na teoria geral das formações discursivas e ciências humanas; bem como, paralela e complementarmente, nem o que se problematizava em sua filosofia, tal como a realidade das camadas que constituem a história ou as configurações de forças que permitem espaços para emersão de saberes, revelou-se, de fato, um problema. Os solos não estão dados, embora se possa eventualmente supor, quais são e onde se encontram seus prováveis limites.

Bibliografia Principal

- BLANCHOT, M. **Michel Foucault tal y como lo imagino**, 1988, Pré Textos, Madrid
- DELEUZE, G. **Foucault, 2005**, Trad. José Carlos Rodrigues, Editora Brasiliense
- DREYFUS, H.L e RABINOW, P. **Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica**, 1995, Trad. Vera Portocarrero, Ed. Forense Universitária
- FOUCAULT, M. **Dits et Écrits**, 1994, 1954-1988, Ed. Galimard, Paris
- _____ **As Palavras e as Coisas**, 1995, Trad. Salma T. Muchail, Ed. Martins Fontes
- _____ **A Arqueologia do Saber**, 1972, Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, Ed. Vozes
- _____ **A Verdade e as Formas Jurídicas**, 1999, Trad. Roberto Machado e Eduardo Morais, Ed. Nau Editorial
- _____ **A Hermenêutica do Sujeito**, 2004, Trad. Márcio Alves Fonseca e Salma Tannus Muchail Martins Fontes
- _____ **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**, 1979, Trad. Maria. Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, Ed. Graal
- _____ **História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres**, 1984, Trad. Manuel Alberto, Ed. Graal.
- _____ **Microfísica do Poder**, 2005, Trad. Roberto Machado, Ed. Paz e Terra.
- _____ **Nietzsche, Freud e Marx: Theatrum Philosophicum**, 1987, Ed. Princípio
- _____ **Que és um Autor?** 1985, Universidad Autónoma de Tlaxcala
- FONSECA, M.A **Michel Foucault e a Constituição do Sujeito**, 1995, Educ.
- GROS, F. **Foucault: a Coragem da Verdade**, (Org.), 2004, Parábola Editorial
- KANT, I. **Crítica da Razão Pura**, 1999, Trad. V. Rohden e U. Moosburger, Ed. Abril
- _____ **1ª Prefácio da Crítica da Razão Pura**, 1989, Trad. A.F. Morujão e M.P. Santos, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- _____ **Idéia de História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita**, Trad. Ricardo Terra, 1986, Brasiliense.
- _____ **Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático**, 2006, Trad. Clélia Martins, Iluminuras
- LEBRUN, G. **Passeios ao Léu**, 1983, Ed. Brasiliense.
- MACHADO, R. **Ciência e Saber: A trajetória da arqueologia de Foucault**, 1981, Ed. Graal
- _____ **Foucault, a Filosofia e a Literatura**, 2005, Jorge Zahar
- MUCHAIL, S.T **Foucault e a história da filosofia**, 1995, Tempo Social; 7(1- 2):15/20
- _____ **Michel Foucault e o dilaceramento do autor**, 2002, Rev. Margem, 16, 129
- _____ **Foucault, Simplesmente: Textos Reunidos**, 2004, Ed. Loyola
- _____ **Foucault: Uma Introdução**, 1980, Rev. Trans/For/Ação, 127-40

- NIETZSCHE, F.W. **Ecce Homo: Como alguém se torna o que é**, 1995, Trad. Lourival de Queiroz, Cia. Letras.
- _____ **Sobre Verdade e Mentira no sentido Extramoral**, 1998, Trad. Rubens Rodrigues T. Filho, Ed. Martins Fontes.
- _____ **Obras Incompletas**, Trad. Rubens R. Torres Filho, 1974/1987, Ed. Abril
- PORTOCARRERO, V; CASTELO BRANCO, G. **Retratos de Foucault** (Org.), 2000, Nau Editora.
- REVEL, J. **Foucault - Conceitos Essenciais**, 2005, Trad. Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez, Editora Claraluz
- _____ **Scolies de Michel Foucault: de la transgression littéraire à la pratique politique** Multitudes Magazine, Paris, Mai/2003
- _____ **Individus, Citoyens, Singularités : une Analytique de la Subjectivité - I** Colóquio Internacional de Filosofia e Ciências do Homem, Lisboa, 2005
- ROUANET, S.P. **Homem e o Discurso (A Arqueologia de Foucault)**, (Org.), 1996, Ed. Tempo Brasileiro.
- TERNES, J. **Michel Foucault e o nascimento da modernidade**, 1995, R. Tempo Social.
- _____ **Pensamento Moderno e Normalização da Sociedade**, 2007, Inter-Ação Revista UFG, 32 (1): 47-67, jan./jun.
- TERRA, R.R. **Foucault Leitor de Kant: da Antropologia à Ontologia do Presente**, 1997, Revista Analytica, UFRJ, Vol 2, I
- TIEMPO (org) **Análisis de Michel Foucault**, 1970, (coletânea), Ed. Tiempo Contemporâneo, Buenos Aires. Textos de: Pierre Burgelin: *L'archéologie du savoir*, *Espirit*, 05, 1967, p: 843-861. Olivier d'Allones: *Michel Foucault: les mots contre les choses*, *Raison Présente*, 02, 1967, p. 29-41. Michel Amiot : *Le relativisme culturaliste de Michel Foucault*, *Les Temps Modernes*, 248, 1967, p. 1271-1298. Sylvie Le Bon : *Un Positiviste Désespéré : Michel Foucault*, 248, 1299-1319. Georges Canguilhem : *Mort de l'homme ou épuisement du Cogito?*, *Critique*, 242, 1967, p. 599-618. B. Balan, G.Dulac, G.Marcy, J.P.Ponthus, J. Proust, J. Stefanini, E. Verley: *Entretiens sur Foucault*, *Lá Pensée*, 137, 1968, p.3-37. Michel Foucault, *Respuesta al Círculo de Epistemología*, 1970, Ed. Tiempo Contemporâneo, p. 221-270 e *Lettre de Michel Foucault-Réponse de J. Stefanini*, *La Pensée*, 139, 1968, p. 599-618. Excertos : Versão de Luís Sérgio O.P. Lico.
- VEYNE, P. **Foucault Revoluciona a História in Como se Escreve a História**, 1982, Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Editora UNB.
- _____ **Le dernier Foucault et sa morale**, 1985, *Critique*, XLII, 471, 933, Paris

Bibliografia Complementar:

- ADINOLFI, V.T.S **Discurso Científico, Poder e Verdade**, 2006/2007, Revista Aulas 3
- ARISTOTELES, **Ética a Nicômaco - Poética**, 1987, Trad. Leonel Vallandro Ed. N. Cultural
_____ **Metafísica** Versión de Patricio de Azcárate Corral Medina y Navarro
(Biblioteca Filosófica), Madrid 1875, Universidade de Madrid.
- BAUDRILLARD, J. **Esquecer Foucault**, 1984, Trad. C. Mesquita H.Daniel, Ed. Rocco
- BERGSON, H. **Cartas, Conferências e Outros Escritos**, Trad. Franklin Leopoldo e Silva
1979/1984, Abril Cultural.
- CANGUILHEM, G. **O que é a Psicologia?**, 1973, Revista Tempo Brasileiro n. 30-31.
- CARVALHO, C. **Para compreender Saussure**, 2003, Ed. Vozes, 2003.
- CASTRO, E, **El Vocabulario de Michel Foucault. Un recorrido alfabético por sus
temas, conceptos y autores**, 2004, Universidad Nacional de Quilmes
- DOSSE, F. **História do Estruturalismo I e II**, 1994, Trad. Carmen Simões Costa e
Equipe Editora Ensaio – Unicamp.
- DURING. E. **A History of Problems: Bergson and the French Epistemological
Tradition**, 2004, Journal of the British Society for Phenomenology, V. 35, 1.
- ERIBON, D. **Michel Foucault y sus contemporáneos**, 1995, Nueva Visión, Buenos Aires
- FRANKLIN, K. **Os conceitos de Doxa e Episteme como determinação ética em Platão in
Educar**, 2004, 373, UFPR.
- LEOPOLDO E SILVA, F. **Bergson: Intuição e Discurso Filosófico**, 1989, Ed. Loyola.
- LÉVINAS, E. **Descobrimo a Existência com Husserl e Heidegger**, 1997, Trad. Fernanda
Oliveira, Ed. Piaget.
- MUÑOZ, Y.G.G **Escolher a Montanha: Os Curiosos Percursos de Paul Veyne**, 2006,
Humanitas
- _____ **Relações entre Diagnóstico e Subjetividade nos Percursos Foucaultianos**,
2006/2007, Revista Aulas 3, Unicamp.
- _____ **Foucault: Tempo Mascarado e em Explosão**, 2007, Artigo Não Publicado
- PLATÃO, **Diálogos**, Trad. Jorge Paleikat, 1971, Edições de Ouro
- _____ **A República**, 1987, Trad. Enrico Corvisieri, Nova Cultural
- PRADO JR, B. **Presença e Campo Transcendental: Consciência e Negatividade em
Bergson**, 1988, Edusp
- SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**, 1969, Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e
Izidoro Blikstein, Ed. Cultrix, USP
- TORRES FILHO. R.R. **Ensaio de Filosofia Ilustrada**, 2004, Ed. Iluminuras